

Flávio Antônio Gomes Ferreira

PEDRO: PROTÓTIPO DO DISCÍPULO DE JESUS

UMA ANÁLISE NARRATIVA DO PERSONAGEM PEDRO
NO EVANGELHO DE MATEUS

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vítório

Apoio: FAPEMIG

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2020

Flávio Antônio Gomes Ferreira

PEDRO: PROTÓTIPO DO DISCÍPULO DE JESUS

UMA ANÁLISE NARRATIVA DO PERSONAGEM PEDRO
NO EVANGELHO DE MATEUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

F383p	<p>Ferreira, Flávio Antônio Gomes</p> <p>Pedro: protótipo do discípulo de Jesus: uma análise narrativa do personagem Pedro no Evangelho de Mateus / Flávio Antônio Gomes Ferreira. - Belo Horizonte, 2020.</p> <p>115 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Bíblia. N.T. Mateus. 2. Jesus Cristo. 3. Discipulado. I. Vitório, Jaldemir. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título</p> <p>CDU 226.2</p>
-------	---

Flávio Antônio Gomes Ferreira

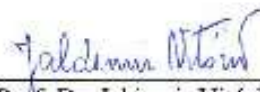
PEDRO: PROTÓTIPO DO DISCÍPULO DE JESUS

UMA ANÁLISE NARRATIVA DO PERSONAGEM PEDRO NO EVANGELHO DE
MATEUS

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 02 de dezembro de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jalcemir Vitorio / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Johan Maria Herman Jozef Konings / FAJE



Prof.ª Dr.ª Rita Maria Gomes / UNICAP (Visitante)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas graças concedidas, ao longo desse período de estudos, que me auxiliaram a vencer todas as dificuldades do caminho.

Agradeço a meu pai, Carlos Gomes da Rocha, pois sem sua generosa ajuda este sonho não teria sido realizado.

Agradeço a Maria Auxiliadora Cavalcante Martins (*in memoriam*), amiga incondicional, por ter sido luz a iluminar nas noites mais escuras de minha alma.

Agradeço aos professores e funcionários da FAJE, em especial a meu orientador, Prof. Dr. Jaldemir Vitório, pela ajuda fraternal nesta árdua batalha contra a ignorância.

Agradeço aos colegas de estudo, pela alegre partilha do conhecimento.

Agradeço a todos os colegas e familiares que, nestes últimos anos, me incentivaram nos estudos.

Agradeço a FAPEMIG.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é empreender uma análise narrativa do personagem Pedro no Evangelho de Mateus. A metodologia utilizada é a análise narrativa bíblica, um dos mais recentes métodos de exegese bíblica. Sua intenção é estudar as Escrituras aos moldes da literatura profana de ficção, sem ignorar suas especificidades. Analisando todos os enredos episódicos em que o personagem do primeiro discípulo de Jesus é nomeado, buscar-se-á elucidar sua função na catequese e as mensagens transmitidas por meio dele. Descrito com as feições dos seguidores do Mestre na Igreja mateana, simultaneamente, ele permite que os narratários se identifiquem com ele e, apropriando-se da narrativa, deem continuidade a ela em suas vidas. Pedro também é invocado enquanto fiador das tradições de Jesus que são transmitidas pelo Evangelho de Mateus sob seu patrocínio.

PALAVRAS-CHAVES: Pedro. Jesus Cristo. Discipulado. Evangelho de Mateus. Análise Narrativa.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to offer a narrative analysis of the character Peter in the Gospel of Matthew. Biblical narrative analysis is used as methodology, one of the most recent methods of biblical exegesis. Our intention is to study the Scriptures with the lens of profane fiction literature, without ignoring its specificities. Analyzing all the episodic plots in which the character of Jesus' first disciple is named, we elucidate his role in catechesis and the messages transmitted through him. Described with the features of the Master's followers in the Matthean Church, simultaneously, he allows the narratees to identify themselves with him and, appropriating the narrative lines, to continue them in their lives. Peter is also invoked as a guarantor of the traditions of Jesus that are transmitted by the Gospel of Matthew under his patronage.

KEYWORDS: Peter. Jesus Christ. Discipleship. Matthew's Gospel. Narrative Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
 1 ANÁLISE NARRATIVA BÍBLICA – ALGUNS ELEMENTOS PARA A LEITURA DA CATEQUESE MATEANA.....	12
1.1 Narrativa	13
1.2 Narrativas bíblicas	14
1.3 Narrador	18
1.4 Ficção e história nas narrativas bíblicas.....	19
1.5 Texto, leitor e interpretação	20
1.5.1 Autor real e implícito, leitor real e implícito.	21
1.5.2 Construção do leitor implícito	21
1.6 Clausuras dos textos bíblicos	22
1.7 Enredo	23
1.8 O personagem	26
1.8.1 Classificação dos personagens	26
1.8.2 Caracterização das personagens.	28
1.8.3 O personagem Deus	30
1.8.4 A descoberta da identidade do personagem.....	31
1.9 O ponto de vista	32
1.10 Enquadramento (ou ambientação)	33
1.11 Tempo	35
1.12 Conclusão.....	36
 2 MULTIDÃO E DISCÍPULO: MODELOS DE RELAÇÃO COM O MESTRE.....	38
2.1 Contextualização externa do Evangelho de Mateus	39
2.2 Contextualização interna do Evangelho de Mateus	44
2.2.1 A teologia mateana	46
2.2.2 Estrutura do evangelho de Mateus.....	48
2.3 O <i>discípulo</i> e a <i>multidão</i> no Evangelho de Mateus.....	50
2.4 Da multidão ao discipulado	52
2.4.1 Jesus chama ao seu seguimento (Mt 4,17-25)	53
2.4.2 As migalhas que caem da mesa (Mt 15,21-28).....	59
2.5 Conclusão.....	65

3 O PERSONAGEM DE PEDRO NO EVANGELHO DE MATEUS.....	67
3.1 A vocação de Pedro (Mt 4,18-20).....	68
3.2 Jesus na casa de Pedro (Mt 8,14-15).....	69
3.3 O envio dos doze (Mt 10,1-4).....	70
3.4 “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” (Mt 14,22-33).....	71
3.5 A incompreensão de Pedro (Mt 15,15).....	75
3.6 “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16,13-20)	76
3.7 “Afasta-te! Para trás de mim Satanás!” (Mt 16,21-28).....	80
3.8 “Senhor, é bom estarmos aqui” (Mt 17,1-8).....	83
3.9 Pedro, intermediário do ensino de Jesus (Mt 17,24-27)	85
3.10 Sempre perdoar (Mt 18,21-22)	86
3.11 A recompensa do discípulo (Mt 19,16-30)	86
3.12 O anúncio da traição de Pedro (Mt 26,30-35).....	88
3.13 “Então, não tiveste força para vigiar nem uma hora comigo!” (Mt 26,36-46)	89
3.14 A traição de Pedro (Mt 26,58.69-75).....	91
3.15 Conclusão.....	95
 4 PEDRO: PROTÓTIPO DO DISCÍPULO NO EVANGELHO DE MATEUS	97
4.1 Pedro, fiador das tradições de Jesus e modelo real de discípulo	98
4.2 A fé de Pedro como fundamento da Igreja de Jesus	100
4.3 Pedro, fiador da <i>halaká</i> de Jesus.....	104
4.4 Pedro, fiador da recompensa para os discípulos de Jesus.....	105
4.5 Pedro, resistente à cruz de Jesus	105
4.6 Conclusão.....	108
 CONCLUSÃO.....	110
 REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

A presente dissertação analisa o personagem Pedro no Evangelho de Mateus. Dentro do conjunto da catequese mateana, compreender-se-á que mensagem o narrador quer transmitir por meio dele e quais meios literários utiliza para tal.

Para atingir o escopo desta pesquisa, serão utilizados os princípios metodológicos da *análise narrativa bíblica*. Porém, em caráter auxiliar, não se dispensarão outras metodologias que eventualmente corroborem atingir o objetivo proposto¹.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. No primeiro, faz-se uma breve explanação da metodologia principal utilizada. Abordam-se apenas alguns conceitos considerados mais relevantes para esta dissertação, tais como: narrativa, narrador, texto literário, enredo, personagem, enquadramento, ponto de vista, tempo e outros. A *análise narrativa bíblica* corresponde a uma ramificação da narratologia, o estudo dos relatos. Ela se propõe a estudar os textos sagrados da mesma forma que a literatura profana. Trata-se de um método de pesquisa bíblica recente, iniciado com a obra de Robert Alter, *A arte da narrativa bíblica*².

O segundo capítulo discorre sobre os discípulos e a multidão no referido evangelho. Para tal, divide-se o tema em quatro partes. Na primeira, elabora-se um sucinto apanhado das condições históricas, sociais e religiosas em que foi escrito o evangelho mateano. Na parte seguinte, apresenta-se a macroestrutura da catequese de Mateus. Na terceira parte, expõem-se as principais características dos discípulos e da multidão nessa catequese. Já na última parte, a fim de exemplificar a temática, é feita a análise narrativa de dois enredos episódicos. O primeiro, Mt 4,17-25, mostra as reações distintas dos discípulos e da multidão em face do início da ação ministerial de Jesus. O segundo, Mt 15,21-28, narra a persistência de uma mulher estrangeira, com todas as características de discípula, que clama pela salvação de sua filha endemoninhada.

No terceiro capítulo, todas as perícopes que se referem ao personagem Pedro nominalmente são analisadas. Embora, no conjunto da catequese, tudo o que se diz dos Doze também seja atribuível a Pedro, uma vez que ele faz parte desse grupo, apenas se fará referência a eles quando necessário. Ademais, não se pretende fazer uma análise exaustiva dos enredos

¹ Todas as metodologias de exegese bíblica são complementares, uma vez que nenhuma delas é capaz de abstrair toda a riqueza das Sagradas Escrituras (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*: discurso de sua santidade o papa João Paulo II e documento da Pontifícia Comissão Bíblica. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 46. Doravante, esse documento será referido com a sigla PCB).

² ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

episódicos, mas apontar a relevância de Pedro nas cenas. Ou seja, que mensagem o narrador deseja transmitir por meio do *primeiro* discípulo.

O quarto e último capítulo recolhe os resultados alcançados nos três capítulos precedentes. De tudo o que foi pesquisado, percebem-se as principais características do personagem Pedro no Evangelho de Mateus e sua função narrativa (ou teológica) dentro da catequese. Levando-se em consideração a forma como foi sendo construído ao longo da narrativa, identifica-se que resposta pragmática o narrador intencionou suscitar em seus narratários.

A relevância desta dissertação repousa em pelo menos dois fatores. Primeiro, a descrição das características reais de um autêntico discípulo de Jesus na Igreja mateana. Esse discípulo, retratado em Pedro, apresenta várias incongruências em seu discipulado, mas possui o essencial para continuar seguindo o Mestre e se tornar “pescador de homens”, isto é, discípulo-apóstolo, por demonstrar possuir fé, mesmo pouca. O segundo fator permite vislumbrar que Mateus, em sua estratégia narrativa, vale-se do personagem petrino para legitimar seu ensino sobre as tradições do Messias Jesus. O evangelista utiliza-o como elo entre o Jesus terreno e a Igreja da qual faz parte a primeira destinatária de sua catequese.

Dois apontamentos fazem-se necessários. Primeiro, optou-se em transcrever da TEB³ todos os textos bíblicos desta dissertação, utilizando a normatização para textos longos. Em segundo lugar, para efeitos metodológicos e de formatação de acordo com o padrão ABNT e disposição do Manual do SOM, guia de redação da FAJE, as citações em língua estrangeira aparecerão, no texto do trabalho, em tradução feita pelo autor da pesquisa, com reprodução do texto em língua original em nota de rodapé, dispensada a anotação ‘tradução nossa’.

³ BÍBLIA. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

1 ANÁLISE NARRATIVA BÍBLICA – ALGUNS ELEMENTOS PARA A LEITURA DA CATEQUESE MATEANA

Contar histórias é uma das mais antigas atividades humanas de que se tem notícia. O ser humano sempre as contou sobre os mais diferentes assuntos, sejam reais ou imaginárias. A Bíblia é, também, um grande livro de histórias, pois nela a experiência que o povo tem de Deus é expressa narrativamente, sendo Deus o grande personagem protagonista⁴. Contudo, além de contar histórias, o ser humano sempre procurou interpretá-las corretamente. A Análise Narrativa Bíblica é fruto desse esforço humano.

Neste primeiro capítulo, far-se-á uma pequena explanação do método exegético da Análise Narrativa Bíblica, por ser o arcabouço teórico a partir do qual se pretende atingir o escopo desta dissertação. “A exegese narrativa propõe um método de compreensão e de comunicação da mensagem bíblica que corresponde à forma de relato e de testemunho”⁵.

Para melhor compreender os mecanismos de transmissão dessa mensagem, será necessário discorrer sobre alguns temas. Será abordada a relação existente entre ficção e história nas narrativas bíblicas, para se perceber o real interesse dos autores bíblicos que não tinham a preocupação historiográfica que se tem hoje.

Outro ponto a ser abordado é a noção de texto literário e a exigência de um leitor capacitado para interpretá-lo. A nova conceituação sobre texto literário é o que fundamenta a Análise Narrativa.

Serão elencadas algumas características da narração, das narrativas bíblicas e do narrador. Explicar-se-á como é feita a clausura dos textos bíblicos. Ela permite distinguir os episódios narrativos da macronarrativa. Também serão dados alguns conceitos narratológicos de fundamental importância para a Análise Narrativa Bíblica. São eles: enredo, personagem, ponto de vista, enquadramento e tempo.

É o conjunto de todos esses aspectos que permite uma melhor interpretação das narrativas bíblicas. A correta interpretação dos textos explicita a mensagem que o autor quis transmitir e demanda do leitor uma resposta pragmática.

⁴ Para Ska as narrativas bíblicas não demonstram nada similar às grandes epopeias da Antiguidade. Ao contrário, seus relatos são de estilo prosaico. São narrativas praticamente populares nas quais quase não existe exaltação de heróis. O estilo épico não floresceu em Israel provavelmente por não conseguir expressar os feitos israelitas, pois eles tiveram mais derrotas que vitórias para contar. A literatura bíblica não possui o estilo refinado da literatura clássica. Embora seu conteúdo seja nobre e elevado, sua forma não o é. Não podendo contar e cantar seus feitos históricos e seus “heróis” aos moldes épicos, a literatura bíblica exaltou seu único e verdadeiro herói: YHWH. De modo que a personagem Deus deixou como coadjuvante os possíveis heróis (SKA, Jean-Louis. *Antigo Testamento*: 1 Introdução. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 26-35).

⁵ PCB, 2006. p. 50.

Após explanados esses pontos iniciais básicos, ficará justificada a utilização dessa nova abordagem exegética para o estudo da personagem Pedro no Evangelho de Mateus, que é o escopo desta dissertação.

Frisa-se que a intenção aqui não é esmiuçar todas as possibilidades do método da análise narrativa. Isso foge ao escopo desta dissertação. Apenas pontuam-se alguns aspectos dessa metodologia que facilite a compreensão dessa dissertação.

1.1 Narrativa

Narrar não é apenas contar fatos que se sucedem. É narrar fatos que se interligam numa corrente de sentido coerente que se dá no tempo⁶. É construir um mundo na narrativa com seus códigos e regras, que façam esse mundo narrativo girar pleno de sentido no tempo. Para que haja uma narrativa, é preciso que haja ações que se sucedam no tempo, personagens que desenvolvam a narrativa, um enredo que unifique as micronarrativas numa macronarrativa e a estruturação do enredo numa relação de causa e efeito. Além disso, talento para articular todos esses elementos. Como diz Vitório, “a arte de narrar consiste na capacidade de, entrelaçando os fatos, criar um emaranhado de causalidades e encaminhar tudo para um momento concentrado de tensão, a exigir uma solução”⁷.

A narração, de qualquer natureza, demanda talento, dinamicidade, coerência, confiabilidade, plausibilidade, historicidade, entre outros atributos, pois, mais que suscitar interesse em seus narratários, ela precisa afetá-los de modo a instigá-los, ou mesmo obrigá-los, a reagir. Quando isso acontece, significa que a narração conseguiu atingir seu objetivo de provocar uma resposta de seu destinatário, que se envolveu na narrativa. Quanto mais habilidoso for o narrador, maior a probabilidade de ele atingir sua meta, que será ainda mais facilmente alcançada se o *leitor real* se revestir das roupas do *leitor implícito*.

⁶ Segundo Gancho, no texto narrativo encontrar-se o tema, o assunto e a mensagem da narrativa. Ela define esses pontos assim: “Tema é a ideia em torno da qual se desenvolve a história. Pode-se identificá-lo, pois corresponde a um substantivo (ou expressão substantivada) abstrato. Assunto é a concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo. Pode-se identificá-lo nos fatos da história e corresponde geralmente a um substantivo (expressão substantiva) concreto. Mensagem é um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida ou ouvida. Configura-se como uma frase. Mas cuidado: nem sempre a mensagem equivale à moral da história” (GANCHO, Cândida Vileas. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2006. p. 34).

⁷ VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 22.

1.2 Narrativas bíblicas

A interpretação das narrativas bíblicas variou consideravelmente ao longo dos séculos: desde a compreensão de fatos historiográficos e de palavras escritas pelo próprio Deus (na Idade Média) à suspeita de serem lendas sem grande valor normativo, escritas pelos homens e cheias de erros (na Modernidade).

Em fins do século XIX, iniciou-se um processo de revalorização das narrativas pelas ciências humanas. Tal fato foi benéfico para os estudos bíblicos. Começou-se a reconhecer o conteúdo profundamente teológico das narrativas bíblicas enquanto fruto da experiência humana condicionada a seu tempo e a um lugar, mas que transmite uma mensagem que extrapola essas categorias.

As narrativas bíblicas são testemunhos de uma experiência do sagrado. Testemunhar significa partilhar essas experiências, e não criar teorias imutáveis sobre elas. Todos os tipos de literatura contidos na Bíblia expressam, cada um a seu modo, a experiência humana sobre Deus. Dessa forma, todas essas expressões do sagrado devem ser compreendidas dentro da macronarrativa que é o conjunto da Bíblia⁸. Haja vista que ela

É feita de palavras, de frases, de relatos ou de oráculos, de poesias e de orações, de cartas e de reflexões de todos os tipos. A ‘verdade’ da bíblia, contudo, não deve ser buscada em um ou em outro dos elementos que a compõem, nem tampouco numa serie privilegiada de tais elementos. A verdade está na composição final que reúne todos os elementos e faz deles uma única obra orgânica. Esta composição final é o fruto de uma longa pesquisa e de uma série de respostas para as mesmas perguntas: Quem somos? Qual é o nosso futuro? Todo o Antigo Testamento tenta responder àquelas perguntas e o Novo Testamento dá as últimas respostas⁹.

Robert Alter¹⁰ foi o primeiro a apresentar um estudo consistente da Bíblia Hebraica como obra literária, em seu livro *A arte da narrativa bíblica*, de 1981. Ele foi influenciado pela nova metodologia de análise da literatura de ficção, e a utilizou para demonstrar técnicas e convenções da narratividade bíblica. Como ele mesmo diz:

A imaginação literária tem seu próprio ímpeto, mesmo numa tradição de escritores tão imbuídos de propósitos teológicos [...] Se, no entanto, não nos dermos conta de que os criadores da narrativa bíblica eram escritores que, como quaisquer outros, entregavam-se à exploração dos recursos formais ou imaginativos de seu meio

⁸ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus. In: *Leituras 3: Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 189-195.

⁹ SKA, 2018, p. 66-67.

¹⁰ Ele não é teólogo nem biblista, mas um “judeu, professor de hebraico e de literatura comparada” (PARMENTIER, Elisabeth. *A escritura viva: Interpretações cristãs da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2009, p.182).

ficcional – às vezes captando a plenitude de seu tema em meio ao próprio jogo da exploração – perderemos grande parte do que as histórias bíblicas têm a nos dizer¹¹.

Alter¹² insiste que o texto bíblico, embora sucinto, não é simplista nem de montagem (estrutura) primitiva, mas complexa. Segundo ele, “precisamos compreender melhor é que a visão religiosa da Bíblia adquire profundidade e sutileza justamente por ser apresentada mediante os mais sofisticados recursos da prosa de ficção”¹³.

Inspirada pelos estudos de Alter e pela nova crítica literária, desenvolveu-se a *análise narrativa* dos textos bíblicos, que é uma derivação da narratologia (estudo narrativo dos relatos), dedicando-se ao estudo da Bíblia enquanto literatura. Assim, a análise narrativa é a aplicação aos textos bíblicos do novo aparato crítico da literatura contemporânea, respeitando suas especificidades e tendo em vista uma resposta efetiva que o texto espera de seu leitor. Segundo Ska¹⁴, sua finalidade fundamental:

Consiste em compreender qual é o itinerário que o texto propõe ao leitor: as perguntas que lhe são postas, os elementos de respostas que aí se podem encontrar, as impressões, as ideias, os valores e os juízos que se lhe oferecem e a síntese que só ele pode operar¹⁵.

Ravasi salienta a importância de compreender bem as técnicas utilizadas nas narrativas bíblicas, pois, além de compreender melhor a Bíblia, pode-se reapresentá-la hoje narrativamente, tornando-a mais significativa para os tempos hodiernos¹⁶.

¹¹ ALTER, 2007, p. 78.

¹² Em sua obra, Alter se atém a analisar os livros anteriores ao período exílico. Não segue a nova narratologia de cunho francesa e estadunidense por achá-las de pouco proveito. Crê não ser adequado reunir a literatura hebraica e a do Novo Testamento no mesmo horizonte de referência crítica, pois este foi escrito em grego, em época distinta e com princípios literários diferentes daquela (ALTER, 2007, p. 9-10). Entretanto, outros narratólogos bíblicos não concordam totalmente com ele nesse ponto, pois usam seus estudos como referência para também analisar o Novo Testamento.

¹³ ALTER, 2007, p. 42

¹⁴ Ska faz três objeções no tocante à ressalva imposta à análise narrativa de não ser possível utilizar a metodologia da literatura moderna de ficção para estudar a Bíblia. 1º) A Bíblia não é um tratado de teologia, mas traz em narrativas os grandes momentos da revelação. As narrativas bíblicas se inserem no tempo e na história e o “leitor reconstrói aquela experiência no tempo da própria leitura” (SKA, 2018, p. 18). 2º) A Bíblia é uma das fontes da literatura ocidental, como afirmou Auerbach dentre outros. “Nesse sentido, uma análise literária da Bíblia apenas reconhece nas narrativas bíblicas a origem de certas técnicas que fazem parte de nosso patrimônio” (SKA, 2018, p. 19). 3º) Diz respeito às respostas que ambas as leituras esperam de seus leitores. Enquanto a leitura ficcional é um convite para o leitor “descobrir uma nova parte da realidade humana”, as narrativas bíblicas são um convite à conversão (SKA, 2018, p. 19). E tal convite traz à baila o livre arbítrio do leitor, o que compromete sua existência (SKA, 2018, p. 19-20).

¹⁵ SKA, 2011, p. 129.

¹⁶ Ele continua dizendo que “não seria mal que os pregadores aprendessem a empregar preferentemente símbolos e narrativas, mesmo porque o homem da atualidade, habituado à televisão que substancialmente se move através de imagens, não se contenta em ouvir, escutar um conceito, mas tem fome de imagens, quer ver, e a televisão confirma essa necessidade acompanhando sempre a fala com a filmagem” (RAVASI, Gianfranco. *Interpretar a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 44).

Ska recorda serem várias as escolas de análise narrativa e com significativas diferenças, mas “elas convergem em relação a um ponto essencial: o sentido de um relato é o resultado de um processo de leitura”¹⁷. Essa variedade de escolas justifica a variedade de nomenclaturas para os mesmos conceitos. Nesta dissertação, optou-se em deixá-los lado a lado em alguns casos.

Ao contrário do método histórico-crítico (diacrônico), que encara o texto literário como um documento que abre as portas do passado que se encontram por detrás do texto, a exegese literária vê no texto um universo de sentido em si mesmo, não se prendendo a seu autor, nem a seu destinatário primeiro, nem ao contexto de ambos¹⁸. Ela considera simultaneamente seus aspectos histórico (acontecimentos fundadores) e ficcional¹⁹.

As narrativas bíblicas estão repletas de lacunas, perguntas sem respostas, “falta de nexos”, elipses etc. Sendo, justamente, dessas questões que a análise narrativa se ocupa. E, aonde o texto não foi suficientemente claro, faz-se necessário que o leitor coopere completando no texto o que propositadamente lhe falta. Na análise narrativa, o leitor tem um papel central na descoberta de sentido para o texto. Como diz Eco, “a cooperação textual é fenômeno que se realiza, repetimo-lo, entre duas estratégias discursivas e não entre sujeitos individuais”²⁰.

Todavia, a interpretação não se faz de qualquer modo. Há distinção entre o uso livre de um texto e da interpretação de um texto aberto. O primeiro atende a uma demanda imaginativa, sendo uma leitura de fruição (ou gozo). O segundo exige uma interação entre as estratégias do autor e a resposta do leitor modelo (ou implícito), não podendo interpretá-lo livremente, e ampliando-se o universo das interpretações legítimas²¹.

Para Parmentier²², o modelo narrativo não é um método de exegese, mas um outro olhar sobre o texto, considerando sua relação com os leitores e sua relevância para a sociedade hodierna. Ela explica que a análise narrativa propugna que a teologia repousa primeiramente na experiência de encontro entre o homem e Deus, que só posteriormente é formulada para ser melhor interpretada. A formulação dessa experiência religiosa se adequa melhor à narração, na

¹⁷ SKA, 2018, p. 13.

¹⁸ Segundo Eco, a utilização de pronomes implícitos ou explícitos não indica um autor ou leitor específicos, mas são estratégias textuais. Ao se utilizar um sujeito falante no texto, que “não é senão uma estratégia textual capaz de estabelecer conexões semânticas”, isso suscita um leitor modelo intelectualmente capaz de realizar operações interpretativas que o texto exige (ECO, Umberto. *Lector in fabula: A cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, p. 45). Nos textos de vasta audiência, não há um emissor específico nem um destinatário específico, mas emissor e destinatários são papéis actanciais do enunciado. Ao autor (emissor), cabe evocar correlações semânticas, e, ao leitor modelo (destinatário), cabe atualizá-las e compartilhá-las. Autor e leitor modelos são diferentes tipos de estratégias textuais (ECO, 1986, p. 44-45).

¹⁹ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Campinas: Papirus, 1997, p. 315-333.

²⁰ ECO, 1986, p. 46.

²¹ ECO, 1986, p. 43-44.

²² PARMENTIER, 2009, p. 204-205.

qual se pode testemunhar o que viveu e compartilhar tal experiência. O narrador que dá testemunho de sua experiência não se iguala a um técnico tecendo teorias. Ele “só fornece sua interpretação e suas imagens pessoais e não tem nenhuma vontade de impor um sentido obrigatório”²³. Nesta perspectiva, as narrativas nunca findam, pois o narratário, uma vez afetado por elas, pode reproduzir em sua vida o seu sentido, dando-lhes prosseguimento.

Alter e Ska elencam algumas características das narrativas bíblicas do Antigo Testamento que igualmente são válidas para o Novo Testamento. Elas são sucintas e objetivas. Não se desperdiça tempo relatando em minúcias aquilo que não seja indispensável dentro do projeto narrativo do autor²⁴. O narrador prioriza a ação²⁵ e os diálogos nas narrativas, e, mesmo que não seja explícito, as narrativas expressam sempre uma reflexão teológica visando a relação do homem com Deus²⁶. Como era comum na Antiguidade ocidental, as narrativas valorizam o que é mais antigo (Mt 5,17; Gl 3,17-19; Gn 28,10-22). Mesmo com a superação da interpretação de antigos relatos, os textos mais antigos não foram descartados, mas foram mantidos lado a lado com os mais “novos”, sem a preocupação de harmonizá-los²⁷. Israel se apegou a suas tradições do passado por elas orientarem o povo no presente, tendo em vista o futuro. “Se é verdade que o mundo antigo é conservador, também é verdade que a tradição conserva apenas aquilo que tem valor para o presente”²⁸, sendo que os vários acréscimos feitos em numerosos textos demonstram a intenção de atualizá-los, a fim de se tornarem mais significativos frente às novas realidades²⁹.

²³ PARMENTIER, 2009, p. 205.

²⁴ “Com a mais rigorosa economia de meios, a narrativa bíblica nos leva muitas vezes a refletir sobre a complexidade das motivações e ambiguidades do caráter, pois estes são aspectos essenciais de uma visão do homem – criado por Deus e desfrutando ou suportando todas as consequências da liberdade humana” (ALTER, 2007, p. 43).

²⁵ Segundo Ska, é relevante na análise narrativa o estudo do tecido verbal da narração, uma vez que os verbos a impulsionam. Primeiramente, essa metodologia distingue as partes narrativas do texto do discurso direto, já que as formas verbais são distintas. Segundo, nas partes narrativas em hebraico, em que os verbos estão geralmente no passado, estabelece-se uma hierarquia de valores das ações. Apontam-se as ações descritas em primeiro plano com verbos no passado remoto. As ações que estão no fundo com verbos quase sempre no imperfeito. E apontam-se os elementos que compõem o cenário ou quadro, descritos com proposições especificantes, com verbos no imperfeito e outros. Assim, são descritos os três aspectos da ação: ação pontual (primeiro plano); ação de fundo, contínua e repetida; e dados estáticos (cenário ou quadro) (SKA, Jean-Louis. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio. *Metodologia do Antigo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2011, p. 130-132).

²⁶ ALTER, 2007, p. 260.

²⁷ SKA, 2018, p. 45-46.

²⁸ SKA, 2018, p. 46.

²⁹ Alter ressalta o caráter compósito dos textos da Bíblia hebraica e diz que, “a um exame mais minucioso, logo se vê que o texto bíblico é múltiplo e fragmentado [...]. Um século de trabalho analítico levantou sólidos argumentos para provar que, muitas vezes, quando ingenuamente imaginamos estar lendo um texto, o que temos, na realidade, é uma costura contínua de textos anteriores, proveniente de tradições literárias divergentes, de revisões posteriores na forma de glosas, costuras, fusões, e assim por diante” (ALTER, 2007, p. 198). Essa fragmentação do texto bíblico é expressão da multiplicidade de interpretações possíveis ao longo dos tempos.

1.3 Narrador

O narrador é o elemento estruturador da narrativa, pois ela não existe sem ele. “O narrador, ou a instância narrativa, é a voz que articula a narração. É o sujeito da enunciação, tão ficcional quanto qualquer outro personagem”³⁰, não podendo ser confundido com o autor da obra. “O que interessa ao narrador não é apenas ou primeiramente a objetividade dos dados, e sim o significado dos acontecimentos para seus destinatários, e os meios utilizados na composição das narrações são selecionados em função desse objetivo”³¹.

Ao narrar na terceira pessoa, coloca-se de fora dos fatos, sendo onisciente³² e onipresente. Dessa forma, ele vai mostrando (*showing*) o que acontece e, ao dar voz aos personagens no discurso direto, vai contando (*telling*) os fatos. Conforme Resseguie:

Um narrador onisciente na terceira pessoa conta a história de fora e menciona os personagens pelo nome e por meio de pronomes pessoais. [...] Os autores dos evangelhos são narradores oniscientes em terceira pessoa que circulam entres os personagens e os eventos, penetrando nos pensamentos de alguns e aprofundando as motivações de outros, formulando comentários e assim por diante³³.

A voz narrativa constitui-se também pelos comentários explícitos e implícitos feitos na narrativa, a fim de facilitar a compreensão do texto. O *comentário explícito* é quando o narrador se dirige diretamente ao leitor ou acrescenta uma glosa explicativa (Mt 10,4b). O *comentário implícito* “pode ser revestido de inúmeras formas: alusões intertextuais ou transculturais, simbolismo, polissemia que conduz às vezes ao mal-entendido, à ironia, ao humor”³⁴ (Mt 27,47).

Ao narrar na primeira pessoa, o narrador é mais um personagem da história, não sendo onisciente nem onipresente. Esse narrador-personagem pode variar entre *narrador testemunha* (que testemunhou os fatos que está narrando, mesmo que não tenha grande relevância na

³⁰ MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 38

³¹ SKA, Louis. *A palavra de Deus na narrativa dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 48

³² “Os narradores das histórias bíblicas são naturalmente ‘oniscientes’, e esse termo teológico, transferido para a técnica narrativa, tem para eles uma razão de ser especial, já que se presume que conheçam de verdade tudo o que Deus conhece, como volta e meia nos fazem lembrar quando descrevem intenções e juízos divinos, inclusive o que ele profere para Si mesmo” (ALTER, 2007, p. 234).

³³ “Un narratore onnisciente in terza persona racconta la storia dall’esterno e menciona i personaggi per nome e per mezzo dei pronomi personali. [...] Gli autori dei vangeli sono narratori onniscienti in terza persona che spaziano tra i personaggi e gli eventi, penetrando nei pensieri alcuni e approfondando le motivazioni di altri, formulando commenti e così via” (RESSEGUIE, James L. *Narratologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia Editrice, 2008, p. 158).

³⁴ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 130

história), como em Jo 1,14, e *narrador protagonista* (sendo o personagem central da história), como em Ap 4,1; 5,2.

1.4 Ficção e história nas narrativas bíblicas

Ao desenvolver sua tese sobre o entrecruzamento da história e da ficção, Ricoeur diz que ambas só alcançam suas intencionalidades próprias tomando empréstimos da intencionalidade uma da outra. Para ele, a história³⁵ se serve da ficção para refigurar³⁶ o tempo e vice-versa. Segundo Ricoeur, os fatos fictícios narrados pela voz narrativa pertencem ao seu passado, e o pacto de leitura só logra êxito se o leitor aceitar tal fato, isto é, a historicização da ficção. Concomitante a isso, a escrita da história usa categorias da literatura para contar a história, isto é, a ficcionalização da história³⁷. De sorte que um livro de história pode também ser lido como romance tendo em vista a cumplicidade entre autor implícito e leitor real. Como resultado desse pacto de leitura, “os historiadores antigos não hesitavam em pôr na boca de seus heróis discursos inventados que os documentos não garantiam, mas apenas tornavam plausíveis”³⁸.

Aplicando essas observações para os relatos bíblicos, nota-se que as narrativas bíblicas foram geradas de acontecimentos fundadores que foram interpretados e acrescidos de ficção para expressar seu sentido. Alter diz que:

De fato, a narrativa bíblica nos proporciona um exemplo particularmente instrutivo do nascimento da ficção, pela transição, muitas vezes cativante, do enunciado genérico, da lista genealógica, do sumário de personagens e atos à cena bem delineada e a interação concreta de personagens. Especificando detalhes narrativos e inventando diálogos que individualizam os personagens e dão foco as suas relações, os escritos bíblicos conferem aos acontecimentos que relatam um tempo e um lugar ficcionais³⁹.

³⁵ A história “reinscreve o tempo da narrativa no tempo do universo. Trata-se de uma tese ‘realista’, no sentido de que a história submete sua cronologia à única escala de tempo, comum ao que chamamos de ‘história’ da terra, ‘história’ das espécies vivas e ‘história’ do sistema solar e das galáxias. Essa reinscrição do tempo da narrativa no tempo do universo, segundo uma única escala, continua sendo a especificidade do modo referencial da historiografia” (RICOEUR, 1997, p. 317).

³⁶ Ricoeur designa “com o termo de *configuração* a organização interna do tipo de discurso examinado – nesse caso particular, a narrativa – e chamo de *refiguração* o efeito de descoberta e de transformação exercido pelo discurso sobre o ouvinte ou o leitor no processo de recepção do texto” (RICOEUR, Paul. *Amor e justiça*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 43).

³⁷ Nas palavras do próprio Ricoeur “a história é quase fictícia, tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados ‘diante dos olhos’ do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passividade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história” (RICOEUR, 1997, p. 329).

³⁸ RICOEUR, 1997, p. 323.

³⁹ ALTER, 2007, p. 72.

Os aspectos histórico e ficcional das narrativas bíblicas são articulados em função da transmissão de uma mensagem. Sua finalidade não é que o leitor se volte e se prenda ao passado, mas que continue interpretando (no presente) as experiências desses acontecimentos fundadores. “Espera-se do que lê que sinta não apenas a sedução ou o prazer da leitura, mas que de alguma maneira se deixe impregnar do segredo que o texto guarda”⁴⁰. Espera-se que o leitor das narrativas bíblicas acolha a fé proposta e se deixe guiar por ela.

1.5 Texto, leitor e interpretação

Para a *análise narrativa*, o texto literário é um processo de comunicação multifacetado. Ela considera a história real e a ficcional conjuntamente, tendo o texto literário autonomia diante do contexto de sua criação. E a interpretação mais adequada se dá seguindo os pontos de referência (ou balizas) contidos no próprio texto. Essas balizas são na verdade estratégias narrativas que o texto traz a seus leitores, para ajudá-los a chegarem à resposta pragmática pretendida pelo texto⁴¹.

Para Eco, elas também servem para suprir a ausência do reforço extralinguístico presente na comunicação face a face⁴². Ao elaborar o texto, o autor parte da premissa que o seu destinatário é dotado das mesmas competências que ele para conferir conteúdo às expressões que usou (ou para decodificar os códigos que utilizou). O autor prevê que seu leitor modelo é capacitado para colaborar na atualização textual⁴³. Assim, o texto atingirá melhor seus intentos na mesma proporção em que o leitor real for mais parecido com o leitor modelo⁴⁴, uma vez que “o texto é um artifício sintático-semântico-pragmático cuja interpretação prevista faz parte do próprio projeto gerativo”⁴⁵.

⁴⁰ MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: Bíblia e interpretação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008, p. 40

⁴¹ Conforme Ska: “a dimensão propriamente religiosa do relato é inseparável do modo de reviver o episódio. Ela não consiste numa ‘ideia’, mas na qualidade da participação no drama como ele se desenvolve aos olhos do leitor [...]. O sentido daquele relato não é, portanto, uma ‘coisa’ que bastaria apreender rapidamente no texto; ele está ligado a um ato que exige do leitor um exercício de assimilação para entrar no mundo da narração e orientar-se nele segundo os pontos de referência próprios de tal universo” (SKA, 2018, p. 74).

⁴² “Na comunicação face a face intervêm infinitas formas de reforço extralinguístico (gestual, ostensivo, e assim por diante) e infinitos procedimentos de redundância e feedback, um em apoio do outro. Sinal de que nunca existe mera comunicação linguística, mas atividade semiótica em sentido lato, onde mais sistemas de signos se completam reciprocamente” (ECO, 1986, p. 39).

⁴³ Segundo Eco não é função da cooperação textual demonstrar, por exemplo, os traços da personalidade esquizoide do autor do texto. Mesmo que o texto eventualmente demonstre em sua estrutura essa característica de seu autor, o texto não demanda um leitor modelo para fazer esse tipo de observação. Cabe ao momento posterior da atualização semântica qualquer avaliação crítica do texto (ECO, 1986, p. 156).

⁴⁴ ECO, 1986, p. 39.

⁴⁵ ECO, 1986, p. 51.

1.5.1 Autor real e implícito, leitor real e implícito.

A análise narrativa faz a distinção entre *autor real* e *autor implícito* e entre *leitor real* e *leitor implícito*. Nas narrativas, o *autor real* é quem efetivamente compôs as narrativas, mas este se perdeu no tempo histórico. O que se pode buscar é o *autor implícito*⁴⁶, que se revela na obra a partir de suas estratégias narrativas, do estilo, dos personagens e dos valores expressos. Da mesma forma, não se tem acesso aos primeiros leitores do texto, mas pode-se tentar descobrir o *leitor implícito* na obra. Pode-se inferir as características idealizadas dos leitores a partir das competências que devem ter para compreender o texto. De qualquer forma, o *leitor real* são todos os que leem a obra, mas, como diz Eco⁴⁷, para se realizar efetivamente como leitor implícito (modelo), o leitor real deve ser capaz de se apropriar dos códigos do autor implícito.

1.5.2 Construção do leitor implícito

O autor pode prever que seu texto chegue às mãos de leitores não muito capacitados para lê-lo. Então, ele pode criar estratégias que ajudem o leitor⁴⁸. Ele pode, por exemplo, tanto aclarar o que julga que poderá ser dificultoso (“Jesus exclamou com voz forte: ‘*Eli, Eli, lemá sabactáni*’ isto é, ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’”: Mt 27,46), ou até mesmo explicitar o seu leitor implícito (Queridas crianças, era uma vez...). Dessa forma, o autor, ao tecer o texto, constrói seu leitor implícito. Ele pode usar uma série de recursos que restrinjam, apouquem esse leitor como: idioma; a pressuposição de prévio conhecimento de determinada realidade ou assunto; a escolha de um determinado patrimônio linguístico e lexical; a seleção da audiência por sexo, idade, profissão, entre outras coisas⁴⁹.

⁴⁶ Eco diz que só há *autor modelo* (implícito) enquanto hipótese do sujeito da estratégia textual, mas nunca se referindo a um sujeito empírico. Todavia, não se desprezam as circunstâncias da enunciação, pois o estabelecimento do autor modelo, embora dependente dos traços textuais, traz à baila o que está “atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente diante do texto e do processo de cooperação” (ECO, 1986, p. 49).

⁴⁷ ECO, 1986, p. 48.

⁴⁸ “A escrita constrói um universo de palavras e o obriga [o leitor] a submeter-se a suas leis e produzir o sentido que a leitura vai decifrar. [...] Escrever e ler são, pois, operações complementares, solidárias, reciprocamente necessárias e indispensáveis à decifração dos significados que o texto institui enquanto fato estético e enquanto figuração/transfiguração/desfiguração do mundo” (MESQUITA, 1987, p. 18-19).

⁴⁹ ECO, 1986, p. 40.

Eco⁵⁰ oferece um conceito de interpretação ao tratar das possibilidades e limites da interpretação profunda do texto. Segundo ele, interpretação é “a atualização semântica de tudo quanto o texto, como estratégia, quer dizer através da cooperação do próprio Leitor-Modelo”⁵¹.

1.6 Clausuras dos textos bíblicos

Embora toda obra literária coerente seja “uma estrutura global conectada, suas partes componentes têm conexões internas mais íntimas”⁵² que facilitam a absorção de suas informações. Saber em qual ponto começa e termina uma micronarrativa (enredo episódico) é essencial para melhor interpretá-lo⁵³. “O texto constitui uma unidade autônoma quando seu conteúdo possui uma mensagem própria e característica, distinta da mensagem dos textos anteriores ou subsequentes”⁵⁴. Nas narrativas, o principal critério para se estabelecer a clausura é a ação narrativa, isto é, onde começa e termina a ação no texto⁵⁵. Também dentro das macronarrativas (obras literárias) são utilizados quatro outros critérios para dividi-las em micronarrativas (ou episódio narrativo): *tempo* (é a alteração da cronologia); *personagem* (que entra ou sai de cena); *lugar* (alteração do espaço onde se passa a cena) e *tema* (a mudança da temática pode indicar mudança de micronarrativa, mas sua permanência pode significar que estamos diante uma sequência narrativa, isto é, o tema pode ser o princípio unificador da narrativa)⁵⁶. É prudente que se use mais de um critério para se estabelecer a clausura de uma micronarrativa, sendo que há sempre um sutil fio narrativo que as liga umas às outras e às macronarrativas⁵⁷. Como dizem Marguerat e Bourquin:

No percurso da leitura, o leitor jamais entra virgem em uma narrativa particular; carrega consigo tudo que o narrador o fez ouvir e compreender anteriormente. A observação dos fios narrativos faz saber qual situação, quais elementos vão ser

⁵⁰ Eco afirma existir autores que se esforçam por construir um texto fechado para outras interpretações que não aquela pretendida, mas pode haver equívocos quanto à concepção do leitor modelo, pois ele pode romper as amarras pré-estabelecidas e encarar o texto como algo aberto a diferentes interpretações. Assim, pode ter as competências para ir além do inicialmente proposto. Ressalta Eco que “não há nada mais aberto que um texto fechado. Só que a sua abertura é efeito de iniciativa externa” (ECO, 1986, p. 42). São os leitores que abrem o texto para infinitas interpretações a partir das possibilidades deixadas pelo autor, e, por maiores que sejam as possibilidades interpretativas, o importante é que sigam na mesma direção sem se oporem.

⁵¹ ECO, 1986, p. 156.

⁵² DOOLEY, Roberto A; LEVINSON, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 60

⁵³ “A segmentação do texto, portanto, é necessária para que pessoas possam manejar quantidades maiores de informação, e as discontinuidades no conteúdo apontam lugares apropriados para essa segmentação” (DOOLEY; LEVINSON, 2004, p. 61).

⁵⁴ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 114.

⁵⁵ SKA, 2011, p. 130.

⁵⁶ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 45.

⁵⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 46.

perseguidos pela narrativa e quais são abandonados (talvez provisoriamente) pelo narrador⁵⁸.

1.7 Enredo

Existem inúmeras maneiras de contar uma história. O modo de fazê-lo revela uma série de escolhas feitas para se alcançar certos objetivos. Por essa razão, faz-se distinção entre a *fábula* (história contada) e *enredo* (composição narrativa, trama, intriga ou discurso)⁵⁹. A *fábula* é o argumento essencial do que se vai narrar, enquanto o *enredo* diz respeito à maneira como é desenvolvida a história. São as estratégias literárias utilizadas para se contar algo, pois a narrativa é sempre composta por *fábula* e *enredo*⁶⁰.

“O *enredo* é categoria do gênero épico, isto é, narrativo; supõe um distanciamento entre o sujeito que narra e o mundo”⁶¹. É o conjunto dos acontecimentos de uma história, o fio condutor que interliga os fatos, numa relação de causa e efeito, dando sentido unificador ao que está sendo narrado. Como salienta Nunes:

Não basta, porém, para que haja narrativa, a simples história (*fábula*, para os formalistas russos), suscetível, como esqueleto dos fatos ou eventos, de ser abstraída, resumida e recortada por outros meios que não o verbal. É preciso que os fatos se ajustem entre si na forma de um *enredo* ou *intriga*, configurador da ação, como ponto de chegada da atividade mimética⁶².

Segundo Eco, o *enredo* se desenvolve de modo a gerar expectativa ao leitor modelo, para induzi-lo a fazer previsões quanto ao que irá acontecer mais à frente. No decorrer da leitura, tal expectativa se confirma ou não. Essa atividade – de “prever o futuro” – perpassa todo o processo interpretativo, de sorte que o leitor assume uma atividade proposicional (crendo, desejando, augurando, pensando etc.), formulando hipóteses quanto às estruturas de mundos possíveis⁶³. Para Eco, o *enredo*:

É a história como de fato é contada, conforme aparece na superfície, com as suas deslocções temporais, saltos para frente e para trás (ou seja, antecipações e flash-back), descrições, digressões, reflexões parentéticas. Num texto narrativo o *enredo* identifica-se com as estruturas discursivas⁶⁴.

⁵⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 47.

⁵⁹ A narratologia faz a distinção entre o *significante* (elemento tangível, perceptível, material do signo), que é o *enredo*, e o *significado* (o conceito, o ente abstrato do signo), que é a *fábula*. Distingue-se o que contamos (significado) do como contamos (significante). Estes são conceitos inseparáveis.

⁶⁰ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 28-33.

⁶¹ MESQUITA, 1987, p. 12.

⁶² NUNES, 2013, p. 14-15.

⁶³ ECO, 1986, p. 95.

⁶⁴ ECO, 1986, p. 85-86.

Esses acontecimentos não precisam ser historicamente verídicos para serem críveis ou mesmo agradáveis ao público, mas é indispensável que sejam plausíveis, que tenham verossimilhança, isto é, a “lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; [...] é, pois, a essência do texto de ficção”⁶⁵. A verossimilhança do enredo está relacionada com a ordem na qual os eventos são narrados, tendo em vista determinados objetivos. Como aponta Resseguie:

A disposição dos eventos no enredo depende dos êxitos que se objetiva conseguir sobre o plano retórico, emotivo e artístico. Um enredo pode ser articulado de modo a persuadir o leitor a um novo ponto de vista ou para convencê-lo a adotar um novo conjunto de valores, crenças ou para despertar o encanto, suscitando prazer ou repulsa⁶⁶.

Para se compreender a lógica interna do enredo, é preciso apreender a *complicação* que estrutura suas partes internas. Compreende-se por *complicação* qualquer elemento da narrativa que gera tensão ao opor-se a algum componente da história. Isso é o que organiza os acontecimentos da história no enredo, demonstrando sua lógica interna. A complicação pode ser de ordem moral, econômica, religiosa, social, ideológica etc⁶⁷.

A estrutura do enredo costuma ser quinária e composta por⁶⁸:

1º) *situação inicial*: expõe o contexto no qual a dificuldade da narrativa irá aflorar, ou melhor, “é a apresentação de personagens em seu contexto sócio-cultural, familiar ou em suas características físicas e morais”⁶⁹.

⁶⁵ GANCHO, 2006, p. 12

⁶⁶ “La disposizione degli eventi nell’ intreccio dipende dagli esiti che si mira a conseguire sul piano retorico, emotivo o artistico. Un intreccio può essere articolato di modo da persuadere il lettore di un nuovo punto di vista o per convincerlo ad adottare un nuovo complesso di valori, credenze o principi oppure per destarne la meraviglia, suscitando piacere o ribrezzo” (RESSEGUIE, 2008, p. 197).

⁶⁷ Resseguie diz que o conflito pode ser interno ou externo. O conflito externo pode incluir desavença entre personagens: o embate de Jesus com as autoridades religiosas é um confronto de valores, crenças e princípios (Mt, 9,14-17); com a natureza: quando Jesus cessou a tempestade no mar (Mt 8,23,27); com o sobrenatural: como a cura dos endemonhiados (Mt 8,28-34); e com a sociedade: como no embate de Jesus contra princípios e valores dominantes na sociedade da época (Mt 15,1-20). Já os conflitos internos podem incluir dificuldade nas aspirações e valores da personagem: no horto Jesus pede ao Pai para, se possível, afastar dele o cálice da paixão (Mt 26,36-46); de decisões, a personagem se vê diante de um dilema que o faz optar entre duas condutas desagradáveis: como o jovem rico em Mt 19,16-22; e entre as personagens e suas próprias intenções: como o agricultor rico que pensava em construir celeiros maiores, mas que morreria naquela mesma noite (Lc 12,13-21) (RESSEGUIE, 2008, p. 190-191).

⁶⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 57-59.

⁶⁹ MESQUITA, 1987, p. 23.

2º) *complicação (nó)*: compõe a maior parte da narrativa, em que atuam “as forças auxiliares e opositoras ao desejo do personagem e que intensificam o conflito”⁷⁰. É a dificuldade ou o nó que a narrativa deve desatar.

3º) *ação transformadora (ou clímax)*: é quando o conflito chega a seu ápice. É quando “um determinado fato, num momento preciso da narração, permite que os segredos sejam revelados, as questões resolvidas, e os enigmas desvendados”⁷¹. É o ponto de referência para as demais partes do enredo que se organizam para alcançar o clímax do conflito que exige uma solução.

4º) *desenlace*: é a resolução do conflito, seja de maneira boa ou má, descrevendo as consequências da ação transformadora sobre os personagens.

5º) *situação final*: sendo sanada a dificuldade, explicita-se aqui uma nova realidade, oposta à da situação inicial.

Esse *esquema quinário* permite identificar uma estrutura típica nas narrativas, embora nem todas se encaixem nela. A *ação transformadora* e o *conflito* são indispensáveis ao enredo⁷². O ponto alto do enredo, “na narrativa bíblica, é o instante em que o personagem é situado de maneira decisiva diante da intervenção de Deus”⁷³.

O enredo também pode ser classificado como de *revelação*, ao proporcionar algum conhecimento, ou de *resolução (ou ação)*, quando alguma realidade é transformada⁷⁴. Nas narrativas bíblicas, é de fundamental importância a teologia do grupo do qual seu narrador se faz arauto⁷⁵. Pois o enredo é construído em função da mensagem teológica que se quer transmitir. Nas narrativas bíblicas, enredo e teologia estão intimamente ligados. Para se descobrir a teologia nas entrelinhas das narrativas é necessário questionar a estratégia narrativa⁷⁶.

⁷⁰ GANCHO, 2006, p. 13.

⁷¹ VITÓRIO, 2016, p. 61-62.

⁷² Outro aspecto a ressaltar, segundo Marguerat e Bourquin, é que os enredos podem aparecer combinados de distintas maneiras nas narrativas bíblicas. Quando se repete (por acumulação, adição ou oposição) determinada etapa do enredo, o narrador quer aumentar a tensão narrativa (Mt 25,14-30). A essa estratégia se denomina *enredo em cadeia*. Quando a situação final é, ao mesmo tempo, a situação inicial do enredo seguinte, temos uma *imbricação*. Quando um enredo é interrompido para iniciar outro e, em seguida, retornar ao primeiro, temos um *encaixe* (Mt 9,18-26). Isso acontece, pois o narrador quer frisar o sentido comum de ambas as histórias, repassando “informações da história englobada para a história englobante” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 70). Quando se misturam diferentes enredos, criando simultaneamente uma nova narrativa, tem-se um *entrelaçamento*. Ademais, as micronarrativas (ou episódios narrativos) se inserem numa sequência de micronarrativas que podem ser consideradas, dentro de uma macronarrativa, como um enredo unificante ou não (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 68-72).

⁷³ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 64.

⁷⁴ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 72.

⁷⁵ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 34.

⁷⁶ VITÓRIO, 2016, p. 41.

1.8 O personagem

Ao falarmos sobre *personagem*, seguimos majoritariamente os estudos feitos por Resseguie.

O personagem é quem realiza a ação, fazendo com que o enredo evolua. Mesmo tendo sido inspirado em uma pessoa real, o personagem não deixa de ser um ente fictício. Ele nasce da imaginação do autor, sendo reinventado pela imaginação dos leitores. O narrador seleciona tudo o que diz respeito ao personagem, tendo em vista suas intenções para sua obra.

Os leitores podem apreender a identidade do personagem nas narrativas bíblicas observando basicamente o que a personagem faz e fala, levando-se em conta outros fatores, como: ambientação das cenas, vestuário, gestos e comportamento, o que outros personagens e o narrador dizem dele⁷⁷. O lugar social que ocupa o personagem também o caracteriza. É diferente quando se fala de um sumo sacerdote, oficial romano, criança, ou de um cego, pois eles se referem a realidades distintas. Gancho diz que:

A personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. Se um determinado ser é mencionado na história por outras personagens, mas nada faz diretamente ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem⁷⁸.

1.8.1 Classificação dos personagens

O personagem pode ser classificado de diferentes maneiras, como: protagonista, antagonista, redondo, plano, elemento de contraste, figurante, dinâmico ou estático.

O *protagonista* está em primeiro plano no enredo. É o personagem principal e pode ser um *herói* (têm características superiores às de seu grupo) ou *anti-herói* (não tem aptidão para ser herói e possui características iguais ou inferiores aos de seu grupo). O *antagonista* normalmente é o *vilão* da história e se opõe ao protagonista, sendo seu oposto, tanto nas ações como no caráter.

O *personagem redondo* tem numerosas características complexas, sendo imprevisíveis e surpreendentes⁷⁹. “Jesus e seus discípulos são personagens redondos, com características

⁷⁷ RESSEGUIE, 2008, p. 115.

⁷⁸ GANCHO, 2006, p. 18.

⁷⁹ E, seguindo Gancho, elas podem se subdividir em: “*físicas*: incluem corpo, voz, gestos, roupas; *psicológicas*: referem-se à personalidade e aos estados de espírito; *sociais*: indicam classe social, profissão, atividades sociais;

complexas e, no caso destes últimos, contraditórias”⁸⁰. O *personagem plano*⁸¹ é construído sob uma ideia ou característica única. “Estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que suas ações apenas confirmem a impressão de personagens *estáticos*”⁸². Os chefes religiosos nos evangelhos são planos, embora sejam personagens principais. Observa-se que “normalmente os protagonistas são redondos, enquanto os personagens menores são planos”⁸³.

Os *elementos de contraste* funcionam dando ênfase às ações, palavras, sentimentos etc. de outro personagem, e ressalta-se o antagonismo de duas ou mais personagens sob alguma particularidade. As mulheres que estão no sepulcro contrastam com os discípulos homens que fugiram (Mt 27,55). Na parábola dos dois filhos, o que foi trabalhar na vinha, embora tivesse dito que não iria, está em contraste com o primeiro que havia dito ir, mas não foi (Mt 21,28-32). Em todo o Evangelho de Mateus, a multidão está em contraste com os discípulos.

O *figurante* é o personagem que não se caracteriza suficientemente, mas compõe o cenário da narrativa. Zbedeu é figurante na cena quando Jesus chama seus dois filhos para segui-lo (Mt 4,22).

Nas narrativas, o personagem é dinâmico ou estático. Entende-se por *personagem dinâmico* aquele que passa por uma profunda mudança de comportamento ou de opinião. “A mudança pode ser positiva ou negativa, grande ou pequena, mas jamais de pouca monta ou insignificante: é uma mudança fundamental e relevante na personagem”⁸⁴. Os discípulos são personagens dinâmicos. A sogra de Pedro é uma personagem dinâmica, pois, tão logo foi curada, começou a servir Jesus (Mt 8,14-15). Por outro lado, o *personagem estático* não passa por nenhuma transformação ao longo da narrativa, tendo igual perspectiva e índole do princípio ao fim. Judas Iscariotes é um personagem estático, embora seja um personagem redondo.

ideológicas: referem-se ao modo de pensar da personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião; *morais*: implicam em julgamento, isto é, em dizer se a personagem é boa ou má, se é honesta ou desonesta, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista” (GANCHO, 2006, p. 21-22).

⁸⁰ “Gesù e i discepoli sono personaggi a tutto tondo, con caratteristiche complesse e, nel caso di questi ultimi, contraddittorie” (RESSEGUIE, 2008, p. 117).

⁸¹ Há dois tipos de personagens planos mais comuns: o *tipo*, que é reconhecido por sua característica típica, invariável, podendo ser “aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a deformação”, como o jornaleiro, a dona de casa, o sertanejo, ou como os fariseus em Mc 2,23-28; e a *caricatura*, que é facilmente reconhecida por sua característica fixa e ridícula (BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 41).

⁸² BRAIT, 2002, p. 41.

⁸³ “Di normi i protagonisti sono a tutto tondo, mentre i personaggi minori sono piatti” (RESSEGUIE, 2008, p. 117).

⁸⁴ “Il cambiamento può essere positivo o negativo, grande o piccolo, ma mai di poco conto o insignificante: è un mutamento fondamentale e rilevante nel personaggio” (RESSEGUIE, 2008, p. 119).

Todavia, “se pode afirmar que normalmente um personagem redondo é dinâmico e um personagem plano é estático”⁸⁵.

A crítica narratológica centra-se no desenvolvimento do personagem e em seu crescimento espiritual. Para alcançar tal objetivo, é necessário identificar as características positivas do personagem que demandam fé ou as negativas que impedem a graça. Pergunta-se como o personagem evolui e o que favorece ou dificulta essa evolução. A contribuição cristã para a compreensão das narrativas modernas é a pergunta pela mudança interior do personagem, seu crescimento espiritual. “No dito de Jesus sobre o adultério em Mt 5,27-28, por exemplo, a vida interior se coloca no mesmo nível da ação externa”⁸⁶.

Compreende-se que o narrador deixa transparecer o significado da narrativa nas transformações pelas quais passam o personagem. Dessa forma, personagem e enredo são inseparáveis, de sorte que a transformação daquele frequentemente aponta para o significado da história e do tema. Os personagens miraculados, após demonstrarem fé em Jesus, são um sinal do significado da narrativa.

1.8.2 Caracterização das personagens

Normalmente os narradores utilizam duas técnicas para caracterizar os personagens: *showing* (mostrar) e *telling* (contar).

No *showing* (ou apresentação indireta), o narrador mostra o que faz e fala o personagem, cabendo ao narratário inferir suas motivações e sua índole. Para melhor esboçar o personagem, o narrador pode se valer de diferentes expedientes, como: ambientação das cenas, características físicas, a posição social, diálogos e comportamentos, comentários de outros personagens, exposição de pensamentos e sentimentos.

No *telling* (apresentação direta), o narrador expressa seu juízo de valor sobre as ações, atributos e/ou palavras do personagem, não precisando o narratário fazer qualquer dedução sobre o personagem no que tange ao que fora dito pelo narrador. Apenas lhe cabe aceitar o que foi dito. “O que o narrador conta condiciona a interpretação da narrativa; confia-se que o narrador seja o portador dos princípios e dos valores da história e indique a maneira como se

⁸⁵ “Si può affermare che di norma un personaggio a tutto tondo è dinamico e un personaggio piatto è statico” (RESSEGUIE, 2008, p. 119).

⁸⁶ “Nel detto di Gesù sull’adulterio in Mt 5,27-28, ad esempio, la vita interiore si colloca sullo stesso piano dell’azione esterna” (RESSEGUIE, 2008, p. 120).

deve identificar os personagens individualmente”⁸⁷. Por exemplo, o narrador nos informa em Mt 27,18 que Pilatos sabia que os sumos sacerdotes e anciãos entregaram Jesus por inveja. Logo, não cabe ao leitor questionar tal informação, mas aceitá-la.

Os atributos, ou *caraterísticas*, dos personagens “são os fatores distintivos mínimos e constantes dos personagens particulares”⁸⁸ que possibilitam diferenciá-los dos demais. O narrador pode explicitar a *caraterística* do personagem. Desse modo, por exemplo, José é identificado como um homem justo em Mt 1,19.

As *caraterísticas* podem ser selecionadas pelas ações e pelos discursos dos personagens, ou daquilo que é dito deles. Uma mulher derrama perfume sobre a cabeça de Jesus (Mt 26,7). Judas beija seu Mestre ao entregá-lo (Mt 26,49). Jesus chama um cobrador de impostos para segui-lo e depois toma refeição na casa dele em companhia de outros publicanos e pecadores (Mt 9,9-10). Essas ações “dizem” algo sobre a identidade de quem as praticou. Já as denúncias que João Batista fez quanto a má conduta dos fariseus e saduceus (Mt 3,7) e de Herodes (Mt 14,4) mostram não somente as características destes, mas também as do próprio João Batista. No evangelho mateano, os discípulos, e todo personagem com *caraterística* de discípulo, chamam Jesus de “Senhor” ou “Filho de Davi”. Já as multidões, e personagens com *caraterística* de multidão, chamam Jesus de “Rabi”. O modo diverso que esses dois grupos têm de se referir a Jesus é uma estratégia narrativa do narrador para revelar a identidade dos referidos grupos e a de Jesus.

Nome⁸⁹, epíteto e título podem igualmente revelar alguma *caraterística* do personagem. O significado do nome, não raro, pode identificar a função dele no relato. Por exemplo, Jesus significa “O Senhor salva”. Emanuel significa “Deus conosco”. Simão é conhecido por Pedro, isto é, *kefá*, rocha (Mt 10,2; 16,18). José recebe a alcunha de “Filho de Davi”, pois é ele quem confere a Jesus a descendência davídica (Mt 1,20). Jesus é Cristo⁹⁰ (Mt 16,16). João, o Batista (Mt 3,1). Herodes, o tetrarca (Mt 14,1). Simão, o leproso (Mt 26,6). Assim, esses nomes, epítetos e títulos apontam para algo de muito particular nesses personagens.

⁸⁷ “Cio che il narratore racconta condiziona l’interpretazione del racconto; si confida che il narratore sia il latore dei principi e dei valori della storia e indichi il modo in cui ci si dovrebbe rapportare ai singoli personaggi” (RESSEGUIE, 2008, p. 121).

⁸⁸ “Sono quelle note distintive minime e costanti dei singoli personaggi” (RESSEGUIE, 2008, p. 121).

⁸⁹ “Os nomes próprios podem ser um meio para conferi autoridade e associar algo de particular à mesma história. Jesus é Josué; a genealogia de Mateus associa Jesus a Abraão e Davi”. Texto original: “I nomi propri possono essere un mezzo per conferire autorità e associare un singolo alla storia stessa. Gesù è Giosuè; la genealogia di Matteo collega Gesù ad Abramo e a Davide (Mt 1,1)” (RESSEGUIE, 2008, p. 122).

⁹⁰ Saldarini ressalta a identidade de Jesus em Mateus a partir dos títulos que lhe são atribuídos (SALDARINI, Anthony. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 274-275).

A falta de atribuição de um nome a um personagem pode ser uma estratégia do narrador para revelar alguma característica dele. Em várias curas e exorcismos de Jesus, os miraculados não têm nome. São mencionados como estrangeiro, mulher, deficientes físicos ou mentais, o que estrategicamente põe em relevo sua condição de marginalizados⁹¹. Ao curá-los, Jesus os torna puros e visíveis para a sociedade. Sua ação tira-os das margens e os leva ao centro⁹².

O anonimato de alguns personagens também permite que os narratários possam se identificar com o sucesso ou fracasso deles⁹³. Na parábola das dez virgens (anônimas), o narratário pode se identificar com as cinco virgens prudentes ou com as cinco insensatas (Mt 25,1-13).

1.8.3 O personagem Deus

É característico das narrativas bíblicas do Antigo e do Novo Testamento que seus personagens não sejam autônomos. Eles não existem por si mesmos, mas em função da relação deles com Deus e com Jesus. Por exemplo,

Pedro, Tiago e Tomé não são instrutivos em si mesmos; passam a ser porque seu comportamento concretiza uma relação possível com Jesus. Em outras palavras, cada um ilustra uma atitude possível, uma palavra possível, uma interrogação possível diante de Jesus; oferecem, assim, ao leitor um leque de posições que este é chamado a adotar ou recusar⁹⁴.

Ao narrar as histórias desses personagens, a literatura bíblica visa transmitir a identidade de seu Deus e a incentivar a fidelidade a Ele. Os personagens das narrativas bíblicas “fazem parte do povo comum e vivem os dramas mais intensos e mais sérios da existência humana”⁹⁵. As palavras, pensamentos, omissões e atitudes de cada personagem são valorizados sob a luz

⁹¹ Nas narrativas bíblicas neotestamentárias, existem vários personagens poderosos e também marginalizados. Por eles, o narrador quer transmitir alguma mensagem. Os personagens marginalizados são os que não tomam parte das estruturas de poder e dominação da sociedade. Alguns deles ocupam os últimos lugares na hierarquia social, como escravos, pobres, crianças, mulheres, deficientes físicos e mentais. Vários deles são ritualmente impuros por diferentes razões. Também pessoas que tem má reputação na sociedade palestinese do primeiro século podem ser tidas como marginalizadas, como pecadores, publicanos e estrangeiros, mesmo que eventualmente façam parte das estruturas de poder e domínio, como o publicano Mateus (Mt 9,9) (RESSEGUIE, 2008, p. 131). Os personagens poderosos são os que compõem a estrutura de domínio e poder e estão no topo da hierarquia social, isto é, estão no centro político, cultural, religioso e econômico. São os chefes, ricos, patrões, autoridades religiosas e altos membros da hierarquia estatal (RESSEGUIE, 2008, p. 147).

⁹² RESSEGUIE, 2008, p. 123.

⁹³ A crítica narratológica prefere dar ênfase ao ponto de vista do narrador, expresso na característica positiva e negativa do personagem, ao invés de ressaltar a possibilidade de identificação seletiva (RESSEGUIE, 2008, p. 124).

⁹⁴ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 83-84.

⁹⁵ SKA, 2018, p. 73.

da vontade divina. Deus é o grande personagem das narrativas bíblicas, mesmo quando não é mencionado explicitamente⁹⁶.

As narrativas bíblicas não visam contar os feitos de seus personagens para que os leitores os compreendam como modelos de virtude ou santidade, mas para que compartilhem suas experiências. Os erros e acertos dos personagens não têm a finalidade de promover o julgamento moral por parte do leitor ou edificá-lo, mas comovê-lo. Desta forma, eles obtêm uma reação do narratário diante do narrado.

1.8.4 A descoberta da identidade do personagem

O narrador pode fazer com que o leitor não descubra as reais intenções e o caráter do personagem de modo objetivo, contudo, leva-o por um caminho de inferências, de informações pela metade, de omissões estratégicas. Isso gera dúvidas e juízos equivocados. “Em outras palavras, há um mistério persistente nos personagens concebidos pelos escritores bíblicos, que estes incorporam a seus métodos peculiares de exposição”⁹⁷.

Conforme Marguerat e Bourquin⁹⁸, no ato da leitura, o narrador pode colocar o leitor em posição superior ao personagem, de modo a saber mais que ele, igualmente, quando sabe tanto quanto ele, ou mesmo em posição inferior, quando sabe menos que ele. Isso é feito em função de uma estratégia narrativa que muda o efeito da narrativa no leitor conforme a posição deste⁹⁹.

Nas palavras de Brait:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a ‘vida’ desses seres de ficção. É somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas

⁹⁶ Como diz RICOEUR, ao falar da nomeação de Deus a partir da experiência do povo hebreu: “numa perspectiva puramente narrativa, Deus é o meta-herói de uma meta-história, que engloba mitos de criação, lendas de patriarcas, uma epopeia de libertação, de errância e de conquista, uma quase historiografia de monarcas e de reinos; [...] Deus só é designado nela obliquamente, através dos acontecimentos fundadores nos quais a comunidade de interpretação se reconhece enraizada, instaurada, instituída. São esses próprios acontecimentos que nomeiam Deus” (RICOEUR, 2012, p. 56).

⁹⁷ ALTER, 2007, p. 191.

⁹⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 90-91.

⁹⁹ Marguerat e Bourquin apontam os sentimentos que os personagens podem causar no leitor das narrativas. Ele “pode experimentar um sentimento de *empatia* por aqueles que lhe são semelhantes, que o comovem ou representam para ele um ideal. O sentimento de *simpatia*, que supõe uma identificação menos intensa, é menos forte, especialmente nos casos em que o sistema de valores dos personagens e do leitor não coincidem. Ao contrário, a *antipatia* se declara quando um personagem contradiz o sistema de valores do leitor (ou da narrativa aprovada pelo leitor), ou quando esse personagem se opõe ao beneficiário da empatia do leitor. O caso da *indiferença* é concebido à parte, não gera nem identificação, nem repulsa” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 86-87).

personagens, que poderemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência de personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto¹⁰⁰.

Deve-se frisar que a análise narrativa não se ocupa em descobrir os processos psicológicos dos personagens nem fazer juízo de valor quanto a seus atos e palavras, mas objetiva tão somente a “fixar as coordenadas de seus papéis no interior da trama do relato”¹⁰¹. Em outras palavras, saber por qual motivo eles agem, qual sua relevância na trama e o que eles representam no projeto narrativo.

1.9 O ponto de vista

Os eventos de uma história narrada (a fábula) são contados sob uma perspectiva particular. A narrativa se desenvolve diante de uma postura cognitiva adotada pelo narrador frente aos variados elementos da história que irá relatar¹⁰². “Pode-se dizer que, para uma mesma história narrada (a mesma fábula), existe uma infinidade de pontos de vista possíveis que se concretizarão, cada um deles, em uma narração particular”¹⁰³.

Segundo a narratologia bíblica, a questão mais importante do ponto de vista é a ideológica, o conjunto de valores expresso pelo narrador ao fazer juízo de valor sobre personagens, ações, diálogos, enquadramento (ou ambientações) e eventos¹⁰⁴.

A questão do ponto de vista precisa responder à pergunta de *quem* vê a narrativa? E de *como* a vê. O narrador expressa seu ponto de vista pela *voz narrativa* e pelo *modo narrativo*. “A voz é aquela que transmite ao leitor o universo dos valores do narrador”¹⁰⁵. O *modo narrativo* é como se faz essa transmissão. Existem três modos de fazer essa transmissão: o primeiro é a *focalização zero* (ou não focalizado), que traz informações que superam o aspecto espaço-temporal na narração, demonstrando a onisciência e onipresença do narrador. É o

¹⁰⁰ BRAIT, 2002, p. 11.

¹⁰¹ SKA, 2011, p. 140.

¹⁰² Não existe narrativa sem ponto de vista, sendo esse articulado em quatro níveis. *Ideológico*: relaciona-se com os valores, crenças, princípios e visão de mundo expostos no relato. *Fraseológico*: refere-se a linguagem, as palavras e expressões utilizadas pelo narrador influenciando no conceito que o leitor faz da personagem. *Espaço-temporal*: o narrador descreve com maior ou menor detalhe o que se passa num lugar e navega pelo tempo presente, passado ou futuro. Pode acelerar a narrativa ou demorar-se nela. *Psicológico*: o narrador expressa a interioridade da personagem. Os níveis fraseológico, psicológico e espaço-temporal são expressões do ponto de vista ideológico da narrativa. O ponto de vista ideológico e psicológico aborda um aspecto subjetivo. O espaço-temporal representa o ponto de vista objetivo (RESSEGUIE, 2008, p. 160). Contudo, o ponto de vista na narrativa está em função da resposta pragmática que o narrador quer provocar no leitor.

¹⁰³ MARGUERAT, Daniel. *O ponto de vista: Olhar e perspectiva nos relatos dos evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 14.

¹⁰⁴ MARGUERAT, 2018, p. 26.

¹⁰⁵ MARGUERAT, 2018, p. 28.

narrador quem traz isso a partir de seu ponto de vista (Mt 8,14-15). O segundo é a *focalização interna*, que expressa a condição psicológica ou cognitiva do personagem (aqui também se faz presente a onisciência do narrador). É o ponto de vista da personagem. O leitor só sabe, vê e compreende o que é próprio do personagem (Mt 21,25-26). O terceiro é a *focalização externa*, o ponto de vista de um observador externo, ou, do leitor, como se o leitor estivesse próximo da cena ouvindo o diálogo dos personagens (Mt 11,28-30). “Corresponde ao que todo espectador da cena consegue observar [...] a focalização externa qualifica-se como uma visão de fora, na qual o narrador transmite menos que o personagem pode saber”¹⁰⁶.

O ponto de vista é importante para a exegese, uma vez que evidencia o caráter intencional do narrador em induzir a leitura do leitor. Permite identificar como aquele vai disponibilizando as informações para este, durante a narração. Essa sucessão de pontos de vista na narração permite compreender melhor como o narrador os organiza para fazer sobressair o de sua preferência. “O ponto de vista não é outra coisa senão um olhar para a realidade; tudo depende da confiança que o leitor atribui a esse olhar”¹⁰⁷.

1.10 Enquadramento (ou ambientação)

A história narrada se passa dentro de um enquadramento (ou ambientação) em que consta: tempo, lugar e meio social. É o conjunto dos aspectos socioeconômicos, religiosos, morais ou psicológicos que envolve determinada cena em um determinado tempo e espaço. O enquadramento serve para diferentes coisas: explicitar as condições nas quais vivem os personagens; gerar conflito entre eles; pode ser projeção dos estados de ânimo dos personagens ou fomentar o desenvolvimento do enredo. O enquadramento não tem necessariamente o mesmo valor, podendo ser factual ou metafórico (que em excesso compromete sua plausibilidade, em termos factuais).

O enquadramento tem como finalidade contextualizar o que é narrado. Por isso, Resseguie aponta seis tipos dele (ou ambientações) no Novo Testamento: topográfico, arquitetônico, relativo aos materiais de cena, temporal, sociocultural e religioso.

O *enquadramento topográfico* é o lugar físico onde a ação dos personagens se desenrola. Ele pode influenciar os pensamentos, atitudes e emoções deles e também sofrer alterações por parte deles. O espaço ganha maior ou menor importância e variedade dependendo do tipo de enredo e pode ser compreendido em ângulos diversos. Por exemplo, tem um caráter de

¹⁰⁶ MARGUERAT, 2018, p. 28-29.

¹⁰⁷ MARGUERAT, 2018, p. 53.

oposição: Galileia e Judeia; terra e mar; cidade e campo; interior e exterior etc¹⁰⁸. Observa-se, por exemplo, que a montanha, o mar, o rio e o deserto são constantes nos evangelhos e podem ter valor simbólico. No rio Jordão, se atravessa o limiar para uma vida nova (Mt 3,13-17). No deserto, Jesus foi provado assim como o povo escolhido (Mt 4,1-11). No alto da montanha, Jesus orienta o povo (Mt 5-7) assim como Moisés trouxe a Lei para o povo. No mar revolto, os discípulos demonstram sua pouca fé (Mt 14,22-36).

Como *enquadramento arquitetônico*, entendem-se as construções humanas como templo, casa, palácio, jardim, sinagoga, piscina, sepulcro etc. Esses ambientes podem conter valor simbólico profundamente significativo: no Templo, Jesus denunciou os desvios da religião oficial, demonstrando sua missão (Mt 21,12-17). Na sinagoga, Jesus curou a mão paralisada de um homem (Mt 12,9-13). Outra vez referindo-se ao Templo, Mateus diz que Judas devolveu o dinheiro que havia recebido para entregar Jesus (Mt 27,3-6).

O *enquadramento dos materiais da cena* engloba algumas particularidades que poderiam ser omitidas sem prejuízo aparente, mas “é o sinal exterior da disposição interior e do caráter”¹⁰⁹. Na parábola do banquete nupcial de Mt 22,1-14, vemos que um homem entra na festa sem as roupas apropriadas e, em seguida, é amarrado e jogado fora, nas trevas. Embora tenha sido convidado (pelo anúncio do Evangelho para entrar no Reino de Deus), não são permitidos de participar da festa aqueles que realmente não respeitem suas exigências. Nessa parábola, as roupas são um elemento cênico que representa a mudança na vida espiritual e social.

O *enquadramento temporal* pode ser dividido em cronológico e tipológico. O *cronológico* se refere ao tempo em que durou uma ação. Por exemplo, Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites (Mt 4,2). O *tipológico* acentua o tipo de tempo no qual se passa a ação, podendo ter valor simbólico. Em Mt 26,40, Jesus diz que Pedro não foi capaz de vigiar com ele uma hora. Essa “*uma hora*” tem valor cronológico e simbólico. Lucas utiliza o *hoje* para salientar o início de uma nova vida: “hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9). João usa *hora* para apontar algum momento significativo da vida do Cristo: “Jesus sabia que havia chegado sua hora de deixar esse mundo e ir para o Pai” (Jo 13,1). Mateus, ao tratar do tempo escatológico, fala do *dia* e da *hora* em que chegará o fim do mundo (Mt 24).

O *enquadramento social* é devidamente compreendido com o auxílio do método histórico-crítico. Ele auxilia tanto para compreender o mundo da história contada (fábula),

¹⁰⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 101.

¹⁰⁹ “È il segno esteriore della disposizione interiore e del carattere” (RESSEGUIE, 2008, p. 100).

como para compreender o mundo do narrador¹¹⁰. Isso, “na medida em que é verdade que o narrador recompõe o mundo da história contada, pelo menos parcialmente, à imagem de seu próprio mundo”¹¹¹. O enquadramento social exprime as classes econômica e política, bem como seus costumes sociais e culturais. No Novo Testamento, as refeições¹¹² são frequentes. Tomar refeições em comum significava reconhecer e aceitar os valores e o status social uns dos outros. Pedro se recusa a sentar-se à mesa com os gentios em Antioquia (Gl 2,11-14). Quando Jesus faz refeição ou vai à casa de publicanos, estrangeiros e pecadores, ele está afrontando as barreiras sociais e religiosas estabelecidas pela religião oficial (Mt 9,10).

O *enquadramento religioso* se dá nas festividades e dias religiosos, como sábado, páscoa, tabernáculo. Nesse ambiente, dá-se o confronto entre Jesus e as autoridades religiosas oficiais, deixando clara a diferença teológica entre ambos. Jesus faz curas em dia sábado e não se importa que seus discípulos façam a colheita para matar a fome, pois “o sábado é para o homem e não o homem para o sábado” (Mt 12,1-8).

1.11 Tempo

O tempo é de fundamental importância nas narrativas. Não é apenas cronológico (relatado), mas também se refere ao “tempo” que se leva para narrar os acontecimentos. Como ressaltou Mendonça,

Narrar a história é selecionar, intrometer cortes no tempo, acelerar ou retardar, introduzir uma nova ordem, sugerir modificações na frequência, avançar com investimentos semânticos. A narrativa é uma configuração que refigura o tempo histórico. A narrativa dá-nos o tempo histórico interpretado pelo tempo do discurso. Contar é interpretar. Deste modo, a perspectiva do tempo não se situa antes de tudo no que o texto diz, mas desenvolve-se prioritariamente a partir do que o texto é. Todo o texto é uma operação sobre o tempo, uma meditação sobre essa categoria da existência¹¹³.

¹¹⁰ Eco diz que mundos possíveis são construções culturais. Assim, “um mundo narrativo toma emprestadas – salvo indicações em contrário – propriedades do mundo ‘real’; e para fazê-lo, sem dispêndio de energias, põe em jogo indivíduos já reconhecíveis como tais, sem reconstruí-los propriedade por propriedade. [...] Nenhum mundo narrado poderia ser totalmente autônomo do mundo real, porque não poderia delinear um estado de coisas maximal e consistente, estipulando-lhe *ex nihilo* todo o mobiliamento de indivíduos e propriedades” (ECO, 1986, p. 111).

¹¹¹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 103.

¹¹² “As refeições em comum forjam a identidade comunitária e criam barreiras sociais; as refeições respeitam as normas e valores sociais da sociedade mediterrânea do primeiro século” (RESSEGUIE, 2008, p. 105, *tradução nossa*). Texto original: “La comunanza di mensa forgia l’identità comunitaria e crea confini sociali; i pasti rispecchiano le norme e i valori culturali e sociali della società mediterranea del primo secolo”.

¹¹³ MENDONÇA, 2008, p. 251-252.

Ao analisar uma narrativa, deve-se prestar atenção nas diferentes modalidades do tempo utilizadas pelo narrador. O *tempo relatado* faz referência ao tempo cronológico expresso no relato. O evangelista diz que Jesus foi provado no deserto por quarenta dias e quarenta noites (Mt 4,1-11). O *tempo relatante* refere-se à quantidade de palavras, frases, parágrafos ou páginas utilizadas para contar a história. O narrador pode se referir a um longo período de tempo (cronológico) com poucas palavras ou mesmo utilizar muitas palavras, linhas e parágrafos contando um fato breve¹¹⁴. Quanto mais *tempo relatante* se observar na narração de um evento, mais importante ele é para a história, sendo que o inverso também é verdadeiro. Segundo Marguerat e Bourquin:

Somos assim levados a observar as variações na cadência da narrativa. A cadência se eleva progressivamente da pausa descritiva à elipse. A *pausa descritiva* corresponde a um ponto morto (tempo da história = 0); a *cena*, a uma velocidade normal (o tempo da narrativa se calça sobre o da história); o *sumário*, a uma velocidade rápida (o tempo da narrativa é menor que o tempo da história); a *elipse*, a um salto no tempo (tempo da narrativa = 0)¹¹⁵.

Outro aspecto referente ao tempo é a *frequência* com a qual o narrador expõe os fatos. Ela é o potencial que o enredo tem de reproduzir os acontecimentos recorrentes¹¹⁶. O narrador pode tanto narrar diversas vezes o que ocorreu apenas uma vez (narrativa repetitiva) como pode narrar uma vez o que ocorreu diversas vezes (narrativa iterativa). Ele também pode se limitar ao fato somente quando este acontecer (narrativa singulativa)¹¹⁷.

Deve-se ressaltar que a narrativa pode recorrer ao artifício da sincronia ou da anacronia. A história, ao ser contada sincronicamente, segue a ordem cronológica. Está “ligado ao enredo linear (que não altera a ordem em que os fatos aconteceram); chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos”¹¹⁸. Ao ser contada com anacronia, pode tanto voltar ao passado (analepse) como saltar ao futuro (prolepse)¹¹⁹.

1.12 Conclusão

A *análise narrativa* dos textos bíblicos surgiu inspirada pela nova crítica literária, que utiliza os mesmos métodos da narratologia moderna para melhor interpretar os textos sagrados.

¹¹⁴ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 107-108.

¹¹⁵ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 108.

¹¹⁶ NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 35.

¹¹⁷ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 120.

¹¹⁸ GANCHO, 2006, p. 25.

¹¹⁹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 112.

Isso não deve causar qualquer estranheza, pois toda a Bíblia é literatura produzida por mãos humanas a partir da experiência do sagrado, o que justifica o uso das técnicas narratológicas na interpretação da Bíblia, respeitando o que é próprio dessa literatura.

É a partir destes conceitos e outros que a análise narrativa bíblica busca interpretar as narrativas das Sagradas Escrituras. Esses pressupostos teóricos serão utilizados no estudo do Evangelho de Mateus na tentativa de explicitar como o evangelista constrói o personagem Pedro. O passo seguinte consistirá em mostrar como, na catequese mateana, o narrador distingue, claramente, entre multidão e discípulo.

2 MULTIDÃO E DISCÍPULO: MODELOS DE RELAÇÃO COM O MESTRE

Anteriormente, estudaram-se os pressupostos teóricos que orientam a elaboração desta dissertação. No presente capítulo, eles serão utilizados para analisar as características dos discípulos e da multidão no Evangelho de Mateus. O principal objetivo deste capítulo é encontrar subsídios para melhor abordar o personagem de Pedro no capítulo seguinte.

A análise narrativa postula que as diferentes partes do enredo estão interligadas, e a compreensão da obra literária se dá a partir de seu conjunto. Do mesmo modo se deve proceder para compreender os personagens *discípulos* e *multidão*. É preciso compreendê-los no conjunto da obra, a partir de sua contextualização interna (ou universo textual, macroestrutura).

Toda obra literária é composta em determinado tempo e em determinado lugar, com a intenção de atender a determinados objetivos. Isso é conhecido por alguns autores como contextualização externa¹²⁰. Esse olhar diacrônico auxilia na melhor compreensão sincrônica do texto¹²¹.

Este capítulo se desenvolverá em quatro partes. Primeiro, em linhas gerais, será feita a contextualização externa do Evangelho de Mateus, observando a realidade histórica que condicionou a sua composição. As perguntas norteadoras são: onde e quando o evangelho foi composto? Quem são os adversários de Mateus? Qual a identidade e as dificuldades que enfrenta a comunidade de origem do evangelho?

Segundo, faz-se uma apresentação das principais características do texto mateano. Serão respondidas as seguintes perguntas: quais as fontes que Mateus usou em sua obra? Quais os recursos literários foram utilizados para transmitir sua mensagem? Qual sua relação com o Antigo Testamento? Quais suas principais características teológicas? Qual a estrutura do evangelho mateano?

Terceiro, são expostas as principais características dos *discípulos* e da *multidão* no evangelho mateano. A identidade dos discípulos e das multidões será percebida na relação com Jesus. A reação daqueles diante da revelação da identidade messiânica de Jesus demonstra quem é esse para eles.

Por último, faz-se a análise narrativa de dois enredos episódicos: Mt 4,17-25; 15,21-28, pois essas perícopes exemplificam a identidade dos *discípulos* e da *multidão* na obra de Mateus.

¹²⁰ “É a elaboração de um contexto, no mundo real, para a produção do texto, uma representação mental na qual o universo textual se encontra encaixado. Ela inclui o falante, o(s) ouvinte(s), e todas as circunstâncias relevantes à produção do texto” (DOOLEY; LEVINSOHN, 2004, p. 45).

¹²¹ PCB, 2006, p. 53.

2.1 Contextualização externa do Evangelho de Mateus

O evangelista é, ao mesmo tempo, interprete e transmissor de uma tradição sobre o Messias Jesus. Escrevendo com liberdade, sem faltar com a fidelidade, Mateus não é visto fora dessa característica¹²². O autor implícito do evangelho¹²³ foi um judeu-cristão piedoso, da segunda geração, e de sólida formação judaico-cristã, sendo sensível e atencioso quanto às tormentas pelas quais passava sua comunidade¹²⁴.

A composição do evangelho mateano acontece por volta da década de 80 d.C. Muito provavelmente foi escrito em Antioquia¹²⁵, na Síria, capital da província romana e terceira maior cidade do império, com população estimada em torno de 175 mil habitantes no final do primeiro século. Essa década apresenta-se como um período muito conturbado para o povo judeu.

Após a destruição de Jerusalém e do Templo, em 70 d.C., a religião judaica precisou se reorganizar para manter sua identidade nacional e religiosa. Foi preciso reformular importantes preceitos teológicos e práticas religiosas que dependiam da existência do Templo. Questionava-se, por exemplo, o “poder e a fidelidade de Deus, a respeito do encontro com a presença divina, a respeito da experiência da expiação e da misericórdia compassiva de Deus, a respeito de conhecer a vontade revelada de Deus e de evitar o castigo de Deus”¹²⁶. Para tais perguntas, as diferentes correntes do judaísmo ofereciam suas respostas, que podem ser observadas na literatura por elas produzidas¹²⁷.

Segundo Overman, diante dessa realidade sócio-político-religiosa, diferentes “elementos e correntes fluem do ambiente altamente sectário do judaísmo para começar a

¹²² MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 70.

¹²³ É consenso não ter sido o apóstolo Mateus quem escreveu o referido evangelho. Seu autor é desconhecido. Carter faz algumas suposições referentes aos motivos de associá-lo a esse nome. 1º) o nome Mateus significa “presente de Deus”. Assim, a boa notícia que a narrativa oferece pode ser tida como um presente de Deus. 2º) Mateus soa parecido com a palavra “discípulo” (aprendiz) em grego. O que pode ser relacionado com a intenção do evangelho de ensinar os narratários sobre Jesus. 3º) Talvez o discípulo Mateus tenha sido uma figura importante para a comunidade para a qual foi escrita essa obra (CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 33).

¹²⁴ VITÓRIO, Jaldemir. *Lendo o Evangelho de Mateus: o caminho do discipulado do Reino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 15.

¹²⁵ Havia uma significativa população judaica em Antioquia ao fim do primeiro século. Segundo Josefo (*apud* CARTER, 2002, p. 55), os judeus estavam entre os primeiros habitantes da cidade e em sua sinagoga participavam numerosos adeptos de origem pagã. “A comunidade judaica em Antioquia era, como o resto do judaísmo no primeiro século, diverso e multifacetado em suas crenças, práticas, interações com o mundo helenístico e respostas para os acontecimentos do ano 70” (CARTER, 2002, p. 56).

¹²⁶ CARTER, 2002, p. 60.

¹²⁷ GOMES, João Batista. *O judaísmo de Jesus: o conflito Igreja-Sinagoga no Evangelho de Mateus e a construção da identidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 38-41.

formar uma nova síntese”¹²⁸ que tem profundas marcas farisaicas¹²⁹. O grupo dos fariseus seguia as leis de pureza que marcavam sua identidade, pois elas “orientavam a vida da seita e de seus membros no sentido de que ofereciam um meio de definição de grupo, restringiam o contato com pessoas de fora e regulamentavam a vida interna da comunidade”¹³⁰. Todo o escrúpulo farisaico no seguimento da Lei, já no período pré-70, proporcionou-lhes condições favoráveis para aumentar sua influência junto ao povo judeu, “uma vez que a centralidade da Lei foi reconhecida e aceita como o foco e ritual primordial para muitos no judaísmo pós-70”¹³¹. Somando isso à boa organização do grupo, eles ascenderam à posição de maior liderança judaica após a destruição de Jerusalém e do Templo.

A criação de uma escola para o estudo da Lei judaica em Jâmnia¹³², de forte aspecto farisaico, pelo rabino Yohanan ben Zakkai, foi de fundamental importância no processo de reestruturação do judaísmo, estabelecendo certa união das diferentes correntes da fé judaica¹³³. Uniformizaram as práticas religiosas, fazendo as diferentes correntes do judaísmo assumirem o mesmo modelo de vivência da fé¹³⁴. Padronizaram-se as liturgias, estabeleceu-se uma lista de livros sagrados (cânion) e criou-se um calendário comum das festas religiosas. Esse movimento de reorganização do judaísmo é denominado judaísmo formativo.

Em meio a essas e a outras mudanças, encontravam-se os seguidores de Jesus, que o consideravam o Messias de Israel. “No século I, muitos grupos de seguidores de Jesus ou eram parte integrante da comunidade judaica ou ainda não estavam completamente separados do judaísmo”¹³⁵. Mas a reestruturação do judaísmo, capitaneada pela escola de Jâmnia, não encontrou aceitação entre os seguidores de Jesus, pois “foram impostas observâncias obrigatórias e ritos irrealizáveis por parte dos cristãos”¹³⁶. Por seu turno, as pretensões do grupo

¹²⁸ OVERMAN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 47.

¹²⁹ O movimento de reforma do judaísmo, iniciado após a destruição do Templo em 70, deu origem ao judaísmo rabínico, cujo programa de reforma “conseguiu, aos poucos, reformar todas as comunidades judaicas da Mesopotâmia e do Império Romano, de modo que a *halakha* passou a ser a forma dominante, e depois a única, de entender e viver o Judaísmo” (SALDARINI, 2000, p. 49).

¹³⁰ OVERMAN, 1997, p. 46.

¹³¹ GOMES, 2009, p. 50.

¹³² A escola de Jâmnia foi fundada durante a primeira guerra judaica contra a dominação romana (66-70 d.C.) e tornou-se uma referência moral e religiosa para os judeus, inclusive aos da diáspora (GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninhos*. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Editora Santuário, 2013. p. 26).

¹³³ Não obstante, há de se ressaltar que não foi no “concílio” de Jâmnia que tudo aconteceu. Mas tal evento representa o início da reorganização social e religiosa que levou décadas para estabelecer regras orientadoras e instituições reconhecidas pela maioria. Ao longo desse período, houve divergências com diferentes grupos judaicos como o de Mateus (OVERMAN, 1997, p. 51).

¹³⁴ VITÓRIO, Jaldemir. *O discipulado cristão segundo Mateus: a figura de José (Mt, 1,18-25)*. *Convergência*, Brasília, v. 39, n. 387, p. 589-607, 2004.

¹³⁵ SALDARINI, 2000, p. 23.

¹³⁶ MARCONCINI, 2004, p. 123.

mateano, de dar lugar de destaque a Jesus no seio dessa tradição religiosa, enfrentaram a rejeição da sinagoga onde os fariseus eram proeminentes¹³⁷. Assim, nota-se que a comunidade judeu-cristã¹³⁸ de Mateus encontrava-se “envolvida numa luta local no interior de uma sinagoga por seu lugar em uma tradição comum. Eles partilham as mesmas tradições bíblicas”¹³⁹.

No século primeiro não havia uma distinção clara entre cristianismo e judaísmo como duas religiões. A fronteira entre elas foi estabelecida ao longo dos primeiros séculos da era cristã e conforme a localização geográfica das comunidades. Algumas delas mantinham estreita relação com o judaísmo. Outras tinham-no como algo superado. Às vezes, as lideranças tinham posturas distintas de suas comunidades para com o judaísmo¹⁴⁰. Assim, a relação das comunidades judaicas com os seguidores de Jesus é fenômeno cultural complexo que afetou a escrita do Evangelho de Mateus¹⁴¹. Segundo Overman:

O judaísmo de Mateus e o judaísmo formativo, portanto, no período entre as duas revoltas judaicas, são dois movimentos emergentes, entre vários, envolvidos no processo de definição e consolidação em uma sociedade que estava fragmentada e dividida depois das convulsões sociais associadas ao período romano na Palestina, em que foi parte importante, claro, a destruição do templo de Jerusalém. É esse processo de definição e a luta pela influência que aparecem de forma tão intensa no Evangelho de Mateus¹⁴².

O objetivo do evangelista é induzir seus leitores a se manterem fiéis a Jesus e despertar a fé dos que ainda não a têm. Ele faz isso expressando, de modo bem concreto, os ensinamentos que todos os que querem seguir Jesus devem praticar, isto é, o caminho do discipulado. No evangelho, tudo o que Jesus faz e ensina serve para iluminar a vida e a conduta dos membros de sua comunidade e para chamar à conversão a numerosa multidão¹⁴³.

¹³⁷ Overman salienta cinco aspectos do horizonte das comunidades judaicas no período de 165 a.C. a 100 d.C., seguindo Hirsch. Esses aspectos são fundamentais para a compreensão dos conflitos expressos no evangelho entre a comunidade mateana e o judaísmo formativo. São eles: o sectarismo do judaísmo; a linguagem (a partir de certas temáticas e características que lhes eram caras), a hostilidade à liderança judaica, a centralização da Lei e o futuro do povo eleito (OVERMAN, 1997, p. 29-43).

¹³⁸ Segundo Luz, pode-se afirmar que o evangelho mateano é oriundo de autor e de comunidade judeu-cristã pelas seguintes razões: 1º) a estrutura e composição do evangelho estão imbuídas de literatura judaica; 2º) Marcos e Q, fontes de Mateus, foram transmitidas e elaboradas em comunidades judeu-cristãs antes da escrita do evangelho mateano; 3º) a linguagem mateana se aproxima da linguagem dos LXX e de peculiaridades linguísticas judias; 4º) a teologia mateana dá muita importância a Lei e ao Antigo Testamento; e 5º) o evangelho de Mateus teve boa recepção nos meios judeu-cristãos (LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo I: Mt 1-7*. 2.ed. Salamanca: Sigueme, 2001a. p. 87-88).

¹³⁹ CARTER, 2002, p. 63.

¹⁴⁰ SALDARINI, 2000, p. 43-49.

¹⁴¹ SALDARINI, 2000, p. 41-42.

¹⁴² OVERMAN, 1997, p. 15.

¹⁴³ VITÓRIO, 2019, p. 5-6.

Para atingir seus objetivos, Mateus teve que enfrentar a oposição dos fariseus. Em todo o evangelho, notam-se as críticas contra esse grupo que rejeitava Jesus como o Messias de Israel e contra a expulsão de seus seguidores da sinagoga. Ele tenta deslegitimar as autoridades farisaicas perante toda a comunidade judaica e legitimar seu próprio ensinamento. Desta forma, “o evangelho busca, pois, definir a identidade e a forma de vida da comunidade de discípulos apresentando sua origem, governo, atividades e práticas distintivas que devem marcar sua vida de todos os dias”¹⁴⁴.

À época da escrita do evangelho, o judaísmo formativo ganhava terreno frente à comunidade judaico-cristã de Mateus. Porém, a comunidade mateana, embora rejeitada, não quer uma ruptura com o judaísmo (Mt 5,44)¹⁴⁵. O autor do evangelho se considera judeu. Sendo assim, “Israel é a comunidade concreta de judeus da qual Mateus foi banido, mas da qual ele ainda julga fazer parte”¹⁴⁶. Em disputa acalorada com as autoridades judaicas do século primeiro, essa pequena comunidade judeu-cristã é pressionada a deixar sua fé em Jesus como o Messias de Israel¹⁴⁷. Mas, mantém-se firme em suas convicções e exorta os demais judeus a abraçarem a fé em Jesus e no Reino.

A identidade do grupo mateano¹⁴⁸ se baseia em Jesus, em sua relação com Deus e em seu ensinamento. É a compreensão que tem de Jesus como o Messias de Israel e de seu ensino sobre o Reino que estabelece o lugar social do grupo mateano dentro do judaísmo. “No cerne da identidade mateana está a relação de Jesus com Deus, como Filho, e a relação análoga de seus discípulos com Deus como filhos e servos”¹⁴⁹.

Segundo Carter, não é sustentável a opinião de que o grupo mateano e “as comunidades do cristianismo primitivo eram constituídas quase exclusivamente de miseráveis sociais e econômicos”¹⁵⁰. Antes, a audiência do evangelho era composta por uma amostra da sociedade, com pessoas de todas as classes sociais.

¹⁴⁴ CARTER, 2002, p. 32.

¹⁴⁵ VITÓRIO, 2019, p. 11.

¹⁴⁶ SALDARINI, 2000, p. 17.

¹⁴⁷ “Estar em tensão com a sinagoga não é simplesmente um assunto religioso, nem simplesmente um problema de não ser bem-vindo em um edifício. Significa alienação do próprio povo e comunidade. Ele envolve dimensões política, social, econômica e familiar” (CARTER, 2002, p. 56).

¹⁴⁸ De acordo com Saldarini, como Mateus “usa termos de parentesco para as relações internas do grupo e prefigura conflitos e resoluções pessoais (18,15-17), seu grupo deve ser pequeno e, de certa forma, inconfundível com o conjunto maior de relações sociais que unem sua cidade ou região e até com as estruturas que unem a comunidade judaica. [...] seu grupo precisa ter alguma organização formal, mas não é altamente institucional. [...] é um novo subgrupo da comunidade judaica que está em conflito com a liderança da maioria” (SALDARINI, 2000, p. 148).

¹⁴⁹ SALDARINI, 2000, p. 168.

¹⁵⁰ CARTER, 2002, p. 50.

Por ter levado sua comunidade à missão junto aos gentios, o Evangelho de Mateus foi muito aceito na grande Igreja, majoritariamente de origem pagã, convertendo-se em seu evangelho principal¹⁵¹.

Segundo Pikaza, o evangelho mateano é socialmente encarnado:

Fundando-se na autoridade de Pedro (cf. 16,17-19), Mateus escreveu um evangelho profundamente judeu e cristão, de tipo social, de organização e missão das comunidades, de abertura a todas as nações. Mateus é um evangelho de profundidade radical, de grande mística (expressada no 'Deus conosco' e na identidade do Cristo com os pobres: 1,23.25.31-46; 28,20); porém é, ao mesmo tempo, um evangelho de 'carne', muito preocupado pelas relações concretas entre os crentes e as comunidades, um livro que apela a Pedro como intérprete de Jesus¹⁵².

Segundo Saldarini, por longo tempo, se cometeu o equívoco de interpretar o evangelho mateano como uma obra cristã do século II, e não como obra judaico-cristã do século I. Houve vários equívocos na compreensão da relação entre a comunidade mateana e o judaísmo, por não se considerar o pluralismo das correntes judaicas do século primeiro. “Em consequência, muitas formas de cristianismo foram ignoradas e a rica variedade do cristianismo dos séculos II e III ficou perdida no consenso ortodoxo”¹⁵³.

Além das questões internas da comunidade judaica em Antioquia, outra realidade a qual o evangelho mateano não pôde ignorar foi o Império Romano. Para o evangelista, o sistema de dominação romana, que executou seu líder da pior maneira possível (Mt 26–27), foi demonstrado limitado pela ressurreição de Jesus (Mt 28). Mateus apresenta “uma compreensão alternativa do mundo e da existência humana centrada no Deus manifesto em Jesus”¹⁵⁴ (Mt 22,21). A comunidade de Mateus segue os valores e a práxis do Reino dos Céus, pregados por Jesus (Mt 4,17; 6,10; 12,28; 24–25), que estão no polo oposto ao do Império Romano e de seus aliados (Mt 2; 14,1-12; 20,20-28; 27).

¹⁵¹ LUZ, 2001a, p. 97.

¹⁵² “Fundándose en la autoridad de Pedro (cf. 16,17-19), Mateo ha escrito un evangelio profundamente judío y cristiano, de tipo social, de organización y misión de las comunidades, de apertura a todas las naciones. Mateo es un evangelio de profundidad radical, de gran mística (expresada en el «Dios con nosotros» y en la identificación del Cristo con los pobres: 1,23.25.31-46; 28,20); pero es, al mismo tiempo, un evangelio de «carne», muy preocupado por las relaciones concretas entre los creyentes y las comunidades, un libro que apela a Pedro como intérprete de Jesús.” (PIKAZA, Xabier. *Evangelio de Mateo: de Jesús a la Iglesia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2017. p. 74).

¹⁵³ SALDARINI, 2000, p. 25.

¹⁵⁴ CARTER, 2002, p. 72.

2.2 Contextualização interna do Evangelho de Mateus

Sobre o Evangelho de Mateus, “é preciso compreendê-lo, na literatura, como uma narração coerente e não como uma série de textos soltos empregados liturgicamente como perícopes ou catequeticamente como textos de instrução”¹⁵⁵. Caracteriza-se como uma catequese¹⁵⁶ narrativa que visa instruir seus interlocutores no caminho do discipulado do Reino, dando orientações práticas para se manter a coerência de vida com o ensinamento de Jesus.

Mateus escreveu a primeira catequese conhecida (organizada, unitária, extensa) da Igreja, com elementos históricos e morais, de compromisso social e identidade crente. Ele assumiu a enorme tarefa de oferecer à Igreja uma catequese de conjunto, com os elementos fundacionais do conhecimento e, sobretudo, da comunhão e compromisso crente dos fiéis, para que vivam, para que atuem no seguimento de Jesus... É um livro para fazer comunidade, isto é, para vincular os crentes no amor e na vida universal¹⁵⁷

Narrando a vida, o ensino e os feitos de Jesus, o evangelista apresenta a permanência do Deus de Israel em meio a seu povo, na pessoa de seu Filho, como o tema central de sua obra¹⁵⁸. O ensino de Jesus sobre o Reino aparece como norma para a comunidade dos seus discípulos¹⁵⁹. Esta, ao contrário do judaísmo formativo, não só está aberta a aceitar pagãos em seu meio como vai em missão junto a eles para fazer novos discípulos de Jesus (Mt 10; 28,19). Segundo Pikaza, Mateus coloca sua catequese sob a autoridade e patrocínio de Pedro, enquanto fiador da verdade evangélica e de todas as comunidades dos seguidores de Jesus (Mt 16,17-19)¹⁶⁰.

Para Aguirre, o evangelista combate dois perigos para sua comunidade, que são diametralmente opostos. Primeiro, a influência farisaica, apegada à interpretação literal da Lei. Segundo, os desvios doutrinários que minimizam a importância do cumprimento de certos

¹⁵⁵ “Hay que entenderlo, en lo literario, como una narración coherente y no como una serie de textos sueltos empleados litúrgicamente como pericopas o catequéticamente como textos de instrucción” (LUZ, 2001a, p. 36).

¹⁵⁶ Segundo Marconcini, nos evangelhos sinóticos, a catequese é o aprofundamento do querigma, tendo três objetivos. Primeiro, defende a messianidade de Jesus à luz das Sagradas Escrituras, enquanto parte do plano salvífico de YHWH que se revela paulatinamente. Segundo, pretende levar a Boa Nova do Messias Jesus, morto e ressuscitado, a todas as partes (Mt 10). Terceiro, a catequese exorta os crentes a manterem a coerência entre fé e vida. Ela ilumina a vida cotidiana dos discípulos de Jesus no referente “às relações entre os diferentes grupos cristãos e às relações destes com o meio judaico e pagão” (MARCONCINI, 2004, p. 60).

¹⁵⁷ “Mateo ha escrito la primera catequesis conocida (organizada, unitaria, extensa) de la Iglesia, con elementos históricos y morales, de compromiso social e identidad creyente. Él asumió la enorme tarea de ofrecer a la Iglesia una catequesis de conjunto, con los elementos fundacionales del conocimiento y, sobre todo, de la comunión y compromiso creyente de los fieles, para que sepan, para que vivan, para que actúen en la línea de Jesús... Es un libro para hacer comunidad, es decir, para vincular en amor y vida universal a los creyentes” (PIKAZA, 2017, p. 26).

¹⁵⁸ STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 12-13.

¹⁵⁹ ZUMSTEIN, Jean. *Mateus, o teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 38.

¹⁶⁰ PIKAZA, 2017, p. 74.

preceitos legais. Sua catequese se caracteriza, dentro do Novo Testamento, por ser um ponto de equilíbrio literário e teológico dessas duas tendências, que se converteu na melhor expressão da tradição petrina do cristianismo primitivo¹⁶¹.

O texto mateano é o resultado da releitura do Evangelho de Marcos e da hipotética fonte *Quelle*, somados à própria tradição de Mateus¹⁶². Dos 1.071 versículos do evangelho mateano, 506 versículos são oriundos do Evangelho de Marcos, 235 versículos foram extraídos da fonte Q, e 330 versículos são de sua própria tradição¹⁶³.

Mateus utilizou diferentes recursos literários na produção de sua obra. O evangelho foi escrito em grego sinagoga, ao mesmo tempo que manteve significativo semitismo. Suas narrativas são sucintas e objetivas, dando destaque às falas de Jesus. Repete fórmulas com objetivos didáticos e interpretativos, além de ser fortemente influenciado pela Septuaginta¹⁶⁴.

O autor introduz, paulatinamente, seus diferentes conteúdos, facilitando a leitura por concentrar seu material em blocos similares na forma ou no conteúdo (Mt 1–2; 5–7; 8–9; 10; 13; 18; 23)¹⁶⁵. Utiliza palavras específicas, orientando a leitura de certas perícopes: “justiça” condiciona a leitura de Mt 5–7, “apóstolo” guia a leitura de Mt 10; “juízo” orienta a leitura de Mt 11,20–12,45; “irmãos” direciona a leitura de Mt 18¹⁶⁶.

Valoriza-se o simbolismo dos números: há três grupos genealógicos (Mt 1,2–17); três teofanias angélicas (Mt 1,18–2,23); três provações de Jesus (Mt 4,1–11); e três orações no horto (Mt 26,39–44). Além disso, Pedro nega Jesus três vezes (Mt 26,69–75); “sete são as lamentações contra os escribas e fariseus (23,13–32), os pedidos do Pai-nosso (6,9–13), as parábolas (cap. 13), os espíritos malignos no homem (12,45); sete é o número que dá sustentação ao perdão sem limites, ou seja, setenta vezes sete (18,22)”¹⁶⁷.

Faz uso de inclusões (repetição de frases, palavras ou expressões no início e no final de um bloco literário), como a do nome Emanuel (Mt 1,24; 28,20), que abarca todo o evangelho, indicando a intenção de Mateus em ser lido na totalidade de sua obra¹⁶⁸.

¹⁶¹ AGUIRRE, Rafael. *Pedro en el Evangelio de Mateo*. In: AGUIRRE, Rafael. *Pedro en la Iglesia primitiva*. 2. ed. Estella: Verbo Divino, 2002. p. 56–57.

¹⁶² Segundo Luz, “o evangelho de Mateus procede de uma comunidade que foi fundada pelos mensageiros e profetas itinerantes do Filho do Homem mencionados na fonte dos *logia* e que mantém um estreito contato com eles”. Texto original: “El evangelio de Mateo procede de una comunidad que fue fundada por los mensajeros y profetas itinerantes del Hijo del hombre mencionados en la fuentes de los *logia* y que mantiene un estrecho contacto con ellos” (LUZ, 2001a, p. 91).

¹⁶³ VITÓRIO, 2019, p. 20–21.

¹⁶⁴ LUZ, 2001a, p. 52–53.

¹⁶⁵ BARBALHO, Giuseppe. O evangelho de Mateus. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (I): Mateus e Marcos*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 52.

¹⁶⁶ LUZ, 2001a, p. 38–39.

¹⁶⁷ MARCONCINI, 2004, p. 127–128.

¹⁶⁸ LUZ, 2001a, p. 40.

Os sumários são amplamente utilizados. Servem como fórmulas introdutórias ou conclusivas, bem como para dar relevância a determinada situação ou como perícopes de transição (Mt 4,23; 8,16; 9,35; 12,15)¹⁶⁹.

Usa composições circulares quiásticas. Tal recurso caracteriza-se pela utilização de uma série de inclusões envolvendo um texto, de acordo com o seguinte esquema: A B B' A'¹⁷⁰.

Mateus é o evangelista que mais faz menções ao Antigo Testamento. Sua teologia fundamenta a messianidade de Jesus com argumentos veterotestamentários, afirmando ser o Mestre o pleno cumprimento da Lei e dos profetas (Mt 5,17). Ainda buscou novos sentidos nas Sagradas Escrituras, seja na Lei mosaica (*Halaká*), seja nas tradições narrativas (*Haggadá*), mas sempre as confrontando com o ensinamento de Jesus¹⁷¹.

2.2.1 A teologia mateana

O Evangelho de Mateus, por ser uma catequese narrativa, não apresenta uma exposição doutrinal sistematizada. A mensagem que quer transmitir se encontra nas entrelinhas, na medida em que desenvolve seu enredo¹⁷². O interesse de sua teologia tem forte acento nas dimensões cristológica, eclesiológica e escatológica.

Seu grande interesse é o eclesiológico. Sendo assim, a fé em Jesus, o Messias, é o fator constitutivo da Igreja, que está aberta a todos os povos. “A Igreja é a encarnação verdadeira e definitiva da aliança do Pai com a humanidade”¹⁷³. A fé no Crucificado faz da comunidade de seus discípulos “o verdadeiro povo de Deus, a comunidade messiânica dos últimos tempos, sinal visível de salvação para todos os homens”¹⁷⁴. A igreja antecipa, parcialmente, a realidade salvífica enquanto conduz ao Reino. Por isso, a comunhão dos irmãos é fator decisivo para a comunhão com Deus (Mt 5,23-24). Mateus não tem preocupação com o aspecto institucional de sua comunidade nela mesma, mas ressalta a necessária fidelidade ao ensino de Jesus no exercício dos ministérios na Igreja (Mt 20,25-28).

O fundamento da Igreja é cristológico. O Cristo Jesus é o Filho do Deus vivo (Mt 16,16). Deus se faz presente no meio de seu povo através de Jesus (Mt 1,23), que é o único Mestre (Mt 23,10). Liberta e salva os que creem nele (Mt 11,5). Seu jugo é fácil de carregar, seu fardo é

¹⁶⁹ BARBAGLIO, 2002, p. 52.

¹⁷⁰ LUZ, 2001a, p. 41.

¹⁷¹ VITÓRIO, 2019, p. 23.

¹⁷² BARBAGLIO, 2002, p. 53.

¹⁷³ BARBAGLIO, 2002, p. 59.

¹⁷⁴ BARBAGLIO, 2002, p. 60.

leve e sua conduta é a referência para todos os seus discípulos (Mt 11,28-30). Permanece junto dos discípulos em oração, mesmo após a ressurreição (Mt 28,20).

Mas não basta que se diga crer no Messias Jesus. É essencial que se faça tudo o que ele ensinou (Mt 7,21), pois, no futuro, “quando o Filho do Homem vier em sua glória” (Mt 25,31), julgará a todos. Será a consumação da história, e os homens terão o castigo ou a salvação eterna. Mas só se salvarão aqueles que tiverem abraçado um modo de vida que seja expressão do amor ao próximo (Mt 25,31-46). Sendo assim, o aspecto escatológico tem por finalidade promover uma autêntica revisão da práxis dos membros da comunidade¹⁷⁵.

Todo o ministério de Jesus foi pautado no anúncio do Reino dos Céus¹⁷⁶, que é de difícil definição, pois refere-se a uma realidade divina e humana, está no presente e no futuro. “Inicia-se com a proclamação do evangelho por parte de Jesus e se desenvolve continuamente até a volta do Cristo”¹⁷⁷. Mas,

De forma muito sucinta pode-se dizer que o Reino de Deus significa o senhorio de Deus sobre a história, movendo os seres humanos para a fraternidade, a misericórdia, o perdão e a reconciliação, com o banimento de toda forma de injustiça e de aviltamento da dignidade dos seres humanos, a serem tratados como irmãos¹⁷⁸.

O Reino não se identifica com a comunidade dos discípulos de Jesus, nem com qualquer instituição humana. Todavia, a comunidade formada pelos discípulos de Jesus deve promover o acesso ao Reino, que, por sua vez, só se realizará plenamente no futuro com a volta de Jesus (Mt 25,31-46).

Os cinco grandes discursos são outra característica de suma importância no evangelho mateano. Constituem unidades literárias fechadas, finalizadas com “uma fórmula estereotipada de conclusão, que serve também de transição: *Quando Jesus terminou esse discurso* (7,28; cf. 11,1; 13,53; 19,1; 26,1)”¹⁷⁹. São uma estratégia pedagógica que facilita a compreensão do

¹⁷⁵ BARBAGLIO, 2002, p. 70.

¹⁷⁶ Israel esperava ansiosamente pelo reinado de Deus que o libertaria dos opressores, iniciando um tempo de justiça, prosperidade e paz, que fora anunciado pelos profetas. Diferentes facções do judaísmo tinham concepções distintas quanto a como se daria a libertação. Mas a expectativa mais difundida era de um messias político, sucessor de Davi. Este inauguraria o reinado de Deus, restauraria a monarquia davídica, expulsaria os invasores romanos, e humilharia as nações pagãs, derrotando-as. Fiel ao Senhor, o messias faria cumprir seus desígnios, governando conforme sua vontade (MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 43).

¹⁷⁷ MARCONCINI, 2004, p. 189.

¹⁷⁸ VITÓRIO, 2019, p. 17.

¹⁷⁹ BARBAGLIO, 2002, p. 51.

ensino de Jesus¹⁸⁰. Têm como temática comum o Reino dos Céus, referência para quem se torna discípulo-apóstolo.

Os cinco discursos têm organização concêntrica e correspondências lineares e de conteúdo da seguinte forma:

A Sermão da montanha (Mt 5–7)

B Discurso missionário (Mt 10)

C Discurso parabólico (Mt 13)

B' Discurso eclesial (Mt 18)

A' Discurso escatológico (Mt 24–25)

O sermão da montanha (Mt 5–7) e o discurso escatológico (Mt 24–25) são os maiores. Trata-se, respectivamente, das exigências do Reino e de sua consumação. O discurso missionário (Mt 10) e o discurso eclesial (Mt, 18) são os menores, abordando, respectivamente, a Igreja em missão e as questões internas da Igreja. O discurso parabólico (Mt 13) é de extensão média em relação aos outros discursos. Ocupa posição central, oferecendo “a chave para a compreensão dos ‘mistérios do Reino’ e da catequese mateana em seu conjunto”¹⁸¹.

2.2.2 Estrutura do evangelho de Mateus

Segundo Carter, os evangelhos narram a história de Jesus ao estilo das antigas “biografias” greco-romanas. Esse gênero de “biografia” (βίοι, vidas) possui quatro características que estão presentes nos evangelhos. 1º) São escritos oriundos de grupos que se formaram no seguimento de um líder carismático. 2º) Exaltam a figura do líder. 3º) oferecem um modelo a ser imitado por seus leitores. 4º) Expressam normas e valores para a edificação da comunidade¹⁸².

¹⁸⁰ “Em suma, a divisão do material dos *logia* em cinco discursos é uma esplêndida e [...] eficaz contribuição didática. Facilita muito a visão panorâmica e a apropriação da pregação de Jesus. Na minha opinião, não há necessidade de procurar nenhum mistério teológico. A divisão de Mateus é determinada pela narração sobre Jesus; os discursos são inseridos em um local adequado para o fio dessa narração” (LUZ, 2001a, p. 46). Texto original: “En suma, la división del material de los *logia* en cinco discursos es una espléndida y [...] eficaz aportación didáctica. Facilita notablemente la visión panorámica y la apropiación de la predicación de Jesús. No hay que buscar aquí, a mi juicio, ningún misterio teológico. La división de Mt está determinada por la narración sobre Jesús; los discursos se insertan en lugar adecuado al hilo de esa narración”.

¹⁸¹ VITÓRIO, 2019, p. 18.

¹⁸² CARTER, 2002, p. 24-25.

Atendendo ao que se esperava de uma “biografia” em sua época, o evangelho mateano traz a descendência, nascimento e algo sobre a infância de Jesus nos capítulos de 1 a 2. O ensino e obras em Mt 3–25. Morte e ressurreição em Mt 26–28¹⁸³. Por sua vez, o enredo se divide em seis blocos narrativos¹⁸⁴. Cada bloco tem um incidente fundamental (cena principal), que é desenvolvida pelas outras cenas do bloco¹⁸⁵.

No primeiro bloco (Mt 1,1–4,16), tendo como pano de fundo a história de Deus com seu povo eleito (Mt 1,1-17), é dita qual a missão de Jesus. O incidente fundamental é a concepção e o comissionamento de Jesus para manifestar a salvação de Deus em Mt 1,18-25¹⁸⁶.

No segundo bloco (Mt 4,17–11,1), diz como Jesus realiza, em palavras e ações, sua missão de manifestar a salvação de Deus (ou, anunciar o Reino dos Céus). O incidente fundamental é a proclamação do Reino dos Céus, a convocação dos discípulos, o ensino e curas em Mt 4,17-25¹⁸⁷.

O terceiro bloco (Mt 11,2–16,20) “indica a necessidade de discernir a identidade de Jesus a partir de suas ações e palavras, e de responder com compromisso ou rejeição”¹⁸⁸. A cena principal é Mt 11,2-6 e versa sobre a identidade messiânica de Jesus.

No quarto bloco (Mt 16,21–20,34), Jesus elabora o significado de sua morte e ressurreição para seus discípulos. O texto fundamental é Mt 16,21-28, no qual Jesus explica aos discípulos que morrer e ressuscitar fazem parte da missão que recebeu do Pai¹⁸⁹.

No quinto bloco (Mt 21–27), Jesus chega a Jerusalém, entra em conflito com as lideranças do povo, sendo morto pela ação delas. Entretanto, sua morte e sua ressurreição fazem parte dos desígnios de Deus para salvar seu povo. O incidente fundamental é Mt 21,1-27, no qual Jesus entra em Jerusalém e, devido, em parte, ao confronto com as lideranças políticas e religiosas, é morto¹⁹⁰.

No sexto bloco (Mt 28), a obra salvífica de Deus não é destruída pela morte de Jesus, mas, ao contrário, é completada com a ressurreição. Enquanto os adversários de Jesus continuam a rejeitá-lo, os discípulos do Ressuscitado são comissionados a irem às nações para

¹⁸³ CARTER, 2002, p. 25.

¹⁸⁴ Diferentes exegetas dividem o Evangelho de Mateus de diversas maneiras (cf. LUZ, 2001a, p. 34-35). Aqui optou-se em seguir a divisão feita por Carter (CARTER, 2002, p. 683-685), em blocos narrativos, por julgá-la mais adequada à metodologia de análise narrativa usada nesta dissertação.

¹⁸⁵ CARTER, 2002, p. 683.

¹⁸⁶ CARTER, 2002, p. 98.

¹⁸⁷ CARTER, 2002, p. 163.

¹⁸⁸ CARTER, 2002, p. 323.

¹⁸⁹ CARTER, 2002, p. 431.

¹⁹⁰ CARTER, 2002, p. 517 e 683.

ensinar e para batizar, fazendo novos discípulos. A perícopie fundamental é Mt 28,1-10, na qual o Anjo do Senhor anuncia às mulheres a ressurreição de Jesus, e, em seguida, elas o veem¹⁹¹.

2.3 O *discípulo* e a *multidão* no Evangelho de Mateus

Mateus estabelece uma nítida distinção ao longo do evangelho entre *discípulo* e *multidão*¹⁹². “*Multidão* equivale a um conceito teológico e significa proximidade descomprometida, curiosa ou interessada com Jesus e com o Reino. Na *multidão* estão os potenciais discípulos e também os opositores de Jesus”¹⁹³. *Discípulos* são aqueles que, atendendo ao chamado de conversão, abandonam o que não condiz com o ensino de Jesus, tornando-se leais a ele e a seu ensino.

Ao narrar a identidade messiânica de Jesus¹⁹⁴, o autor o faz de modo a convidar seus narratários a se engajarem no discipulado do Mestre, de sorte que deixem de fazer parte da *multidão* e tornem-se *discípulos*, abraçando a missão de Jesus como própria (Mt 4,19)¹⁹⁵. Pois, “o discipulado autêntico decorre do conhecimento do Mestre, para além das idealizações ou esperanças equivocadas”¹⁹⁶.

A reação dos *discípulos* e da *multidão* diante da revelação da identidade messiânica de Jesus é ambígua. Discípulos e *multidão* estão sempre acompanhando Jesus em seu ministério, mas ambos o abandonaram quando foi preso. As *multidões* pediram sua morte (Mt 27,20). Os discípulos voltaram para o Mestre depois da ressurreição, mesmo que alguns duvidassem (Mt 28,17).

Os discípulos são um grupo organizado e com liderança estabelecida (Mt 10,1-4; 16,17-19) e comprometida com Jesus. As *multidões* são um grupo não organizado e mutável que se interessa pela pregação de Jesus, mas não são comprometidas com ele. São convocadas pelo Mestre a se tornarem discípulos do Reino, para nele poder entrar. Segundo Saldarini,

¹⁹¹ CARTER, 2002, p. 669.

¹⁹² VITÓRIO, 2019, p. 153.

¹⁹³ VITÓRIO, 2019, p. 12.

¹⁹⁴ Mateus caracteriza Jesus como um rabi, com profundo conhecimento da Palavra, ensinando com autoridade sobre o Reino, e não como os mestres da Lei (Mt 7,29). Algumas questões discutidas no evangelho mateano são as mesmas que os mestres judeus debatiam no final do século primeiro (SALDARINI, 2000, p. 288-292). A segunda atividade mais comum de Jesus, depois de ensinar, é realizar curas e exorcismos. Elas são típicas do messias, segundo interpretação que Mateus faz de Isaías (Mt 11,5; 12,17-21), pois curar e ensinar fazem parte da identidade de Jesus (SALDARINI, 2000, p. 292-296).

¹⁹⁵ VITÓRIO, 2019, p. 65.

¹⁹⁶ VITÓRIO, 2019, p. 39.

Embora sejam claramente distintas dos discípulos e não estejam comprometidas com Jesus, em geral as multidões não lhe são hostis nem são condenadas por Mateus. Antes, as multidões de Israel são o público a quem Jesus se dirige e que tem esperança de atrair como seguidores. Não são atacadas diretamente, como os líderes, mas são, antes, vistas como desorientadas (9,36; 10,6); só são acusadas e rejeitadas quando estão ligadas a seus líderes de tal forma que o apelo que Jesus e Mateus lhes dirigem é rejeitado por toda uma cidade (Corazim, Betsaida, Cafarnaum, em 11,20-24; Jerusalém em 23,27-29 e 27,20-25)¹⁹⁷.

As multidões são amigáveis e entusiastas com o ensino de Jesus¹⁹⁸. Mas são anônimas, incoerentes, mutáveis, irresponsáveis, têm dificuldade de compreender o ensinamento proposto. Embora sejam beneficiadas pelos milagres do Mestre e o considerem como profeta, em outros momentos são hostis a terceiros (Mt 20,31). Só agem com hostilidade a Jesus no fim da narrativa, por estarem ligadas às autoridades do Templo (Mt 26,47.55; 27,15-26).

Por seu turno, os discípulos têm nomes, compreendem o ensino de Jesus, auxiliam-no em seu ministério, são instruídos de modo diferente (Mt 13,11.36.51). Permanecem com Jesus, ao contrário das multidões que constantemente são dispensadas depois de alguns eventos, como em Mt 13,36; 15,39.

Mesmo assim, os discípulos também expressam dificuldade em compreender o Mestre em diferentes momentos: no ensino contra o repúdio da esposa (Mt 19,10); quando expulsam crianças que foram levadas para serem abençoadas por ele (Mt 19,13); na unção em Betânia (Mt 26,8); no ensino sobre a riqueza (Mt 19,23-25). Em outros momentos, Jesus os acusa de terem pouca fé (Mt 8,26). Por medo e falta de fé, Pedro se afundava no mar (Mt 14,30-31). Por lhes faltar fé, os discípulos não curaram um lunático (Mt 17,14-21). É do meio dos “Doze” que sai aquele que entregou Jesus à morte (Mt 26,14-16). Alguns duvidaram, mesmo depois de verem Jesus ressuscitado (Mt 28,17).

Por outro lado, esses mesmos “Doze” foram capazes de reconhecer a identidade messiânica de Jesus. Prostram-se diante dele, reconhecendo-o como “Filho de Deus” (Mt 14,33), como “o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Compreendem o ensinamento do Mestre (Mt 13,51). Cumprem as ordens de Jesus (Mt 21,6; 26,19). E a comunidade dos discípulos do Reino é instruída para viver na fraternidade (Mt 20,25-25)¹⁹⁹.

Mateus apresenta os discípulos como modelos, mesmo que imperfeitos, de como o seguidor de Jesus deve ser. As dificuldades que têm para compreender e seguir o Cristo, as

¹⁹⁷ SALDARINI, 2000, p. 69.

¹⁹⁸ “Ao curar, Jesus desempenha um papel comum no judaísmo do século I e no Império Romano do Oriente. O ‘homem santo’ ou ‘homem divino’ (*theios anēr*) do Oriente Próximo, que tinha seguimento popular, devia manifestar poderes divinamente concedidos por meio de ensinamento sábio e façanhas convincentes” (SALDARINI, 2000, p. 294).

¹⁹⁹ SALDARINI, 2000, p. 67-68.

obrigações e as oposições que encontram refletem a realidade do grupo mateano no final do primeiro século²⁰⁰.

Embora a palavra *discípulo* se refira à relação com o mestre e, de fato, ao longo de todo evangelho, Jesus instrui seus discípulos a viverem de acordo com seu ensinamento, eles não o chamam de mestre. Do ponto de vista dos discípulos, ele é mais que um mero mestre, é o Filho de Deus, é o Senhor ressuscitado. Por isso o chamam de Senhor (kyrios)²⁰¹.

Eles seguem seus ensinamentos e convocam outros a segui-lo (Mt 4,18-22; 28,19-20). O discípulo ideal é aquele que se coloca junto do Mestre para aprender com ele e, posteriormente, ensinar o que aprendeu, isto é, transmitir o caminho do discipulado. Dessa forma, também seus ouvintes sairão da multidão e se tornarão discípulos.

Para Overman, ao salientar o aspecto instrutivo desse papel, o evangelista visa reforçar sua comunidade no ponto que é internamente frágil, para, assim, resistir às ameaças de seus adversários externos. Uma vez que no entorno da comunidade há todo um esforço de reestruturação do judaísmo, após a destruição do Templo, o evangelista enfrenta seus rivais com a mesma tática: dedica-se a instruir os membros de sua comunidade, para que não se dissolva e não seja absorvida pelas demais correntes judaicas que negam que Jesus seja o Messias de Israel. “O enfoque na educação ajuda a assegurar a continuidade das crenças e valores adequados na comunidade. Ele [o ensino] explica e justifica as crenças da comunidade e oferece uma defesa contra visões e crenças opostas”²⁰².

Ao longo do texto mateano, aparecem diferentes personagens que trazem a marca do discipulado. Mesmo que tais personagens apareçam uma única vez na narrativa, têm a função pedagógica de demonstrar como se comportam e são abençoados (ou salvos) aqueles que reconhecem Jesus como o Messias e Senhor.

2.4 Da multidão ao discipulado

Para melhor analisar os personagens *discípulos* de Jesus e *multidão*, que são dois extremos, alguns conceitos da análise narrativa são utilizados neste momento. Para compreender melhor a identidade de qualquer personagem é preciso, dentre outras coisas, como visto no primeiro capítulo, observar o que faz e fala; o que é dito sobre ele; como se relaciona com outros personagens; como se encaixa no contexto geral da obra, sendo tudo isso

²⁰⁰ SALDARINI, 2000, p. 161.

²⁰¹ SALDARINI, 2000, p. 163-166.

²⁰² OVERMAN, 1997, p. 131, grifo nosso.

compreendido a partir da relação dos personagens com Jesus, o grande protagonista do evangelho²⁰³. Lembramos que o que se refere ao discípulo Pedro será avaliado no próximo capítulo desta dissertação.

Tomamos duas perícopes do Evangelho de Mateus para serem analisadas. A primeira versa sobre o início da atividade ministerial de Jesus em Mt 4,17-25. A segunda, em Mt 15,21-28, narra a cura da filha da mulher cananeaia.

2.4.1 Jesus chama ao seu seguimento (Mt 4,17-25)

O incidente fundamental do segundo bloco narrativo do Evangelho de Mateus (Mt 4,17–11,1) abarca as perícopes que são utilizadas para compreender os personagens discípulos e multidão. Em Mt 4,17-25, Jesus inicia a missão que lhe foi dada por Deus. Anuncia a proximidade do Reino dos Céus e chama à conversão (Mt 4,17). Convoca discípulos e forma comunidade (Mt 4,18-22). Demonstra a presença de Deus que age nele em pregações, no ensino e em curas (Mt, 4,23-25). O sermão da montanha (Mt 5–7), as curas e exorcismos (Mt 8–9) e o discurso missionário (Mt 10) são o desenvolvimento da cena central desse bloco narrativo²⁰⁴. Eis o texto:

^{4,17}A partir de então, Jesus começou a proclamar: “Convertei-vos: o Reinado dos céus aproximou-se”. ¹⁸Andando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar: eram pescadores. ¹⁹Disse-lhes: “Vinde em meu seguimento, e farei de vós pescadores de homens”. ²⁰Eles então, deixando logo as redes, seguiram-no. ²¹Indo daí adiante, ele viu mais dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, no barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes. Ele os chamou. ²²Deixando logo seu barco e seu pai, seguiram-no. ²³A seguir, percorrendo toda a Galileia, ele ensinava em suas sinagogas, proclamava a Boa Nova do Reino e curava toda doença e enfermidade entre o povo. ²⁴Sua fama espalhou-se por toda a Síria, e trouxeram-lhe todos os que padeciam de toda espécie de doenças e tormentos: endemoninhados, lunáticos, paráliticos; ele os curou. ²⁵E grandes multidões o seguiram, vindas da Galileia e da Decápole, de Jerusalém e da Judéia, e do além do Jordão.

O incidente fundamental do segundo bloco narrativo é dividido em duas cenas. Com mudança de personagens e de tema, tanto na cena que o antecede (Mt 4,12-16) como na que o sucede (Mt 5–7). A primeira é uma cena vocacional (Mt 4,18-22). Ao longo do mar da Galileia, Jesus convoca duas duplas de irmãos para segui-lo. Eles abandonam as redes, o barco e o pai para se tornarem seus discípulos. A segunda cena (Mt 4,23-25) é um sumário introdutório das

²⁰³ VITÓRIO, 2016, p. 79-80.

²⁰⁴ CARTER, 2002, p. 163.

principais atividades de Jesus ao longo desse bloco narrativo. Ele percorre a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando a boa notícia do Reino e curando toda sorte de enfermidade, atraindo as multidões.

A expressão “a partir de então” é a linha divisória entre o primeiro e o segundo bloco narrativo (Mt 4,17). A partir dessa expressão, ele começa a realizar a missão que lhe foi confiada pelo Pai no primeiro bloco narrativo (Mt 1,1-4,16).

O enquadramento (ambientação) geográfico da perícopé analisada é significativo. Jesus inicia seu ministério na região da Galileia, para se cumprir a profecia de Isaías (Mt 4,14). Essa área situa-se no que antes eram as tribos de Zabulon e Neftali, isto é, duas das doze tribos do antigo Israel (Dt 34,1-4; Js 19,10-16.32-39). Mateus coloca Jesus pregando a proximidade do Reino dos céus na Terra Prometida, onde YHWH é soberano²⁰⁵. A menção indireta à Terra Prometida evoca a figura de Moisés, uma vez que, no evangelho mateano, Jesus é o novo Moisés que “salvará seu povo de seus pecados” (Mt, 1,21).

Morando em Cafarnaum (Mt 4,13), na Galileia²⁰⁶, Jesus inicia seu ministério chamando à conversão, pois o Reino do Senhor, que está nos céus, está próximo (Mt 4,17). A conversão é a volta ao Deus da aliança. O imperativo *μετανοείτε* (arrependei-vos)

designa a conversão que deve preceder a vida e ao batismo cristão, este imperativo aparece como porta de entrada da instrução seguinte sobre uma justiça superior a realizar na vida do cristão. Está claro que o imperativo precede e predomina na mensagem mateana de Jesus. [...] A proximidade do reino dos céus não é, pois, para Mateus um conteúdo justaposto à chamada penitencial, um conteúdo secundário (indicativo) da pregação, antes, é o horizonte que a fundamenta, intensifica e coroa²⁰⁷.

A conversão é o fator determinante para distinguir o *discípulo* daqueles que não reconhecem Jesus como o Messias de Israel. Tal feito é expresso em Mt 4,18-22. Existe grande diferença entre pescar peixes e pescar gente²⁰⁸. Os pescadores não são pessoas preparadas para a missão. Aprenderão com o Mestre, mas o desprendimento deles é total. A rapidez com que se

²⁰⁵ CARTER, 2002, p. 156.

²⁰⁶ A Galileia, desde o conflito com a Assíria (722 a.C.), foi governada por não judeus. Ao iniciar o ministério de Jesus ali, Mateus diz que a salvação é também para os pagãos. “Jesus não é apenas o messias de Israel, mas também o salvador do mundo. Todos os homens que vivem na sombra da morte encontram nele seu libertador. O designo de Deus, que já fora anunciado no AT, tem tal abertura” (BARBAGLIO, 2002, p. 99).

²⁰⁷ “Designa la conversión que ha de preceder a la vida y al bautismo cristiano, este imperativo aparece como puerta de la instrucción siguiente sobre una justicia superior a realizar en la vida del cristiano. Está claro que el imperativo precede y predomina en el mensaje mateano de Jesús. [...] La proximidad del reino de los cielos no es, pues, para Mateo un contenido yuxtapuesto a la llamada penitencial, un contenido secundario (indicativo) de la predicación, sino el horizonte que la fundamenta, intensifica y corona” (LUZ, 2001a, p. 242-243).

²⁰⁸ A atividade pesqueira não era apreciada pelo judaísmo legalista, pois envolvia lidar com animais impuros (Lv 11,10-11.24). Esse fato deixava os pescadores nos mais baixos níveis de classificação de pureza, e, consequentemente, na base da pirâmide social (GALLAZZI, 2013, p. 100).

dispõem a segui-lo representa a urgência da missão. Os dois irmãos não perdem tempo terminando o trabalho que iniciaram, mas abandonam as redes, e demonstram total obediência a Jesus²⁰⁹.

Esse enredo episódico também tem enquadramento simbólico. A pescaria acontece à noite, podendo atravessar a madrugada²¹⁰. A noite tem conotação negativa. Do mesmo modo o mar, que representa as forças do mal, contrárias a YHWH. Mateus permite deduzir, a partir da profecia de Isaías, que Jesus é a luz que apareceu aos irmãos pescadores que “jaziam na região sombria da morte” (Mt 4,16), ou na região majoritariamente pagã da Galileia. À semelhança dos magos, que seguiram a estrela que brilhava na escuridão da noite (Mt 2,2), tão logo Pedro e André viram tal luz, deixaram as redes imediatamente para segui-la (Mt 4,20)²¹¹.

Seguir Jesus significa tornar-se seu discípulo; assumir compromissos com ele; colaborar em sua missão; ligar-se à sua pessoa, assumindo sua cruz (Mt 16,24). Os dois irmãos aceitaram a proposta de Jesus para segui-lo e se tornaram “pescadores de homens” (Mt 4,19). A pesca, na tradição bíblica, tem perspectiva escatológica e indica o juízo último de YHWH (Jr 16,16; Hab, 1,15-17). A missão dos irmãos, que foram iluminados por Jesus, consiste em “preparar a humanidade para o acontecimento final”²¹², levar a luz, que é Jesus, àqueles que ainda jazem nas trevas, fazendo-os discípulos do Mestre.

As redes de pescadores que logo foram deixadas, abandonadas, constitui o enquadramento de materiais de cena²¹³. Aparentemente, essa informação poderia ser omitida sem prejuízo, mas elas representam a profundidade da mudança ocorrida na vida de Pedro e de André. Eles abandonaram um estilo de vida para seguir outro. Doravante, desempenharão atividades maiores. As redes agora tornam-se inúteis. Seu abandono significa que os personagens passaram por uma evolução espiritual, não são mais pescadores, mas *discípulos*. A profecia de Isaías foi cumprida neles (Mt 4,16).

Mateus radicaliza a exigência do seguimento. Mais adiante, ao longo do mar, Jesus chama outros dois irmãos pescadores, filhos de Zebedeu, que estavam no barco consertando as redes com o pai (Mt 4,21). A cena continua com focalização zero. Ele não dá voz a Jesus, mas apenas narra os fatos, recai no chamado e na resposta à convocação aos irmãos

²⁰⁹ LUZ, 2001a, p. 245.

²¹⁰ MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 52.

²¹¹ GALLAZZI, 2013, p. 95.

²¹² BARBAGLIO, 2002, p. 101.

²¹³ RESSEGUIE, 2008, p. 99.

Tiago e João. Jesus chamou os irmãos tal como YHWH chamou Moisés (Ex 3,4-10) e Samuel (1Sm 3,4-21), por exemplo, para lhes incumbir uma missão.

O sentido teológico e espiritual do chamado de Jesus, aos seus discípulos e discipulas, marca todos os grandes personagens do Evangelho de Mateus. Cada pessoa, confrontada pelo chamado de Deus, é chamada a dar uma resposta pronta e genuína ao seu apelo. Tal resposta faz com que ela cumpra, livre e fielmente, a missão recebida²¹⁴.

Como protagonista da história, são as ações do Cristo que desenvolvem o enredo. Jesus, novamente, tem a iniciativa de convocar, de escolher seus discípulos. Chama-os em meio a seus afazeres cotidianos. Tiago e João, tal como Moisés e Samuel, atenderam o chamado. A adesão a Jesus é imediata (Mt 4,22), como foi a de Pedro e André.

O enquadramento dessa sequência da cena é social (Mt 4,21-22)²¹⁵. A segunda convocação ao seguimento de Jesus é praticamente repetição da primeira, mas com significativos acréscimos. Mateus cita três vezes a figura de Zebedeu, colocando em relevo o aspecto familiar. Nesse ambiente social, as famílias eram patriarcais e cabia ao pai incentivar e manter a disciplina e a lealdade do grupo familiar, a fim de preservar a honra de todos²¹⁶. Mateus ressalta, ainda mais, a profundidade da evolução dos personagens. Tiago e João, ao abandonarem o trabalho e o pai para seguir Jesus, transferem sua lealdade, primeiramente a Jesus, antes que ao pai, Zebedeu. A obediência ao Pai celeste tem primazia frente ao pai terreno (Mt 8,21; 10,35-37; 19,29; 23,9)²¹⁷. Os laços estabelecidos com Jesus são mais fortes e significativos que os familiares. Os seguidores de Jesus constituem uma nova família (Mt 12,46-50)²¹⁸. Os discípulos do Mestre são uma comunidade de irmãos. Seguir Jesus está longe de ser uma questão meramente afetiva, pois envolve assumir profunda lealdade a ele e enfrentar as consequências disso, que afetam a vida concreta do discípulo em seu aspecto social, econômico, político, religioso e familiar. Para suplantear tais consequências, é preciso verdadeiro comprometimento com Jesus, verdadeira conversão.

²¹⁴ VIEIRA, Geraldo Dondici. *Ide e fazei discípulos meus todos os povos: teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 153.

²¹⁵ RESSEGUIE, 2008, p. 104.

²¹⁶ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 446-447.

²¹⁷ LUZ, 2001a, p. 247.

²¹⁸ A estrutura familiar do século primeiro, no Mediterrâneo, era o suporte social, econômico, educacional e religiosos das pessoas. A ruptura com a família era extremamente danosa. Mas uma família substituta (ou grupo de parentesco fictício) poderia minimizar tais danos. Nos evangelhos, as comunidades cristãs são como famílias substitutas, nas quais o principal é a fé em Jesus e não a origem social, educação, sexo ou riqueza (MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 407-408).

A cena seguinte (Mt 4,23-25) é um sumário introdutório das atividades que serão realizadas por Jesus. Percorrendo a Galileia, ensina nas sinagogas, proclama o Evangelho do Reino e cura o povo (de Deus) de suas enfermidades (Mt 4,23). Realiza em palavras e em ações a vontade de Deus. Jesus não se limita a caminhar ao longo do mar, ampliando seu alcance, percorre toda a Galileia. Não está sozinho, mas tem seu grupo de discípulos. Como rabi, ele ensina nas sinagogas. Proclama a alegre notícia do Reino dos céus (Is 52,7; 61,1)²¹⁹. Curando as enfermidades e tormentos do povo, está demonstrando a presença salvadora de Deus nele (Mt 1,21.23), pois boa saúde é sinal da bênção de Deus (Ex 15,26; Dt 7,15).

Compreendia-se que as enfermidades podiam ter diferentes origens, seja por um estilo de vida desregrado, seja como consequência dos pecados de outros. E “alguns esperavam que o Messias estabelecesse o reinado de Deus pondo fim à enfermidade e trazendo a saúde (ver 2Br 29,6-7; 73,1-2; 4 Es 7,123; 4Q 521, linha 12)”²²⁰. Jesus realiza o que se podia esperar do messias. Sua ação promove o reestabelecimento da saúde e o fim do sofrimento humano, demonstrando o Reino dos céus em ação. Está vencendo todas as forças contrárias ao reinado de YHWH sobre seu povo eleito.

O êxito das atividades de Jesus na Galileia fez com que sua fama crescesse e se espalhasse por toda a Síria, sendo levados a ele todos os que sofriam de diferentes males (Mt 4,24). Mateus ressalta, de diferentes maneiras, ao longo do evangelho, a boa fama de Jesus (Mt 8,8.29; 9,8.31; 13,1-2; 14,1.36; 22,22.33.46). Fama significa honra:

É o *status* ou posição de uma pessoa na comunidade, *juntamente com o reconhecimento público de tal condição*. O reconhecimento público é de máxima importância. Alegar uma honra que não é reconhecida publicamente é bancar o tolo. Reclamar para si mais honra do que o público concederá é ser um ambicioso ladrão. Segurar firmemente a honra que se tem é essencial para a própria vida²²¹.

Além da honra que foi lhe atribuída por sua ascendência davídica (Mt 1,1-17), Mateus fala da honra (fama) que o Mestre adquiriu em seu ministério, isto é, o reconhecimento público de suas virtudes. A ação salvífica dele constrói sua honra (fama) e atrai as multidões que desejam ser beneficiadas²²². Elas acorrem a ele vindo da Galileia, Decápole, Jerusalém e além

²¹⁹ O Reino dos céus evoca a memória afetiva do povo escolhido em seu único Deus que o protege. Ele se faz visível na pregação, obras e comunidade de Jesus. É a presença salvífica de Deus que “se revela no ministério de Jesus com impacto contínuo, mas ainda não completo” (CARTER, 2002, p. 164).

²²⁰ CARTER, 2002, p. 171.

²²¹ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 479.

²²² LUZ, 2001a, p. 252.

do Jordão (Mt 4,25). “Sua palavra e libertação chegam a todo o território que Josué havia conquistado nos dias da fundação de Israel: as doze tribos recebiam o Messias”²²³.

O surgimento das multidões, no sumário introdutório das atividades de Jesus, é diferente da maneira como surgem os discípulos. A resposta positiva destes diante da convocação de Jesus é expressão de conversão e de fé. São personagens protagonistas na obra mateana. São personagens redondos, evoluem entre altos e baixos, avanços e retrocessos. Por seu turno, as multidões²²⁴ não apresentam nenhuma resposta diferenciada frente às atividades de Jesus. São figurantes, não evoluem, são personagens planas que apresentam o mesmo comportamento do início ao fim do evangelho. Elas acompanham o Mestre por vários lugares, mas não o seguem como discípulos, não demonstram fé.

Seguindo Jesus, as multidões reconhecerão que ele ensina com autoridade e não como os escribas (Mt 7,28-29). Maravilhadas, reconhecem nunca terem visto em Israel as obras que Jesus realiza (Mt 9,33). Têm-no como profeta (Mt 21,11), mas nunca como o Messias de Israel. Em nenhum momento o chamam de “Senhor”.

A ênfase que Mateus dá à fama de Jesus justifica-se, pois, em sua época, o reconhecimento da reputação pública (a fama), por via de regra, dá credibilidade ao que é narrado sobre o personagem e seus feitos²²⁵. João Batista, por saber da honra que Jesus adquiriu por suas obras, manda perguntar se ele é o messias que devia vir (Mt 11,2-3).

Na perícope analisada (Mt 4,17-25), o evangelista ilustra a resposta distinta de dois grupos ao chamado de Jesus à conversão, no início de seu ministério (Mt 4,17). As multidões seguem Jesus por saberem de sua fama (honra). Os discípulos abandonam as redes, o barco e o pai para segui-lo, estabelecendo um vínculo de lealdade e compromisso. “Trata-se de confiar-se a ele, de comprometer a própria vida com seu destino, de fazer de sua pessoa eixo da existência”²²⁶. As multidões não abandonam nada para segui-lo, mas querem se beneficiar das curas e dos exorcismos que Jesus realiza. A mudança radical de vida, ilustrada pelo abandono

²²³ “Su palabra y liberación llega a todo el territorio que había conquistado Josué en los días fundacionales de Israel: las doce tribus reciben al Mesías” (RIERA I FIGUERAS, Francesc. *El Evangelio de Mateo: el difícil consenso en una Iglesia plural: el Jordan, Galilea, hacia Jerusalen* (Mt 3-20). Santander: Sal Terrae, 2009, p. 48).

²²⁴ “Jesus, enquanto um pregador, milagreiro e itinerante, era muito atrativo para as multidões judaicas de sua época. O seu ensino sobre o Reino dos Céus prometia a renovação de uma aliança com o Deus de Israel, e justas condições de vida para o povo” (SALDARINI, 2000, p. 71). “Para entender a relação de Jesus com as multidões na narrativa de Mateus, são necessárias algumas observações concernentes a grupos sociais e às relações do povo com os líderes na antiguidade. As multidões nunca são todo o povo judaico, nem são sociedade de constituição institucional de Israel. São subgrupos de Israel, reunidos durante algum tempo, a maioria necessitada e potencialmente disponível para Jesus como seguidores. Só ocasionalmente se opõem a Jesus, sob a influência da liderança comunitária tradicional” (SALDARINI, 2000, p. 70).

²²⁵ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 424-426.

²²⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 101.

das redes, barco e pai, não encontra paralelo por parte das multidões. Elas vão aonde o Mestre está, devido ao crescimento de sua reputação (honra). O seguimento de ambos os grupos é distinto. Os discípulos empreendem um seguimento existencial, e se identificam com o Mestre. As multidões limitam-se a um mero seguimento físico, de ir ao local aonde o rabi está, sem comprometimento, sem qualquer tipo de renúncia, mas dispostas a obter algum benefício.

As multidões e os discípulos estarão presentes ao longo de todo o Evangelho de Mateus, formando o auditório das pregações de Jesus, testemunhando suas curas e exorcismos. O chamado à conversão, tendo em vista a proximidade do Reino, continuará, mas a resposta que se quer obter das multidões é a mesma dos irmãos pescadores: que abandonem tudo para imediatamente seguir Jesus (Mt 4,20.22), tornando-se seus discípulos²²⁷.

2.4.2 As migalhas que caem da mesa (Mt 15,21-28)

A perícope mateana sobre a mulher cananeia, que pede a Jesus a cura da filha endemoninhada, revela uma personagem com características de discípula de Jesus. Esse enredo episódico é, ao mesmo tempo, de revelação (pois revela a grande fé da cananeia) e de resolução (a filha da mulher é curada do demônio que a atormentava). Eis o texto:

^{15,21}Partindo dali, Jesus retirou-se para a região de Tiro e Sídon. ²²E eis que uma cananeia veio de lá e se pôs a gritar: “Tem piedade de mim, Senhor, filho de David! A minha filha é cruelmente atormentada por um demônio”. ²³Jesus, porém, não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos, aproximando-se, fizeram-lhe esse pedido: “Despede-a, porque ela nos persegue com seus gritos”. ²⁴Jesus respondeu: “Fui enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel”. ²⁵Mas a mulher veio prostrar-se diante dele: “Senhor, disse ela, vem em meu socorro!” ²⁶Ele respondeu: “Não fica bem tirar o pão dos filhos para atirá-lo aos cachorrinhos”. ²⁷“É verdade, Senhor!” disse ela; “mas os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos”. ²⁸Então Jesus lhe respondeu: “Mulher, grande é a tua fé! Suceda-te conforme queres!” E sua filha ficou curada desde aquela hora.

A perícope acima se encontra no terceiro bloco narrativo do evangelho mateano, no qual se observam as reações à pregação e às obras de Jesus. Diante da revelação da identidade messiânica dele, a mulher cananeia expressa a atitude daqueles que reconhecem Jesus como o seu “Senhor”. Essa micronarrativa tem como pano de fundo certa resistência, ou dúvida, que membros da comunidade de Mateus têm quanto à aceitação de pessoas egressas do paganismo

²²⁷ LUZ, 2001a, p. 252.

no seio da comunidade²²⁸. O evangelista demonstra que Jesus veio para a salvação de todos, e não só para os judeus, embora estes tenham prioridade.

A clausura do texto não apresenta grandes dificuldades. O versículo 21 é de transição e marca a mudança de cenário, mas sem maiores explicações quanto ao lugar exato da cena. Jesus “partindo dali”, de Genesaré (Mt, 14,34), foi para a região de Tiro e Sídon. Na perícope seguinte, ambientada em outro cenário, Jesus vai às cercanias do mar da Galileia e sobe uma montanha (Mt, 15,29). Também mudam os personagens. Antes, estavam em cena Jesus, as multidões, os discípulos e Pedro. Agora os personagens envolvidos são: Jesus, a mulher cananeia e os discípulos. Embora a filha endemoninhada da mulher cananeia não esteja em cena, a sua cura é o pretexto para seu desenrolar. Na perícope seguinte, voltam à cena as multidões formadas por cegos, coxos, aleijados, mudos e “muitos outros”²²⁹. Tanto a perícope aqui analisada quanto a que a precede e a que a sucede têm a mesma temática: a fé, ou a incredulidade, diante da revelação da identidade messiânica de Jesus.

O narrador, em terceira pessoa, vai mostrando (*showing*) o que fazem e falam os personagens sem fazer qualquer comentário direta ou indiretamente. Não há referência quanto ao tempo cronológico (relatado) de quando se passou a cena²³⁰. Mas Mateus dedica um tempo relatante suficiente (embora não grande, em comparação com outras micronarrativas), para ressaltar a relevância do encontro entre Jesus e a mulher cananeia.

A cena se passa num enquadramento (ambientação) geográfico significativo: a região gentia de Tiro e Sídon. Isso expõe o conflito religioso, cultural, econômico e político entre os judeus e os gentios. Nas Sagradas Escrituras, os cananeus deviam ser expulsos de suas terras ou escravizados por ordens de YHWH (Gn 9,25; Js 3,10; 5,12; 17,18; 16,10)²³¹. Num primeiro momento, parece estranho Jesus ir à região habitada por pagãos, uma vez que, no discurso missionário, em Mt 10,5, já havia orientado seus discípulos a não irem pregar junto a eles. Entretanto, Mateus quer ressaltar a primazia dos judeus (Mt 10,5) e não impedir a missão aos gentios, que posteriormente será ordenada por Jesus (Mt 28,19).

A cena também apresenta enquadramento social. Trata-se do encontro público de um rabi judeu com uma mulher pagã, sem a companhia de uma figura masculina²³². Essa anônima

²²⁸ BARBAGLIO, 2002, p. 245.

²²⁹ LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo II: Mt 8-17*. Salamanca: Sigueme, 2001b. p. 565.

²³⁰ Segundo Barbaglio, não se pode dizer que haja um esquema cronológico no Evangelho de Mateus. Existem penas indicações irregulares e genéricas indicando a cronologia de alguns enredos episódicos. Tais como: naquele dia (Mt 13,1); ao anoitecer (Mt 8,16); então (Mt 3,13; 4,1); naquele tempo (Mt 12,1); seis dias depois (Mt 17,1). Dados menos genéricos estão em Mt 26,2.17; 28,1, referindo-se à semana santa (BARBAGLIO, 2002, p. 45).

²³¹ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 100.

²³² VITÓRIO, 2019, p. 179.

não é apresentada a partir de sua relação com seu pai, irmão, marido ou filho, como é comum nesta época²³³. Ela é identificada como oriunda da região que tem históricas disputas com os judeus. Sua real identidade não se dá enquanto cananeia, que é um adjetivo de caráter religioso²³⁴, mas no diálogo que trava com o Mestre, a quem implora a cura da filha, e no qual se percebe o aspecto de sua identidade a que Mateus quer dar relevância. Isso supera as fronteiras de nacionalidade²³⁵. E, se há alguma figura masculina à qual está ligada, é o próprio Jesus a quem chama de “Senhor”.

Ao longo do evangelho mateano, nota-se a postura de abertura e de acolhimento da comunidade dos discípulos do Reino para com os gentios (Mt 2,1-11; 8,5-13; 10,18; 12,17-21; 27,54; 28,19-20). O encontro de Jesus com a mulher cananeia expressa a intenção maior de Mateus de anunciar o Reino e levar a salvação a todas as nações (Mt 28,19-20). Para o evangelista, a salvação não é uma questão de pertença a um povo, mas, sim, de aceitação de Jesus como o Cristo de Israel. Em Mt 11,20-24, Cristo faz algumas invectivas sobre as cidades judias que não se converteram diante de seus milagres, afirmando que se tais milagres fossem feitos em cidades pagãs, inclusive em Tiro e Sídón, elas já teriam se convertido. O evangelista relê as tradições que maldizem Tiro e Sídón (Is 23; Ez 27-28; Jr 47,4; Zc 9,1-4; Jl 4,4), a partir da misericórdia (Mt 9,9-13), demonstrando que o importante é a lealdade ao Deus de Israel²³⁶.

O encontro entre Jesus e a mulher cananeia se dá para além de um lugar geográfico. Acontece num lugar existencial, de conversão, de aceitação e reconhecimento da messianidade de Jesus que porta a salvação e transforma a realidade. Ele, dirigindo-se à região de Tiro e Sídón, retirou-se²³⁷ de perto dos fariseus e dos princípios religiosos que condenam (Mt 15,1-20). E, ao mesmo tempo, a mulher cananeia, retirando-se daquela região de Tiro e Sídón, sai do lugar de influência do paganismo e de rivalidade contra os judeus²³⁸ e vai ao encontro de seu “Senhor”.

A mulher cananeia veio em direção a Jesus, gritando, e seu pedido é praticamente uma oração²³⁹: “tem compaixão de mim, Senhor, filho de David” (Mt 15,22b). “Só o grito incontido sugere a magnitude de sua desgraça. A necessidade a faz rezar; ela fala a Jesus na linguagem dos salmos bíblicos, a linguagem orante familiar à comunidade. Isto permite que os leitores se

²³³ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 399-401.

²³⁴ BARBAGLIO, 2002, p. 244.

²³⁵ CARTER, 2002, p. 408.

²³⁶ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 100.

²³⁷ Ao se retirar deste lugar, Jesus se afasta não só geograficamente, mas demarca seu afastamento das práticas, ideias e valores daqueles de quem se afasta. Sua intenção é construir algo diferente da realidade que não se adequa à vontade do Pai e de seu Reino (CARTER, 2002, p. 389-390).

²³⁸ CARTER, 2002, p. 408.

²³⁹ Sl 6,2; 27,7; 30,10.

identifiquem com ela”²⁴⁰. Logo em sua primeira fala, ela reconhece a identidade messiânica de Jesus e se apresenta como uma discípula. Ao chamá-lo de “filho de David”, está reconhecendo sua ascendência davídica, da qual os judeus esperam seu messias. Somente os discípulos se dirigem a Jesus como “Senhor”. Portanto, ao chamá-lo assim, ela já demonstra que tem fé e reconhece nele autoridade sobre os demônios (Mt 4,1-11). Este é o reconhecimento que justificava seu pedido: “a minha filha é cruelmente atormentada por um demônio” (Mt 15,22c). A possessão demoníaca, ou de espíritos impuros, era compreendida como a resistência à vontade divina²⁴¹. Pedindo a cura da filha, ela pede a manifestação do reinado de Deus, pede a salvação que Jesus veio trazer.

O narrador expõe um diálogo gerador de tensão narrativa que ascende gradualmente até seu clímax. Frente à mulher cananeia que pede pela filha aos gritos, Jesus responde com silêncio. Sua mudez é agressiva, é ultrajante, é desconcertante. Mas essa períclope guarda certa ironia. Jesus assume o papel de um membro judaizante da comunidade mateana, e a mulher cananeia é protótipo de quem tem fé capaz de remover montanhas²⁴². O silêncio, bem como sua aparente resistência em atendê-la no decorrer da cena, não significa indiferença nem rejeição ao pedido feito. Antes, é uma estratégia literária do narrador para chegar ao seu objetivo, que está de acordo com seu ponto de vista referente aos gentios no conjunto de sua obra (Mt 2,1-11; 8,5-13; 10,18; 12,17-21; 27,54; 28,19-20).

A mulher não se deixa abater pelo silêncio do Mestre. Continua seguindo-o, mesmo sendo ignorada. Ela o faz como uma discípula. “Com efeito, ela tem tudo de discípula. Proclama que Jesus é Senhor, proclama que é filho de Davi, sabe e acredita que Jesus é Jesus, o Senhor (Javé) que salva”²⁴³. Em certo momento, os discípulos preferem que seja atendida para parar de gritar atrás deles. “O grito insistente continua sendo capaz de provocar reação. O grito incomoda, desassossega, põe na berlinda quem escuta”²⁴⁴. Para Barbaglio, a intervenção dos

²⁴⁰ “Sólo el grito incontinente sugere la magnitud de su desgracia. La necesidad hace rezar; ella habla a Jesús en el lenguaje de los salmos bíblicos, el lenguaje orante familiar a la comunidad. Esto permite a los lectores identificarse con ella” (LUZ, 2001b, p. 570).

²⁴¹ Na região do mediterrâneo no século primeiro, “acreditava-se que as coisas que ultrapassavam o controle humano, tais como fenômenos atmosféricos, terremotos, doença e fertilidade, eram controladas por pessoas não humanas que agiam em uma hierarquia sociocósmica. [...] Os demônios (gregos) ou espíritos impuros (semíticos) eram, portanto, forças personificadas que tinham o poder de controlar o comportamento humano. [...] Uma pessoa acusada de possessão demoníaca era alguém cujo comportamento (sintoma exterior) era anormal, ou alguém que estava imbuído em um ambiente de relacionamentos sociais desvirtuados. [...] Pessoas possuídas eram excluídas da comunidade. Libertar uma pessoa de demônios, portanto, implica não apenas exorcizar o demônio, mas igualmente restaurá-la para um lugar significativo na comunidade” (MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 383).

²⁴² RIERA I FIGUERAS, 2009, p. 193.

²⁴³ GALLAZZI, 2013, p. 313.

²⁴⁴ GALLAZZI, 2013, p. 313.

discípulos “sublinha o dever da comunidade cristã de não fechar a porta aos pagãos, mas de aceitá-los se abraçam a fé”²⁴⁵. A intervenção dos discípulos quer representar a mudança de atitude que Mateus espera que sua comunidade judaico-cristã tenha para com os pagãos.

A resposta do Mestre ao pedido dos discípulos aumenta ainda mais a tensão narrativa. Ele diz ter sido enviado somente “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15,24). Tal resposta expressa o pensamento judaico tradicional e de membros da comunidade de Mateus que a vinda do messias era para o benefício dos judeus (Jr 50,6). Mateus não nega a primazia dos judeus por ocasião da vinda do messias, mas não lhes dá exclusividade.

A resposta de Jesus parece liquidar a questão (Mt 15,24). Entretanto, a mulher cananeia é insistente, não se deixa abater pela segunda negativa. Contra argumentando, sua resposta é a de reconhecimento da autoridade de Jesus. Ela se prostra diante dele, reconhece sua realeza messiânica²⁴⁶. Novamente chama-o de “Senhor” (Mt 15,25). Reitera o pedido como em oração: “socorre-me” (Sl 41,3; 44,26; 94,17; 109,26). Prostrada diante dele, como quem se prostra no Templo diante de YHWH, ela reforça o pedido, como quem eleva a YHWH uma oração²⁴⁷. Ao proceder assim, a mulher cananeia reconhece que YHWH se faz presente em Jesus, o Emanuel (Mt 1,23). É por meio de Jesus que espera a salvação para sua filha endemoninhada (Mt 1,21). Ela expressa sua lealdade ao “ungido de Deus, que manifesta a presença salvífica e reinado de Deus”²⁴⁸.

A tensão narrativa aumenta mais. Uma mãe angustiada está prostrada diante de Jesus, suplicando em favor da filha. Parece impossível a um rabi, que já curou e exorcizou tantos, não se comover com uma cena tão dramática. Contudo, a intenção de Mateus não é gerar comoção. Tem algo mais a ser dito por meio dessa cena. Por isso, Jesus recusa a atendê-la pela terceira vez. “Não fica bem tirar o pão dos filhos para atirá-lo aos cachorrinhos” (Mt 15,26). Nessa metáfora, os filhos são os judeus (Ex 4,22; Dt 14,1) e os cachorrinhos, os gentios²⁴⁹. A narrativa segue uma escala ascendente. Diante da mulher prostrada, Jesus responde com aspereza, sublinhando mais uma vez a primazia do povo eleito. YHWH é o Deus de Israel. Jesus é o Messias de Israel. Tudo parece encaminhar para selar a exclusividade da pregação do Reino aos judeus. Jesus alimentou com pão as multidões (Mt 14,13-21), que são como ovelhas sem pastor (Mt 9,36) e parece não estar disposto a alimentar os cachorrinhos, os gentios. Tal metáfora

²⁴⁵ BARBAGLIO, 2002, p. 245.

²⁴⁶ A prostração era exigida no Oriente, particularmente após Alexandre, quando se cumprimenta um governante, como rei ou imperador (CARTER, 2002, p. 111).

²⁴⁷ Mt 15,25 não faz alusão à divindade de Jesus, isto está longe dos propósitos do evangelista.

²⁴⁸ CARTER, 2002, p. 397.

²⁴⁹ Os hebreus referiam-se pejorativamente aos pagãos como cães (BARBAGLIO, 2002, p. 244).

parece, mais uma vez, dar a Jesus um argumento irrefutável. Contudo, esse ainda não é o clímax do enredo.

A mulher cananeia não se deixa abater pela terceira negativa. Ao responder o argumento de Jesus, ela desenvolve a metáfora dos pães usada pelo Mestre e chega a novo resultado. Admite a primazia dos judeus quanto ao anúncio do Reino. Pela terceira vez, chama Jesus de “Senhor”. Seu argumento, que encerra a discursão, é realista e teologicamente profundo: os filhos deixam cair da mesa as migalhas de pão que servem de alimento para os cachorrinhos (Mt 15,27). De fato, os enredos episódicos anteriores (Mt 15,1-20) narram a controvérsia de Jesus com os fariseus, que rejeitam sua messianidade. Vindo Jesus, primeiro, às ovelhas perdidas da casa de Israel, nem todos o reconheceram como enviado de Deus. Mas ela sim. Nem todos que foram alimentados com fartura por Jesus se tornaram seus discípulos (Mt 14,13-21; 15,32-3). Mas ela, não se sabe como ou quando, tornou-se sua discípula. Foi capaz de reconhecê-lo como “Senhor”, mesmo a partir de migalhas. O pouco que lhe foi oferecido despertou a grande fé que será reconhecida pelo próprio Jesus (Mt 15,28a). Sua resposta é o clímax do enredo que muda tudo. Em sua resposta ela reivindica seu lugar à mesa do banquete do Reino, e não mais embaixo da mesa²⁵⁰.

Em suas respostas a Jesus, demonstra sua grande fé, por isso lhe será concedido o que pede (Mt 15,28). Ela “confia no poder taumáturgico de Jesus, capaz de libertar o ser humano das forças demoníacas. E se torna protótipo dos não judeus abertos para acolher o evangelho do Reino e se tornar beneficiários da misericórdia divina derramada sobre a humanidade”²⁵¹. Para Mateus, o fator determinante para pertencer à comunidade e obter a salvação é a fé em Jesus, e não a nacionalidade²⁵².

Uma das características dos discípulos que o evangelista mais ressalta é a fé em Jesus. O discípulo sempre tem fé, mesmo que seja pouca (Mt 6,30; 8,28; 14,31; 16,8). Mais frequentemente, no Novo Testamento, a palavra *fé* significa adesão social que une duas pessoas. A fé aponta “para o comportamento social e emocional de lealdade, compromisso e solidariedade, manifestado externamente. [...] Contudo, via de regra, essa lealdade é direcionada ao Deus de Israel”²⁵³. Em seu diálogo com o Senhor, a mulher cananeia foi demonstrando sistematicamente ter grande fé em Jesus, o Messias, filho de Davi. Sabe quem

²⁵⁰ CARTER, 2002, p. 411.

²⁵¹ VITÓRIO, 2019, p. 180.

²⁵² BARBAGLIO, 2002, p. 40.

²⁵³ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 410.

ele é, do que é capaz e a que veio. Sendo assim, não desiste, pois sabe que alcançará misericórdia.

O desenlace do enredo se dá quando Jesus reconhece a grande fé da cananeia (Mt 15,28a). Em face de seus últimos argumentos, não há mais como negar a fé dessa estrangeira. Ela merece ser atendida em suas súplicas. A situação final vem com a informação de que a filha ficou curada naquela hora (Mt 15,28b). O evangelista alcança seu objetivo de transmitir uma mensagem aos membros judeu-cristãos de sua comunidade. Chama-os a imitarem o Mestre, acolhendo respeitosamente os convertidos do paganismo que reconhecem Jesus como o “Senhor”, o “filho de Davi”. Da mesma forma, o evangelista oferece uma mensagem de conforto aos convertidos do paganismo: é a vontade de YHWH, e de Jesus que eles sejam membros da comunidade mateana. O autor também possibilita à comunidade, rejeitada pelo judaísmo formativo, “buscar entre os pagãos um novo espaço vital e um novo campo de trabalho, seguindo o exemplo de Jesus”²⁵⁴.

O enredo episódico de Mt 15,21-28 apresenta uma tensão narrativa que ascende paulatinamente. 1º) A mulher cananeia clama em favor da filha e Jesus se cala. 2º) Ela o segue aos gritos, os discípulos intercedem por ela e Jesus responde, com outras palavras, que não a atenderá por não ser judia. 3º) Prostra-se, insistindo em seu pedido, e Jesus recusa, alegando não poder jogar o pão dos filhos aos cachorrinhos. 4º) Por fim, ela desenvolve a metáfora utilizada por Jesus para obter novo resultado, o que o leva a reconhecer sua grande fé.

Nessa perícope, pode-se identificar a descrição de uma personagem com as características de discípulo de Jesus. Ela sabe quem é Jesus. Sabe que ele pode suplantar o demônio. Tem grande fé em seu Senhor, que é o Messias de Israel. Apesar de toda resistência, não desiste de invocar o favor de Deus que se manifesta nele.

2.5 Conclusão

Mateus escreveu seu evangelho imerso numa realidade político, social e religiosa de profunda crise. Seu intuito foi de manter a fé de sua comunidade em Jesus e de suscitar a fé naqueles que ainda não a tinham. Seu evangelho é uma catequese narrativa que ensina o caminho do discipulado do Reino. Sua teologia se caracteriza por apresentar grande interesse eclesiológico, cristológico e soteriológico. Esses três aspectos se relacionam entre si no evangelho e com o anúncio do Reino dos céus feito por Jesus.

²⁵⁴ “Buscar entre los paganos un nuevo espacio vital y un nuevo campo de trabajo, siguiendo el ejemplo de Jesús” (LUZ, 2001b, p. 574).

Ao longo do evangelho, Jesus se dirige majoritariamente aos discípulos e às multidões. É a reação distinta desses grupos frente a ele que revela a identidade deles. Para a multidão, Jesus é um rabi, ou um profeta, que ensina com autoridade e realiza prodígios (Mt 7,28-29; 21,11.46). Para os discípulos, é o Messias, o Filho do Deus vivo (Mt 16,16). No texto de Mateus, as comunidades judaicas são simbolizadas nas *multidões* que são chamadas a seguirem o caminho do discipulado do Reino, enquanto os *discípulos* representam os membros da comunidade mateana que aprenderam com o Mestre e devem continuar sua missão. A intenção de Mateus é que todos, que tenham sido apresentados à Boa Nova do Messias Jesus, deixem de ser multidão e se tornem discípulos.

O próximo passo desta dissertação, em seu terceiro capítulo, será analisar o personagem Pedro em todas as passagens do Evangelho de Mateus onde ele é nomeado. Buscar-se-á compreender as características deste personagem em cada perícopo a ser analisada.

3 O PERSONAGEM DE PEDRO NO EVANGELHO DE MATEUS

O primeiro capítulo discorreu sobre os pressupostos teóricos da análise narrativa que fundamentam a elaboração desta dissertação. No segundo capítulo, alguns conceitos da análise narrativa foram utilizados para elencar as principais características dos discípulos e da multidão no evangelho mateano. Embasados nesses dois capítulos, Pedro, o discípulo de Jesus de maior relevância na catequese de Mateus, será analisado no terceiro capítulo. Nosso objetivo é descobrir como o evangelista constrói o personagem e qual mensagem quer transmitir por meio dele.

Pedro faz parte do grupo dos Doze discípulos de Jesus, e tudo que diz respeito a eles também diz respeito a Pedro²⁵⁵. Entretanto, pelo escopo desse capítulo, apenas analisaremos as narrativas em que Pedro aparece como personagem individual, ou seja, é possível identificá-lo explícita (porque é citado) ou implicitamente (porque é referenciado no nome dos doze). Seja em cenas curtas ou mais elaboradas, o olhar está voltado à busca de alguma característica relacionada a Pedro, por menor que seja, dentro do conjunto do enredo episódico²⁵⁶.

Todo personagem surge primeiro na mente do autor, se concretiza na voz narrativa que conduz os narratários na aventura da leitura e é reconstruído no imaginário deles²⁵⁷. Os personagens são caracterizados em função de seu papel no enredo. Eles são construídos de modo a suscitar uma resposta pragmática dos narratários, pois oferecem “uma forma de vida possível, uma possibilidade de existência”²⁵⁸. Dessa forma, os personagens desenvolvem o enredo e permitem que os ouvintes se identifiquem com eles de modo a aceitarem a possibilidade de uma existência semelhante à deles. Portanto, o narrador induz a leitura de diferentes maneiras, a fim de levar o leitor a ter simpatia ou antipatia pelos personagens, aceitar ou refutar o sistema de valores que representam²⁵⁹.

A caracterização do personagem faz-se a partir do que diz, daquilo que dizem dele e do que ele faz²⁶⁰. Devemos atentar que discursos e ações ocorrem dentro de um contexto narrativo maior (enquadramento), muitas vezes simbólico, que ajuda a compreensão da mensagem que o

²⁵⁵ GNILKA, Joachim. *Pedro e Roma: a figura de Pedro nos dois primeiros séculos*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 50.

²⁵⁶ A leitura de cada perícopo se limitará ao essencial, considerando-se o número de textos e o objetivo deste estudo.

²⁵⁷ RESSEGUIE, 2008, p. 115.

²⁵⁸ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 84.

²⁵⁹ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 77.

²⁶⁰ VITÓRIO, 2016, p. 80.

autor deseja transmitir. Basicamente serão essas questões que nortearão a caracterização de Pedro em nossa análise.

3.1 A vocação de Pedro (Mt 4,18-20)

^{4,17}A partir de então, Jesus começou a proclamar: “Convertei-vos: o Reinado dos céus aproximou-se”. ¹⁸Andando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar: eram pescadores. ¹⁹Disse-lhes: “Vinde em meu seguimento, e farei de vós pescadores de homens”. ²⁰Eles então, deixando logo as redes, seguiram-no.

No capítulo anterior, apresentou-se uma análise narrativa da vocação de Pedro (Mt 4,18-20). Agora, faz-se apenas uma síntese do que foi ali analisado. Embora a cena seja curta (três versículos), ela tem grande importância dentro do projeto catequético mateano.

No início de seu ministério, Jesus chama ao arrependimento e anuncia a proximidade do Reino dos Céus (Mt 4,17). Caminhando ao longo do mar da Galileia, “num gesto de magistério pessoal, que irá desenvolvendo-se através do evangelho”²⁶¹, Jesus chama Pedro e André para segui-lo, a fim de compartilhar com eles sua própria missão. Os irmãos devem se dedicar à “pesca escatológica”, isto é, formar discípulos de Jesus porque o Reino dos Céus está próximo²⁶².

O abandono das redes simboliza a mudança na vida de Pedro e seu irmão diante da pregação de Jesus. Ao se colocar no seguimento do Mestre, Pedro rompe com a situação social, econômica e religiosa na qual vivia²⁶³. Dessa forma, seguir Jesus significa criar laços profundos de identificação com ele, pois se trata de assumir a interpretação que Jesus faz de toda a tradição religiosa de Israel. Exige-se dispor a colaborar na missão do Mestre, tornando-se um apóstolo (enviado) para a salvação dos homens. Portanto, “esta mudança de vida, logo após uma mudança de mente, indica que o seguimento de Jesus está ligado diretamente à aceitação de sua mensagem”²⁶⁴.

O relato vocacional dos primeiros discípulos tem função catequética para a comunidade mateana, pois se destina a iluminar e a orientar cada membro da comunidade em sua resposta ao seguimento de Jesus. Eles são modelos na vivência do discipulado. Tal como Pedro, os

²⁶¹ “En gesto de magisterio personal, que irá desarrollándose a través del evangelio” (PIKAZA, 2017. p. 187).

²⁶² PIKAZA, 2017. p. 187.

²⁶³ PIKAZA, 2017, p. 187.

²⁶⁴ LEONEL, João. Pedro como personagem no evangelho de Mateus: complexidade e inversão. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 164-182, jan./mar. 2014. p. 172.

narratários do Evangelho de Mateus são instigados a abandonar o que não condiz com o ensino de Jesus e a abraçar o modo de vida proposto por ele²⁶⁵.

3.2 Jesus na casa de Pedro (Mt 8,14-15)

^{8,14}Ao entrar na casa de Pedro, Jesus viu a sogra dele acamada, com febre. ¹⁵Tocou-lhe a mão, e a febre a deixou; ela se levantou e pôs-se a servi-lo.

Essa cena está inserida no segundo bloco narrativo do evangelho mateano (Mt 4,17–11,1)²⁶⁶. Nele Jesus inicia sua missão de manifestar a presença salvífica de Deus em palavras e obras. A presença do Mestre na casa de Pedro ilustra a salvação acontecendo na casa daquele que responde positivamente o chamado ao arrependimento (Mt 4,17) e a convocação ao seguimento (Mt 4,20).

A curta cena em Mt 8,14-15 tem enquadramento (ambientação) arquitetônico simbólico. Ela se passa na casa de Pedro²⁶⁷. Nas casas acontecem muitas coisas importantes e frequentemente Jesus está na casa de alguém (Mt 2,11; 5,15; 7,24-27; 8,6; 9,10.23-28; 10,12-14; 17,25; 26,6-13.17-19)²⁶⁸. No discurso missionário, Jesus orienta seus apóstolos a permanecerem nas casas dos que forem dignos (Mt 10,11), sendo que *dignos* são aqueles que aceitam a oferta da salvação messiânica e somente assim a paz entra na casa²⁶⁹. Além disso, o discípulo-fiel, que põe em prática o que Jesus ensinou, diante das perseguições, tem a resistência de uma casa construída sobre a rocha (Mt 7,24-27)²⁷⁰. Nessa narrativa, Mateus quer ressaltar a cura na comunidade (Igreja), por isso Jesus realiza uma cura na casa (família) do representante da Igreja. Em seguida, à noite, são levados à casa de Pedro, onde Jesus está, muitos endemoninhados, e ele os cura²⁷¹.

Na cena anterior (Mt 8,5-13), Jesus não entrou na casa do centurião, cujo servo estava paralisado e sofrendo terrivelmente. Não que ele se recusasse, mas foi o centurião quem não se achou digno de recebê-lo. Na casa de Pedro, a situação tem semelhanças e distinções. Sua sogra está acamada com febre. Jesus simplesmente entra na casa, vê seu sofrimento e a cura. Mas, ao

²⁶⁵ BARBAGLIO, 2002, p. 101

²⁶⁶ CARTER, 2002, p. 260-261.

²⁶⁷ A presença de Jesus na casa de Pedro nos recorda que o abandono das redes para seguir o Mestre (Mt 4,18-20) não significou fuga da realidade social, mas conversão (Mt 4,17).

²⁶⁸ Os judeu-cristãos de Antioquia se reuniam nas casas (CARTER, 2002, p. 271).

²⁶⁹ BARBAGLIO, 2002, p. 179.

²⁷⁰ Isto está em consonância com a literatura sapiencial, pois nela “a casa [...] descreve a vida humana como parte do mundo maior que está ordenado seja de acordo, seja em oposição à vontade divina” (CARTER, 2002, p. 256).

²⁷¹ PIKAZA, 2017, p. 331-332.

contrário do centurião, Pedro não precisou interceder pela enferma²⁷². Ele não precisou fazer ou falar qualquer coisa que demonstrasse sua fé, pois já a havia demonstrado ao abandonar as redes para seguir o Mestre (Mt 4,20). Devido à sua condição de discípulo é que Jesus está em sua casa.

De acordo com a compreensão popular da época, a febre que acometia a sogra de Pedro era tida como consequência do poder demoníaco²⁷³, das forças contrárias à vontade divina. A cura, ocorrida dentro de casa, expressa a chegada do Reino para aqueles que se fazem discípulos do Mestre. Mateus quer que seus narratários tenham a mesma atitude de Pedro (que abandonou as redes) e de sua sogra, que, uma vez curada (reerguida), começou a servir Jesus. Colocar-se a serviço é sinal de resposta positiva ao chamado à conversão feito por ele (Mt 4,17). Servindo a Jesus, ela demonstra ter fé²⁷⁴ e torna-se diaconisa messiânica do Mestre²⁷⁵.

Essa curta narrativa demonstra uma das obras messiânicas de Jesus que demarca a proximidade do Reino²⁷⁶. Nela, Mateus diz à sua pequena comunidade (que se reúne nas casas) que Jesus é o Messias esperado por Israel. Suas obras o provam! Mateus espera que sua comunidade tenha fé, que seus membros sejam leais e comprometidos com Jesus, isto é, que o sirvam. Pedro não aparece no relato, sendo apenas citado como o dono da casa. Mas é sua resposta positiva à convocação feita por Jesus que permite ao Reino chegar em sua casa (Mt 4,18-20).

3.3 O envio dos doze (Mt 10,1-4)

^{10,1}Tendo chamado seus doze discípulos, Jesus lhes deu autoridade sobre os espíritos impuros, para que os expulsassem e curassem toda doença e toda enfermidade. ²Eis os nomes dos doze apóstolos. O primeiro, Simão, a quem chamam Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o coletor de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; ⁴Simão, o zelote, e Judas Iscariotes, aquele mesmo que o entregou.

O discurso missionário (Mt 10) apresenta a resposta do dono da messe ao clamor feito em Mt 9,38²⁷⁷. O que é dito quanto à missão dos Doze deve ser entendido também como a missão de Pedro, uma vez que ele faz parte do grupo. “Pedro e os demais apóstolos, portanto,

²⁷² BARBAGLIO, 2002, p. 158.

²⁷³ GNILKA, 2006, p. 47.

²⁷⁴ Fé é o “comportamento emocional de lealdade, compromisso e solidariedade sociais, manifestado externamente” (MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 95).

²⁷⁵ PIKAZA, 2017, p. 331.

²⁷⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 150.

²⁷⁷ PIKAZA, 2017, p. 365.

recebem orientações sobre como exercer a função de ‘pescadores de homens’, o que, do ponto de vista da caracterização do apóstolo, reforça sua identidade como discípulo de Jesus”²⁷⁸. O termo *ἀπόστολος*, junto com a lista de seus nomes, bem como a mensagem de Jesus (*εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας*), assumida pelos discípulos, é usado por Mateus para ligar os discípulos ao Jesus terreno, isto é, recorda que o Ressuscitado é o Crucificado²⁷⁹.

Na missão, os apóstolos devem estar despojados, sem cajado e sem sandálias (Mt 10,10). Isso demonstra a completa disponibilidade deles para a missão²⁸⁰. Indefesos (Mt 10,10-16), pobres (Mt 10,9-14) e perseguidos (Mt 10,16-23.38-39), eles devem se colocar nas mãos de Deus (Mt 10,28-31), sem preocupações (Mt 10,19)²⁸¹. Dessa forma, “a condição de discípulos-apóstolos ou discípulos-missionários será a identidade dos seguidores de Jesus de Nazaré de todos os tempos”²⁸².

No elenco dos discípulos-apóstolos, o narrador expõe seu ponto de vista sobre Pedro: ele é o “primeiro” (Mt 10,2). De certa forma, “esta prioridade explícita de Pedro antecipa a missão que Jesus lhe concederá em Mt 16,16-19”²⁸³.

3.4 “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” (Mt 14,22-33)

^{14,22}Logo em seguida, Jesus obrigou os discípulos a entrarem no barco e precedê-lo rumo à outra margem, enquanto ele despedia as multidões. ²³E, depois de ter despedido as multidões, subiu ao monte para orar, à parte. Chegada a noite, ele estava ali, sozinho. ²⁴O barco já se encontrava a várias centenas de metros da terra; era açoitado pelas ondas – pois o vento lhes era contrário. ²⁵Por volta do fim da noite, Jesus foi ao encontro dos discípulos caminhando sobre o mar. ²⁶Vendo-o caminhar sobre o mar, os discípulos ficaram apavorados: “É um fantasma”, diziam, e, com medo, puseram-se a gritar. ²⁷Logo, porém, Jesus lhes falou: “Confiança, sou eu, não tenhas medo!” ²⁸Dirigindo-se a ele, Pedro disse: “Senhor, se és mesmo tu, ordena-me que vá ao teu encontro sobre as águas”. ²⁹“Vem”, disse ele. E Pedro, saindo do barco, caminhou sobre as águas e foi rumo a Jesus. ³⁰Mas, à vista da violência do vento, teve medo e, começando a afundar, exclamou: “Senhor, salva-me!” ³¹Logo Jesus, estendendo a mão, o pegou, dizendo-lhe: “Homem de pouca fé, por que duvidastes?” ³²E quando subiram no barco, o vento amainou. ³³Os que estavam no barco prostraram-se diante dele e lhe disseram: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus!”.

Essa perícope se encontra dentro do terceiro bloco narrativo (Mt 11,2–16,20)²⁸⁴, onde diferentes personagens respondem positiva ou negativamente à revelação da identidade

²⁷⁸ LEONEL, 2014, p. 173.

²⁷⁹ LUZ, 2001b, p. 124.

²⁸⁰ BARBAGLIO, 2002, p. 179.

²⁸¹ LUZ, 2001b, p. 112.

²⁸² VITÓRIO, 2019, p. 120.

²⁸³ “Esta prioridad explícita de Pedro antecipa la función que Jesús le concederá en 16,16-19” (PIKAZA, 2017, p. 366).

²⁸⁴ CARTER, 2002, p. 323.

messiânica de Jesus em Mt 4,14–11,1. Em um enquadramento topográfico e temporal simbólico, Mt 14,22-33 narra a resposta positiva dos discípulos²⁸⁵.

As ações de Jesus evocam o personagem Moisés ao subir a montanha (Ex 32,30-34; 34,8-9) e ao controlar o mar (Ex 14,21-29; 15,10). Mas, sobretudo, Jesus age à semelhança de Deus: caminha sobre o mar (Jó 9,8), fala como Deus (Ex 3,4; Is 41,1), estende a mão e salva das águas como Deus (Ex 3,20; 7,5; Sl 144(143),7), faz cessar a tempestade (Gn 8,1.11; Jn 1,11-12; Eclo 43,23)²⁸⁶. Como será visto, a identidade de Pedro é compreendida em relação com a identidade de Jesus. Ele deseja agir como o Mestre, mas fracassa.

É madrugada, os discípulos se encontram em alto-mar. Distantes de Jesus, o barco deles é açoitado pelas ondas, pois o vento é contrário (Mt 14,24). “O barco que enfrenta o mar é imagem da comunidade profética que enfrenta os poderes da dominação e da morte”²⁸⁷. O mar, na Antiguidade, era compreendido como uma força caótica ameaçadora habitada por espíritos ou divindades que demonstravam “seus humores nos alternados movimentos do mar, de tempestuoso a furioso, a calmo e assim por diante”²⁸⁸. A noite, o mar revolto e o vento contrário “são símbolos de insegurança, angústia e morte, símbolos que a comunidade conhece sobretudo pela linguagem dos salmos”²⁸⁹.

Os discípulos passaram quase a noite inteira em confronto com as forças cósmicas em desordem. No fim da madrugada, Jesus vai ao encontro deles, caminhando sobre o mar (Mt 14,25). “A quarta vigília noturna, a hora de amanhecer entre as três e as seis da madrugada, é o tempo bíblico da intervenção salvadora de Deus”²⁹⁰. É no fim da noite que Deus elimina a ameaça egípcia contra Israel (Ex 14,24).

Somente Deus pode caminhar sobre o mar²⁹¹. Portanto, ao fazê-lo, Jesus “manifesta a presença de Deus e demonstra o reinado de Deus sobre o mar e todas as forças adversárias que representa”²⁹².

Vendo Jesus caminhar sobre o mar, os discípulos não souberam identificá-lo corretamente. Em meio ao caos cósmico, que representa sofrimento e perseguições, os

²⁸⁵ Este episódio narrativo é melhor compreendido tendo em vista as várias narrativas bíblicas em que Deus triunfa “sobre as águas e sobre os poderes do mal que elas simbolizam (Sl 74,13-15; 104,5-9; 106,9; cf. Is 51,9-10)” (DEBERGÉ, Pierre. *São Pedro*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 21).

²⁸⁶ CARTER, 2002, p. 397.

²⁸⁷ GALLAZZI, 2013, p. 300.

²⁸⁸ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 98.

²⁸⁹ “Son símbolos de inseguridad, angustia y muerte, símbolos que la comunidad conoce sobre todo por el lenguaje de los salmos” (LUZ, 2001b, p. 536).

²⁹⁰ “La cuarta vigilia nocturna, la hora de amanecer entre las tres y las seis de la madrugada, es el tiempo bíblico de la intervención salvadora de Dios” (LUZ, 2001b, p. 536).

²⁹¹ LUZ, 2001b, p. 537.

²⁹² CARTER, 2002, p. 394.

discípulos (a comunidade mateana) se deixam dominar pelo medo (Mt 14,26). Esse grito de medo “aponta para a falta de fé, atitude inconcebível num discípulo do Reino. Simboliza a comunidade inapta a reconhecer a presença do Mestre em seu meio”²⁹³.

Ele se dirige aos discípulos pedindo que tenham fé (Mt 14,27). “Jesus se identifica falando como Deus fala. Ele cita a declaração de revelação de Deus **eu sou**”²⁹⁴. Diante da autorrevelação de Jesus, Pedro torna-se o protagonista da cena junto com o Mestre. Ele mais uma vez assume proeminência frente aos discípulos. Contudo, Pedro não tem certeza se é o Senhor. “A voz do Mestre não foi reconhecida pelos discípulos, indício da necessidade de aprofundarem a relação com ele”²⁹⁵. Pedro desafia Jesus a fazê-lo caminhar sobre o mar, a fim de provar ser ele mesmo (Mt 14,28). O pedido é controverso, pois, ao mesmo tempo, expressa confiança (fé) e medo (dúvida)²⁹⁶. Por duas vezes chama Jesus de “Senhor” (Mt 14,28.30), o que é expressão de fé. Por outro lado, Pedro não tem certeza que seja Jesus a caminhar sobre o mar revolto, sendo que o condicionante “se” na pergunta o denuncia.

Autorizado por Jesus, Pedro começou a caminhar sobre o mar em direção a ele (Mt 14,29). Sair do barco em meio ao mar revolto e vento forte é insano! Mas Pedro, apesar da dúvida, age a partir do consentimento dado por Jesus. “Este fato é importante, uma vez que caracteriza Pedro em sintonia com Jesus, identificando-se com ele”²⁹⁷. Ao sair do barco, ele demonstra sua fé, que rapidamente dá lugar ao medo, “à vista da violência do vento” (Mt 14,30). Tomado pelo medo, Pedro “vê” o vento, mas não “vê” o Senhor²⁹⁸. Ele teve fé para sair do barco e para começar a caminhar sobre o mar em direção a Jesus, mas sua fé não foi suficiente para alcançar seu objetivo. A pouca fé o faz submergir no mar²⁹⁹. O medo faz com que Pedro corra o risco de perecer³⁰⁰. Afundando, clama pelo Senhor por saber que Jesus é capaz de salvá-

²⁹³ VITÓRIO, 2019, p. 173.

²⁹⁴ CARTER, 2002, p. 395, (*grifo do autor*).

²⁹⁵ VITÓRIO, 2019, p. 174.

²⁹⁶ PIKAZA, 2017, p. 502.

²⁹⁷ LEONEL, 2014, p. 174.

²⁹⁸ LUZ, 2001b, p. 539.

²⁹⁹ BARBAGLIO, 2002, p. 238.

³⁰⁰ “Esta tradição de Pedro caminhando com receio sobre a água, com medo de afundar, porém ajudado por Jesus, faz parte de intensa experiência da Igreja antiga, que reconheceu Pedro, com os outros três discípulos do início (Mt 4,18-22), como pescadores de homens, homens experientes na tarefa missionária vinculada com a ‘pesca milagrosa’, que têm sem dúvida um sentido de abertura à missão universal da Igreja, tal como puseram em relevo, de formas distintas porém complementares, Lc 5,1-11 e Jo 22. Este motivo, vinculado à iniciativa e ao risco de Pedro, está na base desta passagem (Mt 14,22-33) que Mateus tomou e recriou a partir de Mc 6,45-52, no contexto de sua própria experiência eclesial” (PIKAZA, 2017, p. 503). Original: “Esta tradición de Pedro caminando con recelo sobre el agua, con miedo de hundirse, pero ayudado por Jesús, forma parte de una intensa experiencia de la Iglesia antigua, que ha reconocido a Pedro, con los otros tres discípulos del principio (Mt 4,18-22), como pescador de hombres, hombre experto en la tarea misionera vinculada con la «pesca milagrosa», que tiene sin duda un sentido de apertura a la misión universal de la Iglesia, tal como han puesto de relieve, de formas distintas pero complementarias, Lc 5,1-11 y Jn 22. Ese motivo, vinculado a la iniciativa y riesgo de Pedro, está

lo (Mt 14,30). Ele sabe de onde vem a salvação. Seu pedido de socorro é uma verdadeira oração (Sl 69(68),2)³⁰¹. O grito de Pedro por salvação “manifesta novamente sua fé: ela não é mais condicionada por um ‘se’; trata-se da fé daquele que, confrontado com a morte, se abandona a Deus, o único que salva”³⁰².

O socorro de Jesus a Pedro foi imediato. Estende a mão para salvá-lo, atesta que sua fé é pouca e questiona as razões de sua dúvida, antes mesmo de colocá-lo em segurança no barco (Mt 14,31). Pedro não lhe responde. A pergunta/repreensão de Jesus pode ser uma estratégia do narrador. Depois de acompanhar tudo que foi apresentado sobre Jesus, seu ensino e suas obras, ainda existe alguma razão para duvidar quando diz que Pedro será capaz de caminhar sobre o mar?

Entretanto, após demonstrar tanta confiança na ordem de Jesus para caminhar sobre o mar em sua direção, Pedro duvidou³⁰³. Pedro foi o primeiro a ser chamado ao seguimento e imediatamente abandonou as redes para segui-lo (Mt 4,18-20). Jesus demonstrou a presença do Reino na casa dele ao curar sua sogra (Mt 8,14-15). Ele é o primeiro dos enviados em missão (Mt 10,2). Pedro (junto dos discípulos) ouviu Jesus ensinar (Mt 5-7) e o viu realizando curas e exorcismos (Mt 8-9). Mesmo assim, duvidou, faltou-lhe fé. Pedro (comunidade mateana) duvida se Jesus realmente é o Messias de Israel.

Quando eles entram na barca, o vento amaina-se (Mt 14,32). Longe de Jesus, os discípulos sofreram à noite em alto-mar com os ventos contrários e as ondas que açoitavam a barca (Mt 14,24). A presença de Jesus na barca (comunidade mateana), devolve a ordem às forças cósmicas. As forças contrárias ao Reino dos Céus são vencidas.

O enredo termina sem mais espaço para dúvidas sobre a identidade do Mestre. Os discípulos não foram capazes de identificá-lo no início, ao vê-lo caminhar sobre o mar. Mas, ao vê-lo salvar Pedro e acalmar as ondas e o vento, eles se prostram diante dele e reconhecem sua identidade: “verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (Mt 14,33). Reconhecê-lo como “Filho de Deus”, título cristológico de grande importância para Mateus³⁰⁴, significa reconhecê-lo como o Messias de Israel, revelador da presença salvífica de Deus e do Reino dos Céus³⁰⁵.

en la base de este pasaje (Mt 14,22-33) que Mateo ha tomado y recreado a partir de Mc 6,45-52, en el contexto de su propia experiencia eclesial”.

³⁰¹ CARTER, 2002, p.396.

³⁰² DEBERGÉ, 2009, p. 21-22.

³⁰³ A dúvida não é sobre a possibilidade de caminhar sobre o mar, mas sobre a identidade de Jesus. A dúvida de Pedro é, simbolicamente, a da comunidade mateana, que passa por grandes provas em relação à messianidade de Jesus.

³⁰⁴ LUZ, 2001b, p.541.

³⁰⁵ CARTER, 2002, p. 397.

A interpretação de Mt 14,22-33 tem caráter eclesiológico e soteriológico³⁰⁶. O personagem Pedro é controverso: embora tenha fé, ela é pequena e não está sendo suficiente para vencer dúvidas oriundas das tormentas que enfrenta³⁰⁷. Por meio dele, o evangelista chama a comunidade dos discípulos do Reino a ter uma postura de absoluta confiança em Jesus, o Messias que salvará a comunidade mateana.

Quando a fé é maior que o medo, Pedro caminha sobre o mar em direção a Jesus. Ela permite que siga um caminho de amor e obediência a seu Senhor. Pedro expressa a necessidade da fé, mesmo que pouca, para a salvação do discípulo. Portanto, “a fé e às vezes ‘pouca fé’, essa amálgama de coragem e angústia, de ouvir o Senhor e ver o vento, de confiança e dúvida, segundo Mateus, é uma característica fundamental da existência cristã”³⁰⁸. A ajuda divina durante as tormentas não está condicionada à ausência de dúvidas, mas à presença da fé, mesmo que pouca (Mt 17,20)³⁰⁹.

3.5 A incompreensão de Pedro (Mt 15,15)

^{15,15} Pedro interveio e lhe disse: Explica-nos esta palavra enigmática”.

Em Mt 15,15, Pedro pede maiores explicações sobre as palavras enigmáticas que Jesus dirigiu às multidões referentes à pureza (Mt 15,11)³¹⁰. Essa incompreensão o coloca no mesmo nível das multidões, que se caracterizam por não compreender o ensino do Mestre. A dúvida surge, pois os rituais de pureza estão arraigados na cultura popular judaica. Portanto, é justificada a dificuldade de Pedro e a dos discípulos³¹¹. Em Mt 15,15 Pedro age como o porta-voz dos discípulos, por isso, a repreensão e a resposta de Jesus são dirigidas a todos os discípulos e não somente a Pedro (Mt 15,16)³¹².

³⁰⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 238.

³⁰⁷ “A fidelidade da comunidade a Jesus foi colocada à prova pelo vendaval da destruição de Jerusalém. O barco da comunidade soçobra no conflito com o império e com o judaísmo oficial” (GALLAZZI, 2013, p. 302).

³⁰⁸ “La fe es a veces «poca fe», esa amálgama de coraje y angustia, de oír al Señor y ver el viento, de confianza y duda, que según Mateo es un rasgo fundamental de la existencia cristiana” (LUZ, 2001b, p. 540).

³⁰⁹ A dúvida dos discípulos volta a aparecer em Mt 28,17 (LUZ, 2001b, p. 540).

³¹⁰ Para Mateus, a pregação de Jesus não é, a princípio, contrária à tradição rabínica. O que Jesus contesta é sobrepô-la às exigências da Lei. O embate com os fariseus evidencia a interpretação deturpada que eles fazem da Lei, “enquanto Cristo aparece como o verdadeiro intérprete da vontade de Deus, de cujo mandamento ele recupera o pleno vigor” (BARBAGLIO, 2002, p. 241).

³¹¹ BARBAGLIO, 2002, p. 243.

³¹² PIKAZA, 2017, p. 512.

3.6 “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16,13-20)

^{16,13}Tendo chegado à região de Cesaréia de Filipe, Jesus interrogava seus discípulos: “No dizer dos homens, quem é o Filho do Homem?” ¹⁴Eles disseram: “Para uns, João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas”. ¹⁵Ele lhes disse: “E vós, quem dizeis que eu sou?” ¹⁶Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. ¹⁷Retomando a palavra, Jesus então lhe declarou: “Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, pois não foram a carne e o sangue que te revelaram isto, mas o meu Pai que está nos céus. ¹⁸E eu, eu te digo: Tu és Pedro, e sobre essa pedra edificarei minha Igreja, e a Potência da morte não terá força contra ela. ¹⁹Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus; tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”. ²⁰Então ele ordenou severamente aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Cristo.

O personagem Pedro aparece no enredo episódico que fecha o terceiro bloco narrativo (Mt 11,2–16,20). Em Mt 16,13-20, ele, como porta-voz dos discípulos, responde corretamente à pergunta de Jesus sobre sua verdadeira identidade (Mt 16,16)³¹³. E, ao mesmo tempo, Jesus revela a identidade e a missão de Pedro. Aqui, segue-se o desenrolar da narrativa, apontando diferentes aspectos que auxiliam na caracterização do discípulo em foco.

A cena analisada (Mt 16,13-20) se passa na região de Cesareia de Filipe. A cidade é um símbolo da submissão das autoridades locais aos imperadores de Roma. Em outros tempos, nesta localidade, existia um santuário dedicado ao deus Pã, deus dos pastores e seus rebanhos³¹⁴. O enquadramento (ambientação) topográfico dessa cena é simbólico: nessa cidade, a divindade reconhecida será o Deus de Israel (Mt 9,36; Ez 34), e a realeza reconhecida será a de Jesus, o Messias de Israel³¹⁵.

Jesus pergunta aos discípulos quem o povo diz ser ele (Mt 16,13b). A identidade do Mestre é a questão levantada em todo o terceiro bloco narrativo (Mt 11,2–16,20). Nesse bloco, Mateus narra diferentes respostas positivas e negativas a esta questão. A pergunta sobre a real identidade de Jesus foi feita por João Batista, por meio de seus discípulos, no início do bloco

³¹³ Os discípulos já haviam declarado a filiação divina de Jesus em Mt 14,33. A profissão de fé de Pedro em Mt 16,13-20 é um enredo episódico eclesial. “O interesse cai sobre as palavras de bem-aventuranças e de promessa do Mestre” (BARBAGLIO, 2002, p. 251).

³¹⁴ CARTER, 2002, p. 421.

³¹⁵ Gallazzi explica o simbolismo do local onde se passa a cena. A cidade se localiza “no extremo norte da Galileia, o lugar, na terra de Israel, mais afastado de Jerusalém e, possivelmente, o mais próximo da comunidade de Mateus. [...] Lá, aos pés do monte Hermon, estão as nascentes do Rio Jordão. Lá, quando este lugar ainda se chamava Baal-Gad (Js 11,17) ou Baal-Hermon (Jz 3,3), tinha um importante santuário cananeu a Baal. Os gregos, mais tarde, chamaram este lugar de Paneas, por causa de uma gruta, cheia de águas, considerada sagrada e dedicada a Pã. Ali, Herodes Filipe, filho de Cleópatra e Herodes o grande, aumentou e embelezou a cidade, construindo um templo dedicado a César Augusto, e a chamou de Cesareia de Felipe. [...] Todas as culturas consideravam este lugar sagrado, por suas nascentes, pelas inúmeras grutas, nichos e cavernas e pela proximidade ao monte Hermon, o mais alto da região” (GALLAZZI, 2013, p. 328-329).

(Mt 11,2-3), sendo plenamente respondida por Pedro, no fim do mesmo bloco narrativo (Mt 16,16)³¹⁶.

Depois de ouvir juízos equivocados feitos pelos homens sobre sua identidade (Mt 16,14), Jesus pergunta aos discípulos quem ele é para eles (Mt 16,15). Quer saber qual a posição e poder que adquiriu junto dos discípulos devido ao *status* de honra que estes lhe atribuem³¹⁷. Tal questionamento é o clímax desse bloco narrativo que teve como situação inicial a pergunta de João Batista a Jesus, em Mt 11,2-3. A resposta de Jesus para João exige dele, e dos narratários, um posicionamento frente ao ministério de Jesus (Mt 11,4-6)³¹⁸. Agora, os discípulos de Jesus, que ouviram suas palavras e viram suas obras, também são questionados³¹⁹. Pedro, o “primeiro”, como porta-voz dos discípulos, toma a palavra e dá a resposta que é o desenlace do terceiro bloco narrativo³²⁰.

A resposta de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16) expressa o reconhecimento da messianidade de Jesus³²¹. “Esta é a primeira vez que um discípulo usa o termo **Cristo**, embora a audiência soubesse isto desde 1,1.16.17.18 (cf. 2,4; 11,2) e os discípulos tenham feito uma confissão comparável em 14,33”³²². A expressão “Deus vivo” evoca tanto a figura do Deus de Israel (Dt 5,26; Js 3,10; 1Sm 17,26.36; Sl 42(41),3; Os 1,10) quanto a dos imperadores romanos, que eram reconhecidos como agentes comissionados pelos deuses. Com sua resposta, simultaneamente, Pedro reconhece Jesus como o Messias enviado por Deus e rechaça qualquer outra soberania em Israel que não seja a de Deus por meio de Jesus³²³. A resposta petrina revela a real identidade de Jesus, e, ao mesmo tempo, a identidade do discípulo autêntico. Aqui, Pedro aparece como modelo de um discípulo verdadeiro de Jesus, que, aberto à ação do Pai, é capaz de identificar Jesus como o Messias esperado de Israel.

Jesus, tratando Pedro por Simão, declara-o bem-aventurado por ter recebido uma revelação divina ao responder corretamente quem ele é (Mt 16,17). “A abertura do discípulo para o Pai permitiu-lhe compreender a verdadeira identidade do Filho do Homem, superior ao

³¹⁶ CARTER, 2002, p. 422.

³¹⁷ MALINA, ROHRBAUGH, 2018, p. 103.

³¹⁸ VITÓRIO, 2019, p. 132.

³¹⁹ VITÓRIO, 2019, p. 188.

³²⁰ “Pedro não é apenas caracterizado como alguém em total identidade com Jesus, mas também como o objeto pelo qual a revelação da identidade de Jesus é manifesta. Este é um ponto alto na caracterização de Pedro” (LEONEL, 2014, p. 175).

³²¹ Segundo Barbaglio, o título de “Messias” não é equivalente ao de “Filho de Deus”. “A profissão de fé pré-pascal de Simão e a sua profissão pós-pascal são aqui superpostas, e a primeira foi interpretada à luz da maturação e do aprofundamento sucessivos. Sobre os lábios de Pedro ressoa também a fé da Igreja primitiva, iluminada pela ressurreição de Jesus e inspirada pelo Espírito. Fé coligada com a confissão histórica de Simão e, sobretudo, com a profissão pós-pascal” (BARBAGLIO, 2002, p. 251).

³²² CARTER, 2002, p. 422, *grifo do autor*.

³²³ CARTER, 2002, p. 422.

que pensavam as multidões”³²⁴. Πέτρος (pedra)³²⁵ não é nome próprio no primeiro século, mas é o cognome que Jesus atribuiu a Simão³²⁶. Em outras partes do evangelho mateano, Simão é chamado de Pedro (Mt 4,18; 10,2). Entretanto, só nessa cena se explica o motivo de ter recebido de Jesus essa alcunha³²⁷. Portanto, esse epíteto é um distintivo da identidade do personagem³²⁸, pois “estamos diante de uma confissão dupla (Pedro confessa a Jesus, Jesus confessa a Pedro), no centro do Evangelho de Mateus, num caminho ascendente (de Pedro a Jesus Filho do Deus vivo) e descendente (de Jesus a Pedro e à Igreja)”³²⁹.

Em Mt 7,24-27, o termo “pedra” ou ‘rocha’³³⁰ foi usado metaforicamente por Jesus para descrever quem escuta e põe em prática seu ensinamento: “a rocha é a verdade, ou seja, o ensinamento de Jesus, e apoiar-se nela resulta em segurança e salvação”³³¹. Em sentido convergente, Mateus está dizendo que “a profissão de Pedro e o próprio Pedro constituem a base sobre a qual a comunidade repousa e que proporciona uma defesa contra as forças destrutivas que ameaçam a *ekklesia* (16,18)”³³².

Por ter recebido uma revelação divina e por saber quem realmente é Jesus, Pedro recebe uma missão de seu Senhor simbolizada pela mudança de seu nome³³³, de Simão para Pedro. Pedro é a tradução grega de *Kefa*’, palavra aramaica que significa rocha³³⁴. O nome recebido por Jesus remete automaticamente à afirmação feita por Simão em Cesareia de Felipe³³⁵. Sobre

³²⁴ VITÓRIO, 2019, p. 189.

³²⁵ Para Pikaza, há certa ironia na afirmação de Jesus sobre Pedro, que utiliza um jogo de palavras que só é claro em grego. Para esse autor, quando Jesus diz que Pedro é *pedra* (πέτρος), está afirmando que Simão é pedregulho, pedra de tropeço (escândalo), por ser incoerente (Mt 14,30; 16,22; 26,33-35.40.69-75). Ao dizer que Pedro é *rocha* (πέτρα), na verdade não se refere a Simão, mas à revelação divina que acabara de professar: que Jesus é “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Essa afirmação, sim, é a *rocha* sobre a qual Jesus edificará sua assembleia messiânica. A relação entre Pedro, *pedra* e *rocha* constitui o centro teológico mateano (PIKAZA, 2017, p. 535-536).

³²⁶ LUZ, 2001b, p. 600.

³²⁷ LUZ, 2001b, p. 605.

³²⁸ RESSEGUIE, 2008, p. 122.

³²⁹ “Estamos ante una doble confesión (Pedro confiesa a Jesús, Jesús a Pedro), en el centro del evangelio de Mateo, en un camino ascendente (de Pedro a Jesús Hijo del Dios viviente) y descendente (de Jesús a Pedro y a la Iglesia)” (PIKAZA, 2017, p. 530).

³³⁰ O termo “rocha” foi utilizado em outras comunidades palestinas durante os séculos I e II. Em sentido exclusivista, “aqueles que reivindicam a rocha afirmam possuir a verdade. Eles possuem o favor de Deus e têm, ou terão, o Reino de Deus” (OVERMAN, 1997, p. 138).

³³¹ OVERMAN, 1997, p. 138.

³³² OVERMAN, 1997, p. 139.

³³³ “Nomes eram dados em conjunturas significativas na vida de um grupo a pessoas que se projetavam na vida do grupo. Pedro desempenha o papel de um empreendedor moral, apoiando a carreira de Jesus e estimulando-a no processo” (MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 103).

³³⁴ BARBAGLIO, 2002, p. 252.

³³⁵ *Petros*, Pedra “é o nome mais utilizado em Mateus (15 vezes) e foi sem dúvida muito importante nas igrejas, podendo ter um sentido positivo (a pedra é dura) e também negativo ou irônico, pois as pedras são pedregulhos no caminho, sem estabilidade, causa de escândalo, tropeço ou queda” (PIKAZA, 2017, p. 532). Original: “Es el nombre más utilizado en Mateo (15 veces), y fue sin duda muy importante en las iglesias, pudiendo tener un sentido positivo (la piedra es dura), pero también negativo o irónico, pues las piedras son cantos rodados de camino, sin estabilidad, causa de escándalo, tropiezo o caída”.

essa revelação divina será construída a Igreja de Jesus, isto é, a comunidade dos discípulos do Reino³³⁶. As forças contrárias à vontade divina, simbolizadas pelas *portas do inferno*, invencíveis aos homens, não serão mais fortes que a Igreja construída sobre a declaração de fé de Pedro (Mt 16,18)³³⁷.

Segundo a tradição judaica, a rocha sobre a qual o Santo dos Santos do Templo de Jerusalém foi construído é, simbolicamente, a mesma rocha do Monte Moriá, sobre a qual Abraão edificou o altar para o sacrifício de seu filho Isaac³³⁸. Nessa perspectiva, ao dizer que Pedro é a rocha sobre a qual construirá sua Igreja, Jesus faz alusão àquela sobre a qual estava construído o Templo de Jerusalém. E, ao contrário do Templo, afirma que sua Igreja não será destruída. Mateus está dizendo, após a destruição de Jerusalém e do Templo, que “há outro centro de reunião para a assembleia de Israel. Mesmo que do templo de Jerusalém não tenha ficado pedra sobre pedra, há outra rocha sobre a qual construir e a partir da qual convocar a multidão e torná-la assembleia”³³⁹.

Na época da escrita do evangelho mateano, as *chaves* eram símbolo de autoridade, bênção e sanção divina. Assim, o portador das chaves reivindica uma autoridade incomum, pois afirma ser o representante da autoridade divina na terra³⁴⁰. Com a entrega das *chaves* do Reino dos Céus (Mt 16,19), Pedro é constituído o administrador da comunidade messiânica, cabendo-lhe abrir as portas do Reino dos Céus para a Igreja de Jesus³⁴¹. Não há identificação entre Reino e Igreja. “Pedro tem em mãos as chaves da Igreja, isto é, a direção com autoridade de modo que seus membros possam entrar na salvação final do Reino de Deus”³⁴². Dessa forma, a missão petrina, e a da comunidade dos discípulos do Reino, é dar continuidade à missão de Jesus, isto é, “implementar o reino de Deus pregando, curando, exorcizando etc.”³⁴³.

Ligar e desligar fazem parte da missão de Pedro. Esta é uma expressão rabínica que designa a autoridade na interpretação da Lei, legitimando ou não determinados comportamentos. Pedro torna-se, dentro da comunidade dos discípulos do Reino, à luz do

³³⁶ Segundo Luz, o nome Cefas-Pedro pressupõe “a ideia da Igreja como templo e construção, e a tendência da época pós-apostólica de considerar os apóstolos como fundamento da Igreja (Ef 2,20; Ap 21,14)” (LUZ, 2001b, p. 607). Original: “la idea de la Iglesia como templo y construcción, y la tendencia de la era postapostólica a considerar a los apóstoles como fundamento de la Iglesia (Ef 2,20; Ap 21,14)”.

³³⁷ LUZ, 2001b, p. 609.

³³⁸ PIKAZA, 2017, p. 533.

³³⁹ GALLAZZI, 2013, p. 331.

³⁴⁰ OVERMAN, 1997, p. 139.

³⁴¹ LUZ, 2001b, p. 611.

³⁴² BARBAGLIO, 2002, p. 254.

³⁴³ CARTER, 2002, p. 426.

ensino de Jesus, a autoridade competente na interpretação das Sagradas Escrituras³⁴⁴. Ele é, por excelência, o exegeta cristão da Lei israelita³⁴⁵. *Ligar e desligar* referem-se também à autoridade de afastar ou de aceitar na comunhão da comunidade messiânica³⁴⁶.

A última orientação de Jesus aos discípulos é para não revelarem a ninguém sua identidade messiânica (Mt 16,20). Tal ordem revela uma estratégia narrativa. Os narratários, depois de acompanharem o ensino e as obras de Jesus, já sabem quem ele é, pois Pedro revelou-lhes. Trazer a correta identidade de Jesus é o objetivo do terceiro bloco narrativo. Mas há algo a mais que os discípulos precisam compreender sobre a missão do Cristo Jesus³⁴⁷. Por isso Jesus ordena o silêncio. Pedro, e os demais discípulos, precisam entender que ele não é o messias glorioso que os judeus esperam³⁴⁸.

3.7 “Afasta-te! Para trás de mim Satanás!” (Mt 16,21-28)

^{16,21}A partir daquela hora, Jesus Cristo começou a mostrar a seus discípulos que devia partir para Jerusalém, sofrer muito por parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos escribas, ser morto e, no terceiro dia, ressuscitar. ²²Pedro, tomando-o à parte, pôs-se a censurá-lo, dizendo: “Deus te livre disso, Senhor! Não, isto não te sucederá!” ²³Ele porém, voltando-se, disse a Pedro: “Afasta-te! Para trás de mim, Satanás! Tu és para mim ocasião de queda, pois teus intentos não são os de Deus, mas os dos homens”. ²⁴Então, Jesus disse a seus discípulos: “Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. ²⁵Pois quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á. ²⁶Que proveito terá o homem em ganhar o mundo inteiro, se o paga com a própria vida? Ou então, que dará o homem, que tenha o valor de sua vida? ²⁷Pois o Filho do Homem virá com seus anjos na glória do seu Pai; e então retribuirá a cada um segundo a sua conduta. ²⁸Em verdade, eu vos declaro: dentre os que estão aqui, alguns não morrerão antes de ver o Filho do Homem vir como rei”.

Pedro foi capaz de reconhecer a verdadeira identidade de Jesus (Mt 16,16). Resta ainda compreender as exigências da missão do Mestre³⁴⁹, que não estão de acordo com as expectativas

³⁴⁴ Jesus não resolveu todos os problemas de sua Igreja, por isso Mateus não se prende a uma cristologia e eclesiologia historicista, nas quais só vale aquilo que o Jesus histórico ensinou e fez. Mateus valoriza também aquilo que os primeiros discípulos ensinaram e fizeram. Daí a importância de Pedro para o evangelista: ele aparece “como o fiador do caminho pascal da Igreja, com sua forma de interpretar a mensagem de Jesus, e em especial a relação do judaísmo com a Igreja” (PIKAZA, 2017, p. 540). Original: “como garante del camino pascual de la iglesia, con su forma de interpretar el mensaje de Jesús, y en especial la relación del judaísmo con la Iglesia”.

³⁴⁵ PIKAZA, 2017, p. 81.

³⁴⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 254-255.

³⁴⁷ CARTER, 2002, p. 427.

³⁴⁸ VITÓRIO, 2019, p. 189-190.

³⁴⁹ Mateus “ressalta que o anúncio da paixão dá início a uma nova fase da existência de Jesus, que é também um novo passo sobre o caminho da revelação do mistério da sua pessoa: *Daquele dia em diante começou...* Para nova revelação novos destinatários: Mateus indica que o Mestre fala aos discípulos, aqui claramente distintos e separados da multidão. Também é próprio do primeiro evangelista o verbo *mostrar*, [...] tratar-se-ia do acontecimento da revelação última e definitiva” (BARBAGLIO, 2002, p. 258).

messiânicas do judaísmo da época³⁵⁰. A cena analisada (Mt 16,21-28) apresenta mudança temática, mas é a continuação da anterior (Mt 16,13-20) e deve ser interpretada à luz dessa³⁵¹. Ela é a cena fundamental do quarto bloco narrativo (Mt 16,21–20,34)³⁵², no qual Jesus explica aos discípulos que faz parte da vontade divina que ele seja morto (pelas autoridade de Jerusalém) e ressuscitado (pelo Pai) e qual o significado desses eventos para os discípulos. Dessa forma, Pedro é confrontado com a nova mensagem de seu Mestre.

Como representante da antiga tradição que espera um messias glorioso, ele tem profunda dificuldade em compreender a morte trágica de Jesus (Mt 16,22)³⁵³. A incompreensão petrina é o ensejo para que o Mestre ensine aos discípulos o que significa seguir um Messias que será morto e ressuscitado (Mt 16,24-28).

Lembremos que a identidade do personagem é, também, construída pelo que ele diz e pelo que é dito sobre ele. Assim, Pedro, recebendo uma revelação divina, soube responder corretamente quem é Jesus (Mt 16,16) e logo obteve dele o epíteto de “rocha”, que designava sua função como fundamento da Igreja de Jesus (Mt 16,18). Todavia, em seguida, Pedro repreende³⁵⁴, grosseiramente, o seu Mestre (Mt 16,22) e, imediatamente, recebe como resposta que está sendo “satanás” e “pedra de tropeço” para Jesus, por se fechar aos propósitos divinos e pensar como os homens (Mt 16,23). Ou seja, Pedro aparece como “satanás” (tentador) e pedra (pedregulho) que, ao contrário que do lhe foi dito anteriormente, faz cair e destrói o edifício da Igreja³⁵⁵.

Com certa rapidez, a avaliação de Jesus sobre Pedro foi de um extremo a outro. O *primeiro* discípulo passou de *rocha* fundante da Igreja a *pedra de tropeço* do Mestre. De receptor da revelação divina a quem pensa como os homens³⁵⁶. A explicação para qualificativos tão díspares de Pedro está na postura díspar do discípulo diante do Mestre: o discípulo quer ensinar seu Mestre³⁵⁷. Como protótipo dos discípulos, Pedro está na divisa entre a fé e a dúvida, a confissão e o medo. Quando compreende e acolhe o que vem de Jesus, ele é a “rocha” pela graça do Pai. Quando não compreende e rechaça o que diz o Mestre, ele é “pedra de tropeço” e “satanás” por pensar como os homens.³⁵⁸

³⁵⁰ VITÓRIO, 2019, p. 190.

³⁵¹ LUZ, 2001b, p. 636.

³⁵² CARTER, 2002, p. 684.

³⁵³ PIKAZA, 2017, p. 608.

³⁵⁴ “Considerando que Jesus **repreende** o vento e o mar, exercitando autoridade sobre eles (8,26) e sobre as multidões (12,16), Pedro agora reverte as coisas **repreendendo** Jesus e tentando controlá-lo” (CARTER, 2002, p. 433, *grifo do autor*).

³⁵⁵ PIKAZA, 2017, p. 606.

³⁵⁶ GALLAZZI, 2013, p. 333.

³⁵⁷ LEONEL, 2014, p. 176.

³⁵⁸ LUZ, 2001b, p. 640.

Ao anunciar como será sua paixão e ressurreição (Mt 16,21), Jesus rompe “os esquemas messiânicos do discípulo, nos quais a perspectiva de sofrimento passava longe do Ungido do Senhor. As palavras do Mestre eram-lhe insuportáveis”³⁵⁹. Pedro pensa como a maioria dos judeus de sua época e não pode conceber um messias derrotado. Ele, em particular, chama a atenção de Jesus com severidade, pois entende que está falando bobagens³⁶⁰.

A repreensão petrina a Jesus “é interpretada como um teste de lealdade de Jesus a Deus; Pedro é um ‘Satã’, um provador de lealdades”³⁶¹. Ao dizer que Pedro pensa como os homens e não como Deus, Jesus refere-se à errônea concepção que o discípulo tem do messias. Se, na profissão de fé (Mt 16,16), Pedro “tinha participado da sabedoria divina que lhe fora dada por graça, agora permanece escravo das perspectivas humanas e da lógica das esperanças terrestres contrárias ao desígnio de salvação de Deus”³⁶².

Ele repreende Jesus, mas o faz à parte e não deixa de chamá-lo de “Senhor” (Mt 16,22b). O rompimento não é total, pois ele conserva respeito, embora discorde de Jesus. Não é o reconhecimento dele como Cristo que está em jogo, mas a sua paixão de forma tão degradante. Do mesmo modo, Jesus não rejeita o discípulo, mas sua incompreensão sobre o Messias (Mt 16,23)³⁶³. “A ordem **Vai/Parte** repete a palavra de Jesus em 4,10. Mas **para trás de/depois de mim** o chama novamente ao discipulado. Esta frase é muito parecida àquela usada em 4,19 quando Jesus chama a Pedro para seguir ‘**atrás de/depois de mim**’”³⁶⁴. Desse modo, Jesus ordena Pedro a voltar ao seu lugar de discípulo e o acusa de esperar um messias glorioso, como a maioria dos judeus (Mt 16,23).

A intenção do narrador é que seus narratários, em Pedro, reconheçam Jesus como o Messias Crucificado. O que Jesus espera deles é que acolham o anúncio da paixão, neguem os antigos conceitos do messias e tudo o mais que os impeça de obedecer os propósitos de Deus. Portanto, o discípulo não pode negar a cruz de seu Senhor (Mt 16,24-28)³⁶⁵.

³⁵⁹ VITÓRIO, 2019, p. 191.

³⁶⁰ As esperanças messiânicas eram muito vivas na época da escrita dos evangelhos, sendo “caraterizadas por sonhos de glória e poder. O Messias era entendido em termos drasticamente políticos e triunfalistas. Esperava-se um rei potente e guerreiro, instaurador, pela força, do Reino de Deus em favor do domínio de Israel sobre todos os povos” (BARBAGLIO, 2002, p. 259).

³⁶¹ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 104.

³⁶² BARBAGLIO, 2002, p. 259.

³⁶³ PIKAZA, 2017, p. 609.

³⁶⁴ CARTER, 2002, p. 433, (*grifo do autor*).

³⁶⁵ “Ao anúncio da paixão, segue uma coletânea de ditos [...] em torno do tema da necessidade para os discípulos de seguir o mestre que subestimou a própria vida por fidelidade ao desígnio salvífico do Pai. A conexão contextual quer mostrar que a face do Filho do homem sofredor e crucificado deve corresponder à face da sua comunidade messiânica. [...] O discípulo é chamado a renunciar, a arriscar a própria vida, porque só assim poderá, como Cristo, chegar à glória, que é a meta verdadeira de todo caminho de cruz” (BARBAGLIO, 2002, p. 260).

3.8 “Senhor, é bom estarmos aqui” (Mt 17,1-8)

^{17,1}Seis dias depois, Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os conduz à parte sobre uma alta montanha. ²Ele foi transfigurado diante deles: seu rosto resplandeceu como sol, suas vestes tornaram-se brancas como a luz. ³E eis que lhes apareceram Moisés e Elias que conversavam com ele. ⁴Pedro, intervindo, disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui; se queres, levantarei aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés, uma para Elias”. ⁵Ainda falava, quando uma nuvem luminosa os encobriu. E eis que, da nuvem, uma voz dizia: “Este é o meu Filho bem-amado, aquele que me aprouve escolher. Ouvi-o!”. ⁶Ao ouvirem isso, os discípulos caíram de rosto em terra, tomados por grande temor. ⁷Jesus aproximou-se, tocou neles e disse: “Levantai-vos! Não tendes medo!” ⁸Erguendo os olhos, nada mais viram senão Jesus, só.

Logo após ser revelada a verdadeira identidade de Jesus (Mt 16,13-20), ser anunciada a paixão e ressurreição do Mestre (Mt 16,21-23), com as consequentes exigências para o discipulado (Mt 16,24-28), temos a confirmação da filiação divina de Jesus (Mt 17,1-8). Essa sequência das narrativas indica que o Crucificado é o Filho muito amado de Deus e que voltará, no fim, no esplendor de sua divindade³⁶⁶. Pedro, que segue o Mestre com certezas e dúvidas, fé e medo, compreensão e falta de entendimento, será testemunha da sua transfiguração.

Essa cena tem profundo enquadramento (ambientação) simbólico apocalíptico³⁶⁷. *Seis* na simbologia judaica significa incompletude, imperfeição. *Três* designa as dimensões do ser humano (corpo, alma e espírito). Seis dias depois dos fatos narrados nas cenas anteriores (Mt 16,13-28), significa que ainda falta acontecer algo relevante para se alcançar a completude. Então, Jesus sobe a montanha com três de seus discípulos. Essa alta montanha não nomeada pode ser tida como o monte Sinai. Além disso, a iluminação do rosto e das roupas de Jesus por Deus alude a Moisés após receber as tábuas da Lei (Ex 34,29-35)³⁶⁸. Desse jeito, a cena da transfiguração de Jesus, que acontece no alto da montanha, afeta o Mestre e toda a comunidade de seus seguidores³⁶⁹.

Mais uma vez, como porta-voz dos discípulos, Pedro faz uma intervenção (Mt 17,4). Em sua fala, chama Jesus de “Senhor”, reconhecendo sua messianidade. Afirma que estar ali é bom. Propõe levantar três tendas para permanecerem no lugar, uma para cada personagem

³⁶⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 265.

³⁶⁷ BARBAGLIO, 2002, p. 264.

³⁶⁸ A transfiguração de Jesus apresenta três implicações (Mt 17,2). Primeiro, o Reino dos Céus está sendo manifestado. Segundo, o ministério de Jesus antecipa os propósitos escatológicos de Deus para os homens. Terceiro, a comunidade dos discípulos do Reino deve continuar a missão de Jesus sendo “luz do mundo” (CARTER, 2002, p. 441).

³⁶⁹ VITÓRIO, 2019, p. 193.

celestial³⁷⁰. As tendas que Pedro se propõe a levantar fazem alusão à festa das tendas, que tem forte apelo messiânico, e, de certa forma, essa proposta petrina “consiste em querer prolongar a cena, convencido de que os tempos messiânicos já chegaram”³⁷¹. Ele quer compartilhar da messianidade gloriosa de Jesus (com Moisés e Elias)³⁷² e permanecer no alto da montanha³⁷³. Contudo, o discípulo submete suas pretensões à vontade de Jesus (Mt 17,4). Pedro, que há seis dias quis ensinar seu Mestre, repreendendo-o (Mt 16,22), agora volta a seu lugar original conforme lhe havia sido ordenado (Mt 16,23) e se submete à sua autoridade. Mas sua fala ainda expressa o ponto de vista de quem anseia por um messias glorioso.

Pedro nem terminou de falar e Deus se manifestou, encobrindo-os com uma nuvem, e atestando ser Jesus o seu filho amado (Mt 17,5). Pedro foi interrompido, pois a fala de Deus sobre Jesus é mais importante que a fala petrina a Jesus³⁷⁴. Os discípulos foram as testemunham do reconhecimento da filiação divina do Mestre. A eles foi dirigida a ordem divina para ouvir o Filho. Portanto, neste quarto bloco narrativo do Evangelho de Mateus (Mt 16,21-20,34), quando Jesus fala a seus discípulos sobre sua morte e ressurreição como parte do querer divino, é sobre isso que o próprio Deus ordena os discípulos a escutarem. “**Ouvir**, então, é entender e viver tomando a própria cruz (16,24-26). **Ouvir** é uma qualidade central do discipulado”³⁷⁵. Deve ser ouvido o anúncio da paixão e ressurreição do Messias, e não a fala de Pedro que anseia por um messias glorioso.

Ao ouvirem as palavras de Deus sobre Jesus, os discípulos manifestaram uma reação típica diante das teofanias. Cheios de medo, em sinal de veneração, escondem o rosto (Mt 17,6), como Moisés (Ex 3,6) e Elias (1Rs 19,13). Jesus toca seus discípulos, ordenando que não tenham medo (Mt 17,7), tal como fez o anjo do Senhor a Moisés (Ex 33,22-23) e a Elias (1Rs 19,5.7). Mais uma vez, *não ter medo* significa *ter fé*. A cena se encerra com o Mestre pedindo para seus discípulos se levantarem, não temerem e continuarem no caminho da cruz ³⁷⁶.

³⁷⁰ “Jesus, Moisés e Elias falam a mesma palavra de Deus, são a presença – a *shekiná*, como diria o hebraico – da glória de Deus. *Shekiná*, como *skenas*, tendas. A assonância entre o termo hebraico e o grego é imediata. Assim como imediata é a associação com a festa das tendas, a mais importante do pós-exílio, memória do caminho no deserto, rumo à terra prometida” (GALLAZZI, 2013, p. 343).

³⁷¹ BARBAGLIO, 2002, p. 264.

³⁷² Moisés e Elias que aparecem conversando com Jesus (Mt 17,3) são personagens fundacionais do judaísmo, e aqui são testemunhas do mundo celestial. Deus, na nuvem luminosa, cobre com sua sombra os três personagens celestiais e proclama ser Jesus o seu Filho amado, colocando-o acima de Moisés e de Elias (LUZ, 2001b, p. 666).

³⁷³ Mas a glória de Jesus só é compreensível no caminho para Jerusalém (Mt 16,21), no caminho da cruz (PIKAZA, 2017, p. 615).

³⁷⁴ Ao interromper a fala de Pedro, o narrador quer indicar o equívoco da concepção de um messias glorioso expresso pela fala do discípulo que deseja permanecer naquele lugar. A atenção dos narratários deve se voltar para o anúncio do Messias crucificado e ressuscitado feito por Jesus. A mudança de compreensão do messias é sancionada pelo próprio Deus, que interrompe Pedro e ordena que seu Filho Amado seja ouvido.

³⁷⁵ CARTER, 2002, p. 442, (*grifo do autor*).

³⁷⁶ GALLAZZI, 2013, p. 344-345.

3.9 Pedro, intermediário do ensino de Jesus (Mt 17,24-27)

^{17,24}Tendo eles chegado a Cafarnaum, os coletores de didracma aproximaram-se de Pedro e lhe disseram: “O vosso mestre não paga a didracma?” ²⁵“Sim”, disse ele. Quando Pedro chegou à casa, Jesus, antecipando-se, disse-lhe: “Qual é o seu parecer, Simão? Os reis da terra, de quem recebem as taxas ou impostos? Dos seus filhos ou dos estranhos? ²⁶E como ele respondesse: “Dos estranhos”, Jesus disse-lhe: “Por conseguinte, os filhos estão isentos. ²⁷Contudo, para não causar a queda desta gente, vai ao mar, lança o anzol, o primeiro peixe que surgir, pega-o e abre-lhe a boca: nela encontrarás um estáter. Toma-o e entrega-o a eles por mim e por ti”.

Em Mt 17,24-27, Pedro é questionado se Jesus paga ou não o imposto do Templo³⁷⁷. Essa pergunta é plausível, uma vez que, especialmente na Galileia, alguns compreendiam tal imposto como sendo voluntário³⁷⁸. A intenção do evangelista é transmitir um ensinamento sobre a liberdade dos filhos de Deus. “Para o que nos interessa, o importante é que Pedro intermedeia esse ensinamento, que certamente serve para não afetar a paz entre judeu-cristãos e judeus”³⁷⁹.

Portanto, como pano de fundo está a complicada relação da comunidade judeu-cristã primitiva com o judaísmo. Os judeu-cristãos de língua aramaica geralmente eram mais rigorosos nas observações das tradições judaicas. Já os cristãos de língua grega eram mais livres em face de tais tradições. Desse modo, Pedro representa a posição dos judeu-cristãos conservadores que respeitam as tradições³⁸⁰.

Ele aparece não só como conhecedor dos costumes de Jesus, sabendo responder a esse respeito (Mt 17,24), mas, sobretudo, como autorizado a falar em seu nome (Mt 16,19). Nessa cena, Pedro é mais que o porta-voz da comunidade mateana, é seu modelo. O que ele e Jesus fazem a comunidade dos discípulos também deve fazer³⁸¹. A autoridade que Pedro recebeu para interpretar a Lei na Igreja de Jesus (Mt 16,19), legitimando ou não certas condutas, é utilizada nesse trecho. Ele responde, em nome de Jesus, o que a comunidade deve fazer em relação ao pagamento do imposto ao Templo (Mt 17,25). Mais que isso: Pedro diz o que deve ser feito. Contudo é Jesus quem diz o porquê é feito (Mt 17,27).

Nota-se uma relação de proximidade entre Jesus e seu discípulo³⁸². O narrador demonstra que Pedro sabe das práticas de seu Mestre, e que Jesus também sabe que seu discípulo foi questionado a seu respeito. Dessa vez, Pedro não questiona Jesus, apenas ouve

³⁷⁷ Segundo Luz, Mt 17,24-27 procede de uma comunidade judeu-cristã anterior à destruição do Templo (LUZ, 2001b, p. 692).

³⁷⁸ LUZ, 2001b, p. 691.

³⁷⁹ GNILKA, 2006, p. 61.

³⁸⁰ BARBAGLIO, 2002, p. 270.

³⁸¹ CARTER, 2002, p. 450-451.

³⁸² VITÓRIO, 2019, p. 200.

suas ordens. Consequentemente, fica subentendido que ele as cumprirá para não causar escândalo.

3.10 Sempre perdoar (Mt 18,21-22)

^{18,21}Então Pedro aproximou-se e lhe disse: “Senhor, quando meu irmão cometer uma falta a meu respeito, quantas vezes lhe hei de perdoar? Até sete vezes? ²²Jesus lhe disse: “Eu não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes”.

No discurso eclesial, em Mt 18,21-22, mais uma vez Pedro é o mediador para o ensino de Jesus. Após o Mestre discorrer sobre a necessidade de perdoar³⁸³ (Mt 18,15-20), Pedro pergunta sobre quantas vezes doar o perdão (Mt 18,21), expressando uma questão prática para o bem-estar dos membros da comunidade. Assim, ele representa todo membro da comunidade que possa ter sido ofendido por outro. A pergunta petrina se refere à qualidade do perdão: *sete* é o número da perfeição. Portanto, Pedro não pergunta se deve perdoar apenas sete vezes, mas se o deve fazer com perfeição. A resposta de Jesus quer levar a perfeição ao ápice: “setenta vezes sete” (Mt 18,22). Sendo assim, Pedro deve perdoar com perfeição, quantas vezes forem necessárias. Trata-se de perdão programático e não pragmático³⁸⁴. A parábola na perícopes seguinte (Mt 18,23-35) discorre sobre o perdão divino, que deve ser imitado pelos discípulos, e aponta para os males decorrentes da falta de misericórdia para com o próximo³⁸⁵.

O narrador apresenta Pedro como intermediário do ensino de Jesus, mas também como um discípulo interessado em aprender. A pergunta petrina demonstra que o discípulo dedicado busca sempre compreender mais e melhor o que ensina seu Mestre. Pedro questiona, a fim de melhor seguir Jesus. Como protótipo, a identidade do apóstolo vai sendo construída simultaneamente com a construção daquela da Igreja.

3.11 A recompensa do discípulo (Mt 19,16-30)

^{19,16}E eis que um homem aproximou-se de Jesus e lhe disse: “Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?” ¹⁷Jesus lhe disse: “Por que me interrogas acerca do bom? Único é aquele que é bom. Se queres entrar na vida eterna, guarda os

³⁸³ Muito provavelmente, para as sociedades mediterrâneas do primeiro século, o perdão não significava alívio psicológico, como nas sociedades introspectivas industrializadas voltadas para a culpa. “O perdão de Deus significava ser divinamente devolvido à própria posição e, portanto, ser libertado do medo de perda nas mãos de Deus. O perdão, por parte dos outros, significava a devolução à comunidade. [...] a ‘consciência’ não era tanto uma voz interior de acusação, mas uma voz externa – o que os vizinhos diziam. [...] Uma acusação tinha o poder de destruir, ao passo que o perdão tinha o poder de restaurar” (MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 448).

³⁸⁴ LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo III*: Mt 18–25. Salamanca: Sigueme, 2003, p. 91-92.

³⁸⁵ GNILKA, 2006, p. 62.

mandamentos”.¹⁸ “Quais?”, disse ele. Jesus respondeu: “*Não cometerás homicídio. Não cometerás adultério. Não roubarás. Não levantarás falso testemunho.*”¹⁹ “Honra teu pai e tua mãe. Enfim: *Amarás teu próximo como a ti mesmo*”.²⁰ O jovem lhe disse: “Tudo isso, eu o observei. Que me falta ainda?”²¹ Jesus lhe disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me!”²² Ao ouvir tais palavras, o jovem retirou-se, triste, pois tinha muitos bens.²³ E Jesus disse a seus discípulos: “Em verdade, eu vos digo: um rico dificilmente entrará no Reino dos céus.²⁴ Eu vo-lo repito, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.²⁵ Ante tais palavras os discípulos ficaram muito impressionados e diziam: “Quem poderá então ser salvo?”²⁶ Fixando neles o olhar, Jesus lhes disse: “Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível”.²⁷ Tomando então a palavra, Pedro disse-lhe: “Pois bem! Quanto a nós, deixamos tudo e te seguimos. Qual será a nossa recompensa?”²⁸ Jesus lhes disse: “Em verdade, eu vos digo: por ocasião da renovação de todas as coisas, quando o Filho do Homem tomar acento no seu trono de glória, vós que me seguistes, também vós vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.²⁹ E todo aquele que houver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu Nome, receberá muito mais e, em herança, a vida eterna.³⁰ Muitos primeiros serão últimos; e muitos últimos, primeiros.

Essa cena se desenvolve a partir do questionamento sobre como ganhar a vida eterna (Mt 19,16). A resposta é: vender os bens, doar os lucros aos pobres e colocar-se no seguimento de Jesus, “tornar-se seu discípulo, aderir à sua pessoa na fé e na obediência. O caminho da salvação passa, afinal, através dele”³⁸⁶ (Mt 19,21). Para se tornar discípulo, é preciso uma profunda mudança de conceitos religiosos, uma vez que a riqueza era considerada sinal indiscutível da bênção divina³⁸⁷.

Seguindo a discussão sobre a salvação, Pedro mais uma vez é o porta-voz dos discípulos ao perguntar sobre a recompensa escatológica dos que deixaram tudo para seguir Jesus (Mt 19,27)³⁸⁸. Ele e os discípulos aparecem na cena como *elemento de contraste*³⁸⁹ para o jovem rico que recusou o seguimento e, por isso, será muito difícil que entre no Reino dos Céus (Mt 19,23). Jesus promete aos seus Doze que, quando voltar para o juízo final, eles serão associados a ele e “constituirão um único tribunal para julgar o povo de Israel. [...] Isto significa que o juízo último seguirá o critério da aceitação ou da recusa da pregação apostólica”³⁹⁰.

Os bens futuros que todos os discípulos receberão em abundância (cem vezes mais), também são um *elemento de contraste* com aqueles de que o jovem rico não quis abrir mão para ganhar a vida eterna. Com a chegada do Reino, os discípulos que foram rejeitados pela comunidade judaica serão os primeiros. E a comunidade judaica, que rejeitou Jesus, será a última³⁹¹.

³⁸⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 301.

³⁸⁷ VITÓRIO, 2019, p. 218.

³⁸⁸ CARTER, 2002, p. 492.

³⁸⁹ RESSEGUIE, 2008, p. 118.

³⁹⁰ BARBAGLIO, 2002, p. 303.

³⁹¹ CARTER, 2002, p. 494.

3.12 O anúncio da traição de Pedro (Mt 26,30-35)

^{26,30}Depois de terem cantado os salmos, saíram para ir ao monte das Oliveiras. ³¹Então Jesus lhes disse: “Esta noite mesmo, todos vós caireis por causa de mim. De fato, está escrito: *Eu ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas*. ³²Mas, depois de ressuscitado, eu vos precederei na Galiléia”. ³³Tomando a palavra, Pedro lhe disse: “Se todos caírem por causa de ti, eu jamais cairei”. ³⁴Jesus lhe disse: “Em verdade, eu te digo: nesta mesma noite, antes que o galo cante, ter-me-ás negado três vezes”. ³⁵Pedro disse-lhe: “Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, não, eu não te negarei”. E todos os discípulos disseram o mesmo.

O personagem petrino aparece novamente dentro do quinto bloco narrativo (Mt 21,1–27,66)³⁹², que expõe as razões da paixão de Jesus e explica que sua paixão (Mt 26,28) e regresso (Mt 24,27-31) fazem parte dos propósitos divinos para salvar o povo.

Depois de ter celebrado a Páscoa com seus discípulos (Mt 26,20-29), Jesus sai com eles em direção ao Monte das Oliveiras e revela que, naquela mesma noite, eles se escandalizarão por causa dele (Mt 26,31). “Este escândalo é mais que medo, egoísmo ou debilidade. Não é de covardia, mas sim de mudança de paradigma, de choque ante uma forma distinta de entender e viver a presença e ação de Deus”³⁹³. Então, Pedro entra em cena e inicia um curto diálogo com Jesus, marcado, paradoxalmente, pela convicção daquilo que dizem ambos os personagens: Jesus afirma que todos os discípulos se escandalizarão (Mt 26,31) e que, particularmente Pedro, o negará três vezes (Mt 26,34); este nega com insistência as palavras do Mestre (Mt 26,33.35). Assim, percebe-se que tal diálogo demarca outra cisão entre Jesus e Pedro.

Aquele discípulo que se empolgou por estar no alto da montanha e testemunhar a transfiguração (Mt 17,2-4) parece não ter ouvido a voz que ordenou escutar o que Jesus diz (Mt 17,5). Sem que ele mesmo perceba, Pedro começa a romper com o Mestre ao negar o que diz³⁹⁴. Ao insistir que não desertará, está novamente querendo ensinar ao Cristo (Mt 16,22). Ao afirmar que *nunca* o negará, mesmo que todos os discípulos o façam (Mt 26,33), Pedro demonstra que se coloca acima dos outros³⁹⁵.

Jesus diz que a negação acontecerá naquela mesma noite, antes do cantar do galo³⁹⁶, e acontecerá três vezes (Mt 26,34). Essa tríplice negação “sublinha a debilidade humana do

³⁹² CARTER, 2002, p. 684.

³⁹³ “Ese escándalo es más que miedo, egoísmo o debilidad. No es de cobardía, sino de cambio de paradigma, de choque ante una forma distinta de entender y de vivir la presencia y acción de Dios” (PIKAZA, 2017, p. 857).

³⁹⁴ LEONEL, João. *Pedro como personagem no evangelho de Mateus*: complexidade e inversão. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 164-182, jan./mar. 2014, p. 177.

³⁹⁵ CARTER, 2002, p. 629.

³⁹⁶ Na antiguidade era comum marcar a hora pelo cantar do galo. Considerava-se que ele cantava entre meia-noite e o amanhecer, de modo que faltavam poucas horas para que Pedro negasse Jesus (LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo IV*: Mt 26–28. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 191).

discípulo desconhecedor de seus limites”³⁹⁷. A resposta de Jesus demonstra, na verdade, que Pedro está se superestimando³⁹⁸. Este, em sua réplica, nega pela segunda vez as palavras de seu Mestre, mostrando um “aprofundamento da ruptura travestida de fidelidade da parte de Pedro”³⁹⁹. Ele está convicto de que não o negará, diz estar disposto a morrer antes que negue seu Senhor. Sua afirmação foi ratificada pelos discípulos. Portanto, agora todos rejeitam as palavras do Mestre (Mt 26,35), todos ignoram a ordem divina (Mt 17,5). Pedro e seus companheiros nem percebem que já estão rompendo com o Mestre, primeiro em palavras, depois em ações.

Enquanto Jesus demonstra ter plena consciência de tudo o que irá acontecer consigo e com seus discípulos, estes últimos parecem estar em estado de negação das próprias fraquezas⁴⁰⁰. Nessa cena (Mt 26,30-35), pensam ser capazes de renunciar a si mesmos, de tomar a própria cruz e de seguir Jesus (Mt 16,24). Isso se reforça na fala de Pedro, que, falando por todos os discípulos, indica não ter aprendido nada desde a última vez que repreendeu Jesus (Mt 16,22). Parece ter esquecido que sua fé é pouca (Mt 14,31)⁴⁰¹.

Nesse diálogo, nem Pedro nem outro discípulo faz qualquer menção ao reencontro que terão com Jesus na Galileia, após a ressurreição (Mt 26,32)⁴⁰². A dificuldade em compreender a morte do Mestre leva o discípulo a ignorar o anúncio da ressurreição.

3.13 “Então, não tiveste força para vigiar nem uma hora comigo!” (Mt 26,36-46)

^{26,36}Então Jesus chega com eles a uma propriedade chamada Getsêmani e diz aos discípulos: “Ficai aqui enquanto eu vou ali rezar”. ³⁷Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, ele começou a sentir tristeza e angustia. ³⁸Disse-lhes então: “Minha alma está triste a ponto de morrer. Permanecei aqui e vigiai comigo”. ³⁹E indo um pouco mais longe e caindo o rosto em terra, ele orava, dizendo: “Meu Pai, se é possível, esta taça passe longe de mim! Todavia, não como eu quero, mas como tu queres! ⁴⁰Ele vem para junto dos discípulos e os encontra a dormir; diz a Pedro: “Então, não tiveste força para vigiar uma hora comigo! ⁴¹Vigiai e orai, a fim de não cairdes em poder da tentação. O espírito está cheio de ardor, mas a carne é fraca”. ⁴²De novo, pela segunda vez, ele se afastou e orou dizendo: “Meu Pai, se esta taça não pode passar sem que eu a beba, faça-se a tua vontade!” ⁴³A seguir veio de novo e os encontrou a dormir, pois tinham os olhos entorpecidos. ⁴⁴Ele os deixou, afastou-se de novo, e orou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁵Então ele se dirige aos discípulos e lhes diz: “Continuai a dormir e descansai! Eis que se aproxima a hora em que o Filho do Homem será entregue às mãos dos pecadores. ⁴⁶Levantai-vos! Vamos! Eis, chegou aquele que me entrega”.

³⁹⁷ VITÓRIO, 2019, p. 288.

³⁹⁸ LUZ, 2005, p. 191.

³⁹⁹ LEONEL, 2014, p. 177.

⁴⁰⁰ BARBAGLIO, 2002, p. 387.

⁴⁰¹ LUZ, 2005, p. 192.

⁴⁰² LUZ, 2005, p. 187.

Logo após os apóstolos se julgarem corajosos e leais, alegando serem capazes de morrer antes que negar o Mestre (Mt 26,35), a cena seguinte mostra como são limitados (Mt 26,36-46). Jesus, deixando os outros discípulos à parte, “levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, ele começou a sentir tristeza e angústia” (Mt 26,37). Os três destacados nessa narrativa foram os primeiros a serem chamados por Jesus (Mt 4,18-22), além de serem as testemunhas oculares da transfiguração do Mestre (Mt 17,1-8). Entretanto, Pedro acabara de dizer que nunca se escandalizaria pelo Cristo (Mt 26,30-35), e Tiago e João afirmaram que poderiam beber do mesmo cálice que Jesus, pois queriam os primeiros lugares no Reino dos Céus (Mt 20,20-24). Agora, nessa cena, tanta convicção é contrastada com a sonolência, incapazes de vigiar uma hora. Jesus acabara de anunciar que, dentro de poucas horas, todos desertariam por causa dele (Mt 26,31), mas eles não compreenderam. Esses três discípulos “têm dificuldade de entender a cruz como consequência da fidelidade de Jesus e como preparação para o estabelecimento do império de Deus”⁴⁰³.

O Mestre quer companhia, quando se sente triste e angustiado pela proximidade de sua prisão e morte. Seu desejo é que seus três discípulos vigiem junto dele (Mt 26,38). Nota-se que o comportamento de Jesus contrasta fortemente com o de Pedro e o dos filhos de Zebedeu⁴⁰⁴: ele reza três vezes ao Pai e por três vezes constata que os discípulos estão dormindo. “Na superfície narrativa, o sono dos discípulos é um corte na comunhão com Jesus. Não puderam resistir uma só hora de pé na comunhão de sofrimento com Jesus!”⁴⁰⁵. Entretanto, Jesus está completamente consciente da iminência de sua hora e, por isso, ele reza com a *alma triste a ponto de morrer* (Mt 26,39). Enquanto isso, seus discípulos estão completamente indiferentes ao que está prestes a lhe acontecer, apesar das advertências (Mt 16,21; 17,22-23; 20,17-19) e, por isso, dormem (Mt 26,40a)⁴⁰⁶.

Os três discípulos estão dormindo, mas Jesus expressa sua decepção apenas por Pedro não ter tido forças para vigiar uma hora com ele (Mt 26,40b). A falta de forças que o faz dormir recorda a falta de fé que o fizera afundar (Mt 14,31). Jesus lhe fala “em tom de reprovação, não só por ser o porta-voz habitual dos discípulos, mas, sobretudo, porque havia declarado há pouco, com bastante presunção, estar disposto a morrer com ele (v. 35)”⁴⁰⁷. A repreensão mostra a

⁴⁰³ CARTER, 2002, p. 630.

⁴⁰⁴ BARBAGLIO, 2002, p. 389.

⁴⁰⁵ “En la superficie narrativa, el sueño de los discípulos es un corte de la comunión con Jesús. ¡No pudieron resistir una sola hora en pie la comunión de sufrimiento con Jesús!” (LUZ, 2005, p. 202).

⁴⁰⁶ VITÓRIO, 2019, p. 290.

⁴⁰⁷ “En tono de reproche, no sólo por ser el portavoz habitual de los discípulos, sino sobre todo porque ha declarado hace poco, con bastante presunción, estar dispuesto a morir con él (v. 35)” (LUZ, 2005, p. 202).

distância existente entre as intenções do discípulo e suas ações, ou seja, existe uma incongruência entre o que o discípulo de pouca fé (e de muita presunção) diz e o que efetivamente faz. Ela é expressa por Jesus ao dizer que “o espírito está cheio de ardor, mas a carne é fraca” (Mt 26,41b). Por isso, ele lhe recomenda que vigie e ore, a fim de não cair em tentação (Mt 26,41a). Jesus faz alusão à fraqueza do discípulo que, não sendo capaz de vigiar e orar, tão pouco será capaz de entregar a vida antes de negá-lo como havia dito (Mt 26,35). Dessa vez, Mateus apresenta o Cristo como modelo para os discípulos diante das provações⁴⁰⁸, pois ele tem profunda relação com o Pai e reza para vencê-las. Pedro e os filhos de Zebedeu tornam-se *personagens de contraste* para Jesus, pois eles dormem ante as provações e, por isso, sucumbirão a elas (Mt 26,56).

Pela segunda vez, Jesus se afastou para rezar e, ao voltar, encontrou os discípulos a dormir, já que tinham os olhos entorpecidos (Mt 26,43). Dizer que os discípulos estavam dormindo é uma metáfora para indicar que estão em desacordo com Jesus e com sua morte na cruz. Seus olhos entorpecidos são expressão de sua confusão diante das palavras de Jesus sobre sua própria morte⁴⁰⁹.

Pela terceira vez, Jesus se afasta para rezar e, novamente, ao voltar, os discípulos estão a dormir (Mt 26,45). Enquanto o Mestre reza intensamente (por três vezes), os discípulos dormem (por três vezes), sendo incapazes de vigiar com o Mestre. Tal dicotomia entre as ações de Jesus e as de Pedro se aprofunda ainda mais (Mt 26,30-35), e o sono dos discípulos demonstra que não estão preparados para enfrentar a cruz. Quando é chegada a hora de Jesus ser entregue aos pecadores, Pedro precisa ser acordado pelo Mestre (Mt 26,46). Assim, quem não compreende nem aceita a palavra de Jesus sobre a cruz é pego de surpresa, isto é, se escandaliza por causa dele.

3.14 A traição de Pedro (Mt 26,58.69-75)

^{26,58}Quanto a Pedro, ele o seguiu de longe até o palácio do Sumo Sacerdote; ali entrou e sentou-se com os servos, para ver o que ia acontecer. [...] ⁶⁹Ora, Pedro estava sentado fora, no pátio. Uma criada aproximou-se dele, dizendo: “Tu também estavas com Jesus, o galileu!” ⁷⁰Mas ele negou, diante de todos, dizendo: “Eu não sei o que queres dizer”. ⁷¹Quando ele estava saindo em direção ao pátio, outra o avistou e disse aos que lá estavam: “Este aí estava com Jesus, o nazoreu”. ⁷²Novamente ele negou com juramento: “Eu não conheço este homem!” ⁷³Pouco depois, os que ali estavam aproximaram-se e disseram a Pedro: “Sem dúvida alguma, tu também és um deles! Aliás, o teu sotaque te denuncia”. ⁷⁴Então ele se pôs a jurar com imprecações: “Eu não conheço esse homem!” E logo a galo cantou. ⁷⁵E Pedro lembrou-se da palavra

⁴⁰⁸ PIKAZA, 2017, p. 861.

⁴⁰⁹ LUZ, 2005, p. 204.

que Jesus dissera: “Antes que o galo cante, tu me terás negado três vezes”. Ele saiu e chorou amargamente.

Judas acabara de trair Jesus. O Mestre foi preso e os discípulos fugiram (Mt 26, 47-56). Contudo, Pedro permanece. Ele segue o Mestre “de longe até o palácio do sumo sacerdote; ali entrou e sentou-se com os servos, para ver o que ia acontecer” (Mt 26,58). Até essa cena, ele cumpre o que prometera a Jesus, ao contrário dos outros discípulos, pois não o abandonou (Mt 26,33). Mas é um seguimento à distância, que aparentemente não lhe oferece riscos nem implica qualquer comprometimento.

A cena da negação petrina traz uma tensão narrativa ascendente. Em três etapas, o narrador demonstra a afirmação presunçosa do discípulo de não negar seu Mestre. O desenlace da narrativa mostra o sentimento do personagem, o que não é uma preocupação habitual do narrador bíblico. Portanto, o enredo é de revelação.

Pedro senta-se no pátio do palácio do sumo sacerdote, talvez imaginando estar seguro, mas logo é identificado e confrontado por uma criada, afirmando que ele estava com Jesus (Mt 26,69). Nessa sociedade patriarcal, o testemunho da mulher não tem valor contra o homem. A princípio a criada não oferece nenhum risco a Pedro⁴¹⁰, e ele nega *saber* sobre o que ela está falando (Mt 26,70). Embora tenha sido apenas uma pessoa a confrontá-lo, Pedro nega diante de todos. A resposta não é dada somente à sua interlocutora. Ele se sente tão ameaçado, a ponto de precisar mostrar a todos sua “inocência”. Mas sua negação pública de Jesus não é mera frase defensiva, visto que “se trata do abandono da confissão cristã, com todas as consequências para o juízo final”⁴¹¹ (Mt 10,33).

Ele nega qualquer vínculo, até mesmo conhecer aquele por quem havia dito estar disposto a morrer (Mt 26,35). De fato, “Pedro fala correta e ironicamente; ele não **sabe** o que significa estar com Jesus no caminho da cruz”⁴¹². Está seguindo Jesus, e a distância (Mt 26,58a) é mais que geográfica. Amedrontado com o questionamento inesperado, levanta-se e caminha em direção ao pátio. Ao negar Jesus, Pedro começa a afundar, novamente, em seu medo (Mt 14,30).

A cena se repete com mais intensidade⁴¹³. Outra criada o reconhece como um dos discípulos e diz aos que estavam no pátio (e não somente a ele, como a outra criada o fez) que Pedro estava com Jesus (Mt 26,71). Sua resposta novamente extrapola o que lhe foi

⁴¹⁰ VITÓRIO, 2019, p. 298.

⁴¹¹ “Se trata de un abandono de la confesión cristiana, con todas las consecuencias para el juicio final” (LUZ, 2005, p. 293).

⁴¹² CARTER, 2002, p. 641, (*grifo do autor*).

⁴¹³ CARTER, 2002, p. 642.

afirmado, demonstrando seu descontrole, daí responder com violência⁴¹⁴. Pedro não aceita ser identificado como discípulo de Jesus. Ele, que já o havia reconhecido como “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16), nega *sob juramento* conhecer “esse homem” (Mt 26,72). Refere-se a Jesus como “esse homem” e não mais como o “Senhor”, que é a forma como somente seus discípulos se dirigem a ele. Ao se recusar a citar o nome, Pedro quer dar credibilidade à sua afirmação de não o conhecer, de não ser seu discípulo. Contrariando o ensino de Jesus (Mt 5,33-37), ele *jura* não conhecer “esse homem”, quando lhe bastava ter respondido “não”, como o Mestre havia ensinado⁴¹⁵. Fazendo um juramento, ao invés de responder “sim” ou “não”, Pedro se associa ao Maligno (Mt 5,37). Pois, seu juramento revela uma conduta contrária à esperada de um discípulo de Jesus⁴¹⁶. Dessa forma, a narrativa não deixa dúvidas de que as afirmações das criadas fazem crescer paulatinamente o medo em Pedro.

A terceira afirmação de que é discípulo de Jesus eleva a tensão da narrativa e o medo de Pedro (Mt 26,73). Um grupo de pessoas afirma categoricamente, por causa de seu sotaque galileu, que ele é um dos seguidores. Por tanto negar, acabou se denunciando. Se Pedro não tivesse respondido, não teria sido descoberto⁴¹⁷. Foi incapaz de administrar tal situação e perdeu o controle⁴¹⁸. Pedro nega o inegável! Ele não somente é um dos seguidores de Jesus, como é o *primeiro* (Mt 4,18-21; 10,2). Pela terceira vez, nega conhecer “esse homem”. Novamente, Jesus não é mais designado como “Senhor” ou “o Cristo, o Filho de Deus vivo”, o discípulo o rebaixa à condição de um homem qualquer: “esse homem”⁴¹⁹. A negação é acrescida de maldições e feita sob juramento (Mt 26,74), o que, como já dito, Jesus havia proibido que seus discípulos o fizessem (Mt 5,33-36). Destarte, Pedro afundou em seu medo, em sua falta de fé (Mt 14,30).

A tríplice negação petrina é narrada numa tensão crescente. Pedro começa com uma simples negação, depois torna a negar com juramento e, por fim, faz isso com juramento e imprecações. A cada vez que Pedro diz não conhecer Jesus e não ser seu discípulo, ele se movimenta para sair do pátio do palácio⁴²⁰. Essa ascensão dramática nos diálogos e no concomitante movimento em direção à saída ressalta a gravidade do ato que é realizado publicamente: ele nega diante de todos, ele rompe os laços com Jesus⁴²¹.

⁴¹⁴ PIKAZA, 2017, p. 879.

⁴¹⁵ LUZ, 2005, p. 294.

⁴¹⁶ Jesus já o tinha chamado de satanás quando lhe repreendeu pelo anúncio da paixão (Mt 16,23).

⁴¹⁷ PIKAZA, 2017, 879.

⁴¹⁸ LEONEL, 2014, p. 179.

⁴¹⁹ Enquanto as criadas sabem o nome de Jesus e o qualificam como o galileu (Mt 26,69) e o nazareno (Mt 26,71), Pedro nega sua relação com Jesus, omitindo seu nome e qualquer adjetivo passível de ser aplicado a ele, isto é, nega saber a real identidade de Jesus.

⁴²⁰ LUZ, 2005, p. 290-291.

⁴²¹ BARBAGLIO, 2002, p. 396.

São mulheres e um grupo de pessoas que identificam-no como discípulo de Jesus por motivos superficiais, como andar em sua companhia e ter o sotaque galileu. “O reconhecimento não se dá pela pregação do reino ou pelas curas que deveriam praticar, marcas do verdadeiro discípulo. Assim mesmo, tal identificação é demais para Pedro”⁴²², pois sua fé é pouca e grande é seu medo (Mt 14,31).

O clímax do enredo⁴²³, que faz tudo mudar, é o cantar do galo. Neste momento, Pedro lembra-se das *palavras* de Jesus, que lhe havia dito que o negaria três vezes e que havia sido incisivo ao discordar do Mestre (Mt 26,34). “O que é vergonhoso é o fato de ele não ter cumprido sua palavra de honra dada a Jesus na presença de outros (Mt 26,35)”⁴²⁴. Nesse momento, tudo muda em Pedro. Assim, o cantar do galo revela que Jesus estava certo quanto à sua negação. Consequentemente, a consciência de seus atos e o questionamento de seus interlocutores fazem-no fugir⁴²⁵. Ele, que seguia o Mestre de longe (Mt 26,58), agora o abandona tal como Jesus lhe havia dito e chora amargamente (Mt 26,75). Dessa forma, a negação petrina simboliza a realidade do discípulo que não conseguiu renunciar a si mesmo e carregar sua cruz no seguimento do Mestre (Mt 16,24).

A narração ainda apresenta um *enquadramento temporal e arquitetônico* simbólico⁴²⁶. As cenas que se passam entre a última ceia (celebração da páscoa) até a efetiva negação de Pedro ocorrem à noite (Mt 26,20-75), simbolizando a dificuldade de se compreender um messias crucificado. A cena que se passa dentro do palácio do sumo sacerdote com Jesus (Mt 26,57-68) e a da negação petrina, no pátio, fora do palácio, pretendem demarcar a distância entre Mestre e discípulo⁴²⁷. Pedro funciona como um personagem de contraste em relação a Jesus⁴²⁸. “Assim estão se desenvolvendo dois julgamentos paralelos, embora o de Jesus seja maior (dois versículos a mais), o de Pedro é igualmente significativo à consciência da Igreja, que nasceu como reação pascal dos discípulos perante a morte de Jesus”⁴²⁹. Dentro do palácio, os inimigos de Jesus procuravam uma falsa testemunha contra ele (Mt 26,59-60). No lado de fora do palácio, Pedro, a testemunha verdadeira, dava falso testemunho sobre si mesmo⁴³⁰. Enquanto Jesus assume sua identidade messiânica diante do sinédrio que pode levá-lo à morte

⁴²² LEONEL, 2014, p. 178.

⁴²³ MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 59.

⁴²⁴ MALINA; ROHRBAUGH, 2018, p. 154.

⁴²⁵ O “pescador de homens” não tem coragem para enfrentar o mar, isto é, a cruz (GALLAZZI, 2013, p. 547).

⁴²⁶ RESSEGUIE, 2008, p. 95 e 103.

⁴²⁷ BARBAGLIO, 2002, p. 396.

⁴²⁸ LUZ, 2005, p. 293.

⁴²⁹ “Se están desarrollando así dos juicios paralelos, y aunque el de Jesús es más largo (dos versículos más), el de Pedro es igualmente significativo para la conciencia de la Iglesia, que ha nacido como reacción pascual de los discípulos ante la muerte de Jesús” (PIKAZA, 2017, p. 877).

⁴³⁰ GALLAZZI, 2013, p. 545.

(Mt 26,57.64), Pedro diante das criadas e de todos que ali estão, que nada podem contra ele, nega com juramento e maldições conhecer e ser discípulo de Jesus⁴³¹.

Dentro do palácio, as autoridades realizam um simulacro de julgamento sem validade legal para condenar Jesus, que confessa ser “o Messias, o Filho de Deus” e assume sua cruz (Mt 26,63-64). Fora do palácio, pessoas desprovidas de qualquer autoridade promovem uma caricatura de “julgamento” contra Pedro, que, tomado pelo medo (falta de fé), nega ser discípulo, nega sua cruz. Não foi capaz sequer de pronunciar o nome do Mestre.

Jesus por três vezes orou ao Pai, não sucumbiu à tentação (Mt 26,39.42.44). Pedro que dormia, não aguentando vigiar sequer uma hora (Mt 26,41.43.45), caiu em tentação e negou seu Senhor, tornou-se pedra de tropeço.

Entretanto, a gravidade da negação de Pedro não é o fim. O choro amargo de Pedro, sua fuga do “tribunal” caricatural conduzido por mulheres e por pessoas anônimas, no qual lhe era cobrado o reconhecimento do seguimento de Jesus, é um artifício narrativo que expressa a fé recuperada após a ressurreição do Mestre. Desse modo, o narrador está dizendo que a relação entre mestre e discípulo não termina na palavra de negação e de maldição⁴³².

3.15 Conclusão

O personagem de Pedro é muito importante na catequese mateana, pois, por meio dele, o evangelista apresenta várias mensagens aos narratários. Ele cresce ao longo da narrativa, passa da mera citação de seu nome para o protagonismo de algumas cenas com Jesus. No fim do evangelho, o *primeiro* discípulo não é mais mencionado individualmente, mas continua presente junto aos Onze (Mt 28,10.16).

Pedro caracteriza-se como um personagem redondo. Assim, ao longo da narrativa, ele oscila entre a aceitação e a contestação da palavra de Jesus. Após abandonar as redes para seguir o Mestre, ele testemunha suas palavras e obras, reconhecendo-o como “o Messias, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16). Entretanto, em seguida, manifesta profunda dificuldade em aceitar um Messias crucificado, o que o leva a promover embates com seu Mestre (Mt 16,22.33-35), que têm como consequência a negação de seu discipulado. Desta forma, o papel petrino na catequese mateana deixa transparecer que ele é o protótipo do discípulo nesta comunidade.

⁴³¹ PIKAZA, 2017, p. 879.

⁴³² “Sua fé pós-pascal não apenas era conhecida de todos os crentes, mas constituía um ponto de referência necessário. Pode-se dizer até que a fé da Igreja era a fé de Pedro. Elaborou-se, por conseguinte, o motivo edificante do seu pranto” (BARBAGLIO, 2002, p. 396-397).

Mateus apresenta as virtudes, as limitações e a missão petrina como sendo as mesmas de sua comunidade.

A análise de conjunto das cenas deste terceiro capítulo será o escopo do quarto e último capítulo desta dissertação.

4 PEDRO: PROTÓTIPO DO DISCÍPULO NO EVANGELHO DE MATEUS

Percorridos, no capítulo anterior, todos os enredos episódicos que nomeiam Pedro, no Evangelho de Mateus, o presente capítulo construirá uma visão de conjunto dessas perícopes. Todavia, sabe-se que as funções literárias do personagem só podem ser adequadamente compreendidas dentro do conjunto da obra.

Nas próximas páginas, buscar-se-á demonstrar a função petrina na obra mateana em dois aspectos. Primeiro, Pedro entra em cena para legitimar uma tradição sobre Jesus, transmitida pelo conjunto da obra⁴³³. Uma vez que, nos personagens da narração, Mateus apresenta uma relação possível com Jesus, o personagem petrino possibilita aos destinatários da catequese abstrair uma mensagem teológica profunda. Sob o ponto de vista petrino, o personagem de Jesus Messias é narrado. Por exemplo, por meio dele, confirma-se a origem messiânica da ação missionária, que amplia seu escopo a todos os povos (Mt 28,19-20)⁴³⁴. Num segundo aspecto, ele expressa as limitações do discípulo típico da comunidade mateana. Assim, os narratários do evangelista podem se identificar com Pedro, e também com os Doze.

Mateus constrói o personagem de Pedro carregado de contradições que fazem dele ora modelo para os judeu-cristãos de sua comunidade, ora imagem da realidade deles. Esse personagem trilha um caminho que passa pelo seguimento entusiasmado, pelas incompreensões e embates com o Mestre, até chegar à negação do discipulado. Contudo, ele não pôs fim ao discipulado como Judas Iscariotes fez ao se suicidar (Mt 27,3-5). Ele perseverou junto dos outros dez, até o encontro com o Ressuscitado na Galileia (Mt 28,16-17). Deste modo, sua personagem evoca uma mensagem positiva de perseverança apesar de, vez e outra, ter sido causa de escândalo.

Estrategicamente, Pedro vai crescendo ao longo da catequese mateana. E, no conjunto da obra, nota-se que mesmo as cenas mais curtas e aparentemente despretensiosas são de grande importância para se compreender o personagem e seu significado para a comunidade de Mateus⁴³⁵.

⁴³³ Embora a análise narrativa bíblica vise ao estudo do texto literário com autonomia diante do contexto de sua criação, sendo melhor interpretado seguindo os pontos de referência contidos no próprio texto, conhecer o *Sitz im Leben* é necessário para melhor interpretá-lo (SKA, 2018, p. 74). Todo livro bíblico foi escrito no seio da Igreja e para a Igreja, sendo produto de seu tempo e lugar (BARBAGLIO, 2002, p. 39). Dessa forma, para atingir o escopo deste capítulo, usaremos referências outras que auxiliem a metodologia principal adotada nesta dissertação.

⁴³⁴ PIKAZA, 2017, p. 74-75.

⁴³⁵ BARBAGLIO, 2002, p. 62.

Em geral, o personagem petrino aparece em cenas de relevância teológica para o catequista. Além disso, o ensino do Mestre frequentemente acontece por intermédio de seus questionamentos e ações.

4.1 Pedro, fiador das tradições de Jesus e modelo real de discípulo

Embora a construção do personagem petrino comece com cenas aparentemente despretensiosas, por serem curtas, elas apresentam relevantes significados teológicos e eclesiais. Desde o início da ação ministerial de Jesus, Pedro já é destacado por ser o primeiro a aderir à causa do Mestre (Mt 4,18-20). Não o fez de qualquer maneira, mas de forma resoluta. Ao deixar *imediatamente* as redes para segui-lo (Mt 4,20), responde à altura a urgência de conversão frente à iminência da chegada do Reino, anunciada por Jesus (Mt 4,17)⁴³⁶. Dessa forma, o evangelista apresenta a resposta petrina como típica do discípulo em sua comunidade e como exemplo a ser seguido por aqueles que ainda não têm fé. Sutilmente, o discípulo começa sua caminhada numa estreita relação com o Mestre, desde o início de sua missão.

Mais adiante, “ao entrar na casa de Pedro, Jesus viu a sogra dele acamada, com febre. Tocou-lhe a mão, e a febre a deixou; ela se levantou e pôs-se a servi-lo” (Mt 8,14-15). Nesses dois versículos, a autoridade petrina como testemunha do Messias é elevada, pois o poder messiânico de Jesus manifesta-se na casa de quem se pôs a segui-lo, assim que ouviu sua convocação. Nessa perspectiva, o discípulo fala não somente do que viu acontecer a outros, mas também do que foi feito em favor dos seus. Seu testemunho se torna ainda mais crível.

Paralelamente a seu caráter testemunhal, o discípulo continua sendo um modelo a ser seguido, haja vista que o narrador quer despertar uma resposta pragmática de seus interlocutores. Ao se colocar no seguimento do Senhor, Pedro cria condições para que a salvação que Jesus veio trazer (Mt 1,21) entre em sua casa, e, conseqüentemente, possibilite que sua sogra seja miraculada e se torne diaconisa do Mestre. Desta maneira, o evangelista cria expectativa em seus narratários quanto ao que pode acontecer com eles ao se colocarem, *imediatamente*, no seguimento de Jesus.

Nessa segunda cena em que Pedro é nomeado (Mt 8,14-15), tal como na primeira (Mt 4,18-20), o ponto de vista do narrador sobre ele é positivo. Suas ações reforçam a fé dos discípulos, sendo modelo de discípulo também para os que ainda não têm fé. Ambas as cenas,

⁴³⁶ A urgência da conversão soa aos ouvidos dos narratários como urgência para que eles próprios se convertam em autênticos discípulos do Jesus Messias, haja vista que o judaísmo formativo ameaça extinguir a comunidade.

de modo aparentemente desprezível – por serem cenas curtas – apontam que se trata de um discípulo diferenciado no conjunto da catequese, ao qual se deve prestar atenção.

Mateus, no discurso missionário (Mt 10), vale-se do apóstolo para legitimar a prática missionária de sua comunidade, que, a princípio, é restrita aos judeus (Mt 10,5-6), mas, após o evento pascal, estender-se-á a todos os povos (Mt 28,19-20). A ação missionária justifica-se por ter sido ordenada por Jesus e deve ser realizada pelos Doze, em ambas as cenas. Pedro como *primeiro* discípulo-apóstolo do Senhor (Mt 10,2) é sinal inequívoco da importância do tema na catequese. Tudo o que o evangelista afirma sobre Jesus tem credibilidade por ter sido transmitido por Pedro, que foi sua testemunha auricular. Paulatinamente, o personagem petríno cresce em relevância no enredo mateano. A primazia⁴³⁷ petrina na narrativa, sobretudo, expressa a primazia teológica que tem o *primeiro* seguidor dentro das estratégias narrativas do evangelista⁴³⁸. Assim, pode-se compreender Pedro como o *primeiro* discípulo, em relevância, para a comunidade mateana. Ou seja, dentro da estratégia narrativa do evangelista, o *primeiro* apóstolo assume a primazia, dentro do grupo dos Doze, por servir melhor aos propósitos do catequista na transmissão de sua mensagem. Todavia, não se pode concluir que sua primazia no *mundo da narrativa* seja a resposta pragmática que o catequista queira ver reproduzida dentro da comunidade dos discípulos⁴³⁹. Tal compreensão contraria o conjunto do ensino de Jesus quanto às relações internas da comunidade, na qual todos são irmãos (Mt 23,8-12)⁴⁴⁰ e não chefes (Mt 20,25-27).

⁴³⁷ “Pedro tinha, sem dúvida, uma posição de destaque no cristianismo primitivo. Verifica-se, pela Bíblia, e a maioria dos exegetas admite, que Pedro exercia preeminência entre os doze e na igreja primitiva (pelo menos no âmbito palestino). Pedro dirigiu, de fato, a comunidade de Jerusalém logo após os eventos pascais (como atesta o livro de Atos em, p.ex, At 4,8; 5,29; 8,14-25; 9,32-43; 10,1-11; 12,3-17; 15,7-11). Esta comunidade, por estar situada no centro principal da religião judaica e na cidade onde aconteceram os fatos decisivos da vida de Jesus, tinha sua singular importância, além do que foi, provavelmente, a primeira comunidade cristã organizada. Mas Pedro, em verdade, só dirigiu a comunidade de Jerusalém – e de lá, talvez, toda a igreja, ainda pequena em número de comunidades – em seu início, após a ressurreição de Jesus. Depois ele partiu em missão e a direção da ekklesia em Jerusalém ficou com Tiago, sendo que Pedro, então, se subordinou a Tiago. Portanto, após sua saída de Jerusalém, Pedro foi, no máximo, dirigente de comunidades isoladas, não da igreja como um todo” (PORTELLA, Rodrigo. O múnus petríno em Mt 16,18-19: ensaio para uma hermenêutica ecumênica. *Paralellus*, Recife, v. 9, n. 20, p. 49-65, jan./abr. 2018, p. 59).

⁴³⁸ Contudo, tal primazia não o coloca acima dos demais discípulos, uma vez que as funções petrinas são praticamente as mesmas funções dos outros onze. Pedro reconhece Jesus como Filho de Deus (Mt 16,16), assim como os demais (Mt 14,33). Jesus o declara bem-aventurado (Mt 16,17), assim como os outros (Mt 11,25-27). Tem autoridade para ligar e desligar (Mt 16,19), tal como a comunidade (Mt 18,18). Diante do perigo, invoca a salvação (Mt 14,30) da mesma forma que os demais (Mt 8,25), e são repreendidos por terem pouca fé (Mt 8,26; 14,31). Foi chamado ao discipulado junto com outros (Mt 4,18-22) e teve (Mt 16,22), assim como eles (Mt 20,20-28), dificuldades para compreender que o seguimento de Jesus passa pela cruz (AGUIRRE, 2002, p. 52-53).

⁴³⁹ AGUIRRE, 2002, p. 50-51.

⁴⁴⁰ Mateus ilustra a igualdade dos membros de sua comunidade na parábola dos trabalhadores da última hora (Mt 20,1-16). Aqui “todos os chamados a trabalhar pela humanidade nova (‘a vinha’, símbolo do reino de Deus) recebem a mesma diária como salário, independentemente do momento do chamado e da fadiga do trabalho” (MATEOS; CAMACHO, 2003, p. 130).

No discurso missionário (Mt 10), para cumprir a missão dada, os Doze receberam autoridade para realizar as mesmas obras que Jesus realizou. Receberam “autoridade sobre os espíritos impuros, para que os expulsassem e curassem toda doença e toda enfermidade” (Mt 10,1). Desse modo, o enredo vai sendo construído para que seus narratários tenham certeza de que a autoridade sobre os espíritos impuros, conferida por Jesus aos Doze (dos quais Pedro é o *primeiro*), será exercida em favor deles. Essa mesma autoridade de Jesus sobre os mesmos espíritos foi exercida em favor de Pedro, quando curou sua sogra da febre (Mt 8,14-15). Logo, os narratários da catequese podem se reconhecer como beneficiários da ação missionária petrina, exercida junto dos Doze, tal como se reconhecerá como agente da mesma missão, em Mt 28,19-20.

Ainda no discurso missionário (Mt 10), Pedro é tido como protótipo de discípulo-apóstolo na comunidade e como testemunha qualificada da ação missionária exercida por ordem de Jesus. Ele é protótipo do discípulo-apóstolo por ser designado como o *primeiro* a ser instruído e enviado pelo Mestre, a fim de desempenhar a missão que ele mesmo recebeu do Pai. Esta é repassada aos discípulos e, por seu turno, à comunidade, em Mt 28,19-20. Por outro lado, Pedro é testemunha de que a ação missionária foi ordenada pelo Messias e a missão que deverá ser exercida pela comunidade é a mesma dos Doze. Portanto, o *primeiro* discípulo-apóstolo é aqui o fiador de que a comunidade mateana se reveste da mesma autoridade concedida aos Doze, tendo legitimidade para realizar as mesmas obras.

Por fim, nas três primeiras cenas petrinas, fica patente a proximidade de Pedro com Jesus. Em seu personagem, vê-se a postura típica e exemplar de adesão ao seguimento do Messias (Mt 4,18-20), os sinais de salvação, que são consequência do seguimento (Mt 8,14-15), e a premente necessidade dos discípulos de espalharem a Boa Nova do Reino (Mt 10,1-5).

4.2 A fé de Pedro como fundamento da Igreja de Jesus

A identidade de todo personagem nos evangelhos se dá mediante sua relação com Jesus, e nele com Deus⁴⁴¹. Assim sendo, Mateus desenvolve o personagem Pedro na proximidade íntima do Mestre, sendo protagonista com ele de significativas cenas. Sua importância na

⁴⁴¹ Em Mateus, os discípulos possuem uma estreita relação com Jesus. São personagens do passado que desempenham o papel singular de vincular, historicamente, as comunidades cristãs posteriores com Jesus. No grupo dos discípulos, o primeiro deles tem função inquestionável. Pedro é expressão dos discípulos do passado, mas também, sem idealismo, é a imagem do discípulo na comunidade mateana (AGUIRRE, 2002, p. 52).

catequese mateana repousa, essencialmente, em ser expressão do discípulo na Igreja e o fiador das tradições de Jesus observadas pela comunidade (Mt 16,17-19)⁴⁴².

O evangelista não tem a pretensão de apresentá-lo como modelo irrepreensível de judeu-cristão para sua comunidade, ao contrário, ele é apresentado como um modelo real⁴⁴³, é um discípulo típico⁴⁴⁴. Isto é, ele traz em si as marcas da fraqueza e virtudes dos reais seguidores de Jesus na comunidade de Mateus⁴⁴⁵. Ao mesmo tempo, essa fragilidade e a persistência petrina tornam-se fatores de identificação com a Igreja mateana, pois apresenta o autêntico discipulado de Jesus como uma realidade alcançável, apesar da pouca fé.

O reconhecimento de Jesus como Messias de Israel é a razão de existir da comunidade mateana⁴⁴⁶. Seja para justificar a fé comunitária em Jesus, seja para suscitar novos fiéis, Mateus coloca Pedro nas origens desta proclamação de fé messiânica⁴⁴⁷. Em Mt 14,22-33, nota-se o *primeiro* discípulo-apóstolo como modelo de discípulo e fiador, desde o início, do reconhecimento de Jesus como “o Filho de Deus” (Mt 14,33).

Nesse enredo episódico (Mt 14,22-33), a pequena fé petrina na palavra de Jesus é expressão da reduzida fé da comunidade, sobretudo diante das provações. Todavia, mesmo sendo escassa, ela o leva a clamar por salvação diante do perigo. Logo, a atitude do apóstolo é norteadora para a comunidade. Ela pode confiar que, como Jesus salvou seu discípulo, também a salvará. Assim, em meio aos Doze, Pedro garante a legitimidade e a eficácia da fé que a comunidade tem em Jesus, como Messias Salvador, pois sabe quem ele é.

O catequista volta ao tema do reconhecimento da identidade messiânica do Cristo, desenvolvendo-o ainda mais. Em Mt 16,13-20, o evangelista estreita os laços entre Jesus, Pedro e a comunidade mateana. Esta é a cena principal para se compreender a função petrina neste evangelho. Aqui, o *primeiro* discípulo-apóstolo – enquanto porta-voz dos Doze, ao reconhecer Jesus como “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16) – fundamenta a fé da Igreja em Jesus Messias.

⁴⁴² AGUIRRE, 2002, p. 53.

⁴⁴³ BARBAGLIO, 2002, p. 60.

⁴⁴⁴ AGUIRRE, 2002, p. 46.

⁴⁴⁵ No evangelho de Mateus “os discípulos são ‘transparentes’; ou seja, na representação dos discípulos vê-se a vida e a situação da comunidade de Mateus e os compromissos de seus membros. ‘Discípulo’ é compreendido desta forma como um termo eclesiológico, que se tornou uma designação para um seguidor de Jesus na comunidade de Mateus” (OVERMAN, 1997, p. 126).

⁴⁴⁶ MATEOS; CAMACHO, 2003, p. 121.

⁴⁴⁷ O tema da fé é de fundamental importância à catequese mateana. Sua pequenez não impede a superação das dificuldades que se abatem sobre a comunidade. Pela fé, mesmo pequena, a realidade é transformada, como exemplarmente se encontra em Mt 17,14-20, onde Jesus cura um lunático que os discípulos não conseguiram curar por serem pobres na fé.

Quando Jesus diz a Pedro: “Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, pois não foram a carne e o sangue que te revelaram isto, mas o meu Pai que está nos céus” (Mt 16,17), todo discípulo pode se considerar bem-aventurado por ter sido agraciado com uma revelação divina, isto é, por Deus lhe ter revelado quem é Jesus⁴⁴⁸. Uma vez que a fé petrina é a mesma fé da Igreja, Mateus, ao mesmo tempo em que engrandece o discípulo, valoriza sua própria comunidade, que se identifica com ele na narrativa.

O evangelista vincula, por meio de Pedro, o reconhecimento da identidade de Jesus à Igreja. As duas cenas nas quais o discípulo reconhece Jesus como Filho de Deus têm contexto eclesial, com algumas diferenças. O primeiro reconhecimento é feito pelos Doze, na barca com Jesus (Mt 14,33). Na segunda cena, Pedro fala como porta-voz dos Doze que foram questionados (Mt 16,16). A declaração específica de Jesus como Messias é feita pelo primeiro discípulo, sinalizando que, além de apenas ser possível reconhecer o Mestre como Messias na Igreja, simbolizada pelos Doze, só é possível fazê-lo com precisão seguindo os passos de Simão Pedro, exatamente o que faz Mateus.

Jesus, que tem sua messianidade reconhecida por Pedro (Mt 16,16), revela a identidade do seguidor para a Igreja. É o discípulo quem abre as portas do Reino dos Céus ao ser investido por Deus com autoridade para interpretar e transmitir a *halaká* cristã (Mt 16,17-19). Logo, os narratários do catequista podem compreender que o próprio Deus reconhece e legitima a existência da Igreja mateana com todas as suas práticas, por ser herdeira das tradições petrinhas⁴⁴⁹.

O narrador faz de Pedro o elo entre sua comunidade e as tradições do Messias Jesus⁴⁵⁰. A importantíssima função que terá o discípulo para a Igreja de Jesus (Mt 16,18-19) faz com que todas as menções a ele sejam relevantes. Uma simples pergunta que faz ao Mestre se torna mais um argumento a legitimar o próprio evangelho e a crença da Igreja em Jesus. Afinal, tem maior legitimidade ao falar em nome do Mestre o discípulo que, com ele, aprendeu e o indagou a respeito das questões relevantes para a Igreja.

⁴⁴⁸ Em Mt 11,25-27, lê-se: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isso aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos. Sim, Pai, foi assim que dispuseste na tua benevolência. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo” (Mt 11,25-27). Aqui, Jesus louva o Pai por ter revelado os mistérios do Reino dos Céus aos discípulos. Entretanto, pode-se compreender que se trata não somente dos Doze: também da comunidade mateana.

⁴⁴⁹ O poder de ligar e desligar também é concedido à comunidade, no discurso eclesial, em Mt 18,18.

⁴⁵⁰ O evangelho mateano é a melhor expressão da tradição petrina. No calor das disputas no seio da comunidade judaica, Mateus justifica e legitima sua hermenêutica pela tradição petrina, que compreende ser a interpretação legítima da doutrina de Jesus. Além de enfrentar a oposição farisaica, busca promover uma mediação entre outras correntes do cristianismo primitivo. Seu evangelho se destaca, literária e teologicamente, pelo equilíbrio e capacidade de síntese dentro do contexto judaico-cristão do primeiro século (AGUIRRE, 2002, p. 57).

Reforçando, não se pode separar o personagem petrino da Igreja. Ele não é importante por si mesmo, mas só existe literariamente em função da Igreja de Jesus. Ele não se projeta acima dela, mas é sua base. Sua condição de discípulo de primeira hora que, em meio aos Doze, testemunhou o ensino e as obras do Mestre, reconhecendo sua messianidade, faz com que o testemunho que dá se torne a rocha garantidora da solidez teológica da comunidade mateana e de sua catequese.

Em outra perspectiva, por meio da fala de Jesus (Mt 16,17-19), o evangelista, em meio às contendas com o judaísmo formativo pós-70, reforça as bases de sua comunidade. O personagem petrino, também construído invocando a memória do real discípulo Simão Pedro⁴⁵¹, tornou-se para a catequese de Mateus a rocha firme sobre a qual construiu a Igreja de Jesus, evitando que a tradição do Messias se perdesse em tempos difíceis.

Não se pode desconsiderar que o movimento de reestruturação da fé judaica, promovida principalmente pelos fariseus pós-70, centra a religiosidade do povo eleito nas Escrituras⁴⁵². Dessa forma, em meio às incertezas da comunidade judaica, Pedro é investido pelo Messias Jesus como o verdadeiro intérprete das Escrituras. E, por esse artifício, o evangelista coloca sua comunidade, e sua catequese, como herdeiras da interpretação petrina das tradições de Jesus⁴⁵³.

Nas cenas petrinas, o narrador apresenta o discípulo ora sob um ponto de vista positivo, ora negativo. No fundo, as virtudes e as limitações do discípulo são as mesmas do judeu-cristão na comunidade mateana. Mt 14,22-33 ressalta sua pouca fé. Assim, Pedro espelha a fragilidade da fé da comunidade messiânica. Em Mt 16,13-20, os narratários são incentivados a se espelharem nele, reconhecendo Jesus como Messias e se reconhecendo como membros da Igreja de Cristo. De qualquer modo, as tradições petrinas sobre Jesus são a rocha segura que fundamenta e legitima a Igreja e o evangelho que dela nasce. O que não significa dizer que a resposta pragmática que o catequista deseja suscitar seja o aparecimento de um outro primeiro discípulo na Igreja.

⁴⁵¹ Como foi exposto no primeiro capítulo desta dissertação, o personagem do texto literário é sempre um ser de ficção, mesmo que tenha sido construído inspirado em uma pessoa real. Nesse sentido, não se pode simplesmente identificar a função do personagem Pedro, na catequese mateana, com a função do discípulo-apóstolo Simão Pedro na Igreja primitiva.

⁴⁵² A Lei e os Profetas são os fundamentos da fé judaica. Sua interpretação é, naturalmente, de suma importância para todo judeu. Jesus afirma, no sermão da montanha, não ter vindo para “ab-rogar a Lei ou os Profetas” (Mt 5,17), mas cumpri-la. Ao mesmo tempo, ele atesta que “se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos céus” (Mt 5,20). Nessas duas afirmações, nota-se que o evangelista se embate com diferentes correntes teológicas antagônicas. Apoiando-se em Pedro, o catequista apresenta uma interpretação das Escrituras que evita os dois extremos. Assim, em Mt 16,19, o evangelista reivindica para sua comunidade, por meio de Pedro, a mesma autoridade de Jesus na interpretação das Escrituras.

⁴⁵³ PIKAZA, 2017, p. 88.

Dentro da estratégia literária mateana, simultaneamente, a apresentação do personagem de Jesus como o Messias de Israel, morto e ressuscitado está ligada à apresentação de Pedro como testemunha qualificada da messianidade do Mestre e fiador de seu ensino⁴⁵⁴, com todas as características típicas dos discípulos na Igreja mateana.

4.3 Pedro, fiador da *halaká* de Jesus

Mateus coloca o apóstolo em cena para usar sua autoridade, como *primeiro* discípulo de Jesus, na legitimação das orientações que faz referentes ao comportamento que sua Igreja deve adotar. O poder de ligar e desligar (Mt 16,19) é exemplificado em três cenas com a participação de Simão Pedro.

Em Mt 15,15, ele pede a Jesus maiores explicações sobre seu ensino referente às normas de purificação ritual. A resposta demonstra que a conversão à qual Jesus convoca (Mt 4,17) só será possível pela purificação dos corações, e não pela purificação das mãos (Mt 15,17-20). Aqui, a intervenção petrina legitima a mudança de perspectiva que o evangelista espera de seus interlocutores, isto é, rejeita o rigorismo farisaico.

O pagamento do imposto ao Templo é outra questão prática sobre a qual o evangelista teve que se posicionar. Em Mt 17,24-27, sutilmente o narrador diz que, para saber as práticas de Jesus, deve-se perguntar a Simão Pedro. A perícopes também explica que não é suficiente pagar o imposto, deve-se fazê-lo, a exemplo do Mestre e seu discípulo, pelas razões certas, isto é, “para não causar a queda desta gente” (Mt 17,27). Mesmo que judeus e judeu-cristãos eventualmente tenham as mesmas práticas, os seguidores de Jesus só agem assim em observância à autoridade do Cristo, que é transmitida por Pedro⁴⁵⁵.

Mais adiante, no contexto do discurso eclesial (Mt 18), a orientação prática sobre a qual Mateus lança mão de Pedro, para legitimar seu ensino da tradição cristã, versa sobre o perdão na comunidade. O ensino de Jesus a esse respeito ganha maior relevância para a comunidade por ter sido intermediado pelo discípulo que lhe era mais próximo. Em seu questionamento (Mt 18,21), mais uma vez, Pedro é o incentivador da conduta que Mateus espera que seja visível em sua comunidade. Perdão, aliás, é do que precisará o próprio discípulo após negar seu discipulado (Mt 26,69-75).

⁴⁵⁴ AGUIRRE, 2002, p. 55.

⁴⁵⁵ Além disso, a pergunta que Jesus faz a Pedro: “de quem os reis do mundo cobram impostos: dos filhos ou dos estrangeiros?”, faz alusão a sua qualidade de “Filho de Deus”, que foi reconhecida pelos Doze (Mt 14,33; 16,16). Somado isso à declaração do Mestre de que seus discípulos são seus irmãos (Mt 12,49-50), têm-se as razões pelas quais não pagar o referido imposto.

As três perícopes supracitadas (Mt 15,15; 17,24-27; 18,21) estão inseridas num contexto de interesse eclesial. Nelas o narrador, por intermédio de Pedro, objetiva explicitar a tradição de Jesus sobre questões práticas da vida dos discípulos.

4.4 Pedro, fiador da recompensa para os discípulos de Jesus

O seguimento, que também se expressa na observação de orientações práticas supracitadas (*halaká*), acarreta uma recompensa aos discípulos. Então, Pedro volta à cena para indagar ao Mestre: “Pois bem! Quanto a nós, deixamos tudo e te seguimos. Qual será a nossa recompensa?” (Mt 19,27). Essa pergunta é feita num contexto mais amplo (Mt 19,16-30), que se inicia com outra questão: “Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?” (Mt 19,16).

O catequista sabe, e deixa claro em sua obra, que o discipulado apresenta muitas dificuldades. Então, mais uma vez, Pedro é o fiador das crenças comunitárias. Garante que a comunidade mateana receberá a vida eterna como recompensa pelo discipulado (Mt 19,29), já que ele mesmo perguntou e ouviu a resposta do Mestre. Assim, a pergunta feita a Jesus no início da perícopa (Mt 19,16) é respondida na esteira da resposta dada a Pedro sobre a recompensa do discipulado (Mt 19,27.29).

O evangelista deixa claro que as práticas incentivadas em sua comunidade, tanto de pagar o imposto ao Templo (Mt 17,1-8) como de perdoar o irmão (18,21-22), podem ser seguidas, uma vez que tiveram suas origens na relação de Jesus com seu primeiro discípulo. Assim também, a garantia de salvação aos que forem fiéis no discipulado (Mt 19,27). Destarte, o catequista não legitima seu ensino em suas próprias convicções, mas na autoridade de Jesus e no testemunho de Simão Pedro, que é personagem singular para a comunidade judeu-cristã de Mateus.

4.5 Pedro, resistente à cruz de Jesus

A crucifixão e morte de Jesus são a maior dificuldade que os discípulos devem ser capazes de superar. O longo tempo que o evangelista usa para tratar do tema expõe as crises dos discípulos da Igreja mateana em compreender a morte aviltante do Mestre. Para expressar tal dificuldade, o evangelista vale-se de Pedro.

Após Jesus fazer o primeiro anúncio da paixão (Mt 16,21), Pedro demonstra sua resistência a um messias derrotado e morto como um bandido (Mt 16,22). A rude reprimenda petrina a Jesus gera uma pesada admoestação ao discípulo. O catequista deixa claro, em Mt

16,13-28, que não se pode separar o Messias da cruz e que negá-la é criar obstáculo à salvação. Assim, a advertência não é somente ao personagem petrino, mas a todos na comunidade mateana que se prendem à imagem de um messias exclusivamente glorioso.

O tema da paixão junto com o da identidade messiânica de Jesus estão no cerne da obra mateana⁴⁵⁶. Por isso, Mateus volta a esses assuntos no episódio da transfiguração (Mt 17,1-8), e mais uma vez Pedro está em cena. Aqui é o próprio Deus quem reconhece Jesus como seu filho (17,5b). A voz divina saída da nuvem luminosa ordena que os discípulos ouçam o Filho bem-amado, escolhido do Pai.

Esse enredo episódico está inserido no quarto bloco narrativo (Mt 16,21-20,34), cujo objetivo é esclarecer o significado da morte e da ressurreição de Jesus para os discípulos. Nesse contexto, Pedro dá voz àqueles que têm dificuldades em abandonar a imagem de um messias apenas glorioso e se opõem à cruz de Cristo. A interrupção na fala petrina, feita pela voz vinda da nuvem luminosa (Mt 17,5a), representa a necessidade de se mudar a compreensão que os discípulos, e neles os narratários da catequese, têm do messias. Isto é, Pedro vocaliza o conceito messiânico que deve ser abandonado.

A dura reprimenda do Messias a Pedro (Mt 16,23) e a interrupção de sua fala no alto da montanha (Mt 17,5) deixam visível a mentalidade típica do judeu-cristão que deve ser mudada. Afinal, o verdadeiro discípulo de Jesus o reconhece como Messias crucificado (Mt 16,24).

Adiante, Mateus recoloca Pedro em cena para lidar, novamente, com o tema da paixão. A salvação prometida aos discípulos (Mt 19,27) está condicionada a esse tema. Doravante, o personagem petrino é narrado como o discípulo que nega a cruz, que todo seguidor de Jesus Messias precisa assumir (Mt 16,24).

Para a compreensão do personagem Pedro, a cena da negação (Mt 26,69-75) é tão central na catequese mateana quanto a declaração de Jesus de que sua Igreja será edificada sobre o *primeiro* dos apóstolos (Mt 16,18). Ambas demonstram não somente aspectos diametralmente opostos do discípulo, mas também da comunidade mateana, o que facilita a identificação desta com o apóstolo. Assim, a história de Pedro, narrada diante da paixão de Jesus, pode se confundir com a história de vários discípulos nesta comunidade diante do mesmo evento.

Até esse momento, Mateus envolve o discípulo em cenas que aumentam a tensão narrativa preparando a negação (Mt 26,30-35) e demonstrando a inconsciência do discípulo quanto à sua fragilidade (Mt 26,36-46).

⁴⁵⁶ BARBAGLIO, 2002, p. 42.

Na primeira cena (Mt 26,30-35), diante da delicadeza do tema da paixão, o narrador mostra que Jesus está plenamente consciente de tudo que lhe acontecerá e aos seus discípulos. Isto é contrastado com a falsa consciência de Pedro, que crê que não terá sua fé abalada. Na segunda cena (Mt 26,36-46), o sono do discípulo, na iminência do desencadeamento das ações que levarão o Messias à morte, é contrastado com a vigília angustiante de Jesus, que sabe o quanto sofrerá e também do resultado de sua paixão para seus discípulos.

As duas cenas expressam a distância que separa o Mestre do discípulo. Pedro, ao desmentir Jesus (Mt 26,30-35) e dormir enquanto devia estar vigiando (Mt 26,36-46), tem atitudes que negam seu discipulado. A vocalização da negação, na cena seguinte (Mt 26,69-75), completa o que já estava em curso.

Efetivada a prisão do Cristo (Mt 26,47-68), o narrador mostra Pedro no pátio do palácio do Sumo Sacerdote (Mt 26,58.69-75). Ao ser “acusado” de ser discípulo do Galileu, é tomado pelo medo, isto é, pela pouca fé (Mt 14,31), e nega seu discipulado. A pobreza da fé é uma marca indelével do personagem petrino. Por outro lado, a pressão que Simão Pedro sentiu faz alusão à pressão sofrida pelos judeu-cristãos, no contexto da reorganização da fé judaica pelo judaísmo formativo, para que abandonassem uma corrente do judaísmo aparentemente pouco promissora.

Contudo, tanto para Pedro quanto para todo discípulo da comunidade de Mateus, a negação do discipulado não significa o fim⁴⁵⁷. O choro amargurado – após recordar as palavras de Jesus quanto à sua negação – representa o arrependimento dos seguidores de Jesus na comunidade mateana que negaram seu discipulado. Esse choro amargurado aponta a perspectiva de um recomeço junto do Ressuscitado (Mt 28,10).

Embora o discípulo não seja mais nomeado pelo narrador, ele não sai de cena. Permanece e vai ao encontro do Messias, junto dos outros discípulos, na montanha indicada (Mt 28,16). Portanto, o discipulado continua porque a Igreja tem fé, mesmo que alguns nela ainda tenham dúvidas (Mt 28,17).

A presença dos Onze, e Pedro entre eles, na montanha da Galileia, significa que o discípulo continua obediente à palavra de seu Mestre. Foi sua fé, mesmo sendo pouca, que o levou à montanha para o encontro com o Ressuscitado. Apesar de ter negado o discipulado, Simão Pedro é testemunha da ressurreição⁴⁵⁸. Mateus finda sua Boa Notícia com uma

⁴⁵⁷ O descalabro do discipulado é expresso por Mateus no suicídio de Judas Iscariotes (Mt 27,3-5).

⁴⁵⁸ O evangelista que coloca Pedro como testemunha relevante do ensino de Jesus não lhe dá nenhum destaque especial para a cena da ressurreição. Com isso, ressalta, nos Onze, a comunidade como testemunha do Messias Ressuscitado.

mensagem de esperança (Mt 28,16-20). É um convite aos membros de sua comunidade para superarem o escândalo da cruz e se reencontrarem com o Messias, agora ressuscitado. Sendo que o reencontro se dá da mesma forma que se deu com Pedro, ou seja, em comunidade. É na Igreja, fundada sobre a fé e o testemunho do *primeiro* dos discípulos, que se vive a fé em Jesus, o Messias morto e Ressuscitado.

4.6 Conclusão

Ao longo da catequese narrativa de Mateus, o narrador utiliza variadas estratégias para envolver seus narratários e suscitar neles uma reação positiva em face a Jesus, enquanto Messias de Israel. Pedro figura nesse evangelho como um personagem estratégico para alcançar o escopo desse ensinamento narrativo, isto é, reforçar a fé em Jesus ou suscitá-la naqueles que ainda não a têm.

A narrativa constrói um mundo complexo, literário e ficcional, onde os narratários podem habitar⁴⁵⁹. Assim, o narrador intenciona afetar de tal forma seus interlocutores para que se sintam impelidos a reagir ao que é narrado. Essa voz narrativa não se prende à historicidade dos fatos narrados, mas a seu significado para os ouvintes/leitores. Desta forma, no “mundo do texto” construído por Mateus, Pedro, na condição de discípulo de Jesus, tem a função de levar os narratários a se compreenderem, reconhecerem, nele⁴⁶⁰. Ao longo da história, os membros dessa comunidade podem se enxergar nas atitudes e nas palavras, nos erros e nos acertos, na fé e no medo do primeiro discípulo do Senhor⁴⁶¹. A intenção do narrador é a de que todos que tiverem contato com sua catequese narrativa possam vislumbrar, no personagem do primeiro discípulo de Jesus, uma relação possível com o Mestre, mesmo que tal relação esteja distante da ideal⁴⁶².

⁴⁵⁹ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977, p. 56-57.

⁴⁶⁰ RICOEUR, 1977, p. 58-59.

⁴⁶¹ Ricoeur, ao falar sobre a identidade pessoal, desenvolveu o conceito de identidade narrativa, que é “a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica (...). O termo ‘identidade’ é aqui tomado no sentido de uma categoria da prática. Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: Quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio. Mas qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta só pode ser narrativa. Responder à questão ‘quem?’ (...) é contar a história de uma vida” (RICOEUR, 1997, p. 424). Segundo ele, as narrativas literárias auxiliam na construção da identidade pessoal quando o leitor reconhece na história contada não somente algo do passado, mas a sua própria história, e, como resposta pragmática a essa leitura, dá continuidade, em seu tempo presente, à narrativa que ouviu sobre o passado. Assim, os narratários do Evangelho de Mateus podem ter a mesma resposta pragmática a que se refere Ricoeur. Isto é, eles podem reconhecer nas narrativas petrinhas a própria história, e continuar em seu discipulado apesar de suas falhas.

⁴⁶² MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 83-84.

Progressivamente, Mateus constrói o personagem petrino repleto de palavras e de ações que refletem, paradoxalmente, as incongruências e congruências de um discípulo de Jesus na comunidade mateana. Ele é um personagem redondo e dinâmico, possuindo diferentes características e passando por profundas mudanças ao longo da narrativa.

Em todas as cenas em que Pedro tem protagonismo junto com seu Mestre entrando em atrito com ele, o tema da paixão se faz presente. Aliás, esse tema demanda muito tempo narrativo na catequese. Assim, a paixão de Jesus é o grande obstáculo para o discipulado petrino e, por conseguinte, para os discípulos da Igreja mateana (Mt 26,69-75).

Embora Pedro aja, algumas vezes, de modo reprovável, o ponto de vista da narrativa com relação a ele não é negativo. O narrador não induz seus interlocutores contra o discípulo, como faz em relação aos fariseus e a Judas Iscariotes. Pelo contrário, o discípulo, junto aos outros, encontra-se com o Mestre na Galileia, após a ressurreição (Mt 28,16). Isto demonstra o ponto de vista favorável do conjunto da narrativa em relação a Simão.

Finalizando, no plano literário, a importância do personagem petrino para Mateus repousa em sua relação especial com o Jesus terreno e na promessa que recebeu dele (Mt 16,17-19). Isto é, ser o fiador das tradições do Messias Jesus, que são expressas pelo evangelho mateano⁴⁶³. Ao mesmo tempo em que suas características controversas são expressões dos discípulos da comunidade messiânica de Mateus, são também o que facilita os narratários a entrarem no “mundo do texto” e a se identificarem com Pedro e os Doze. Assim, eles podem reconhecer na história narrada de Pedro a própria história. Pragmaticamente, podem dar continuidade no tempo presente, ou seja, na própria história, ao que ouviram ser narrado no passado⁴⁶⁴. Isto é, todo narratário pode, apesar de seus equívocos, continuar seu discipulado do Messias, agora Ressuscitado (Mt 28,20).

⁴⁶³ Ele é o transmissor por excelência da nova interpretação que Jesus faz da Lei. É, consequentemente, quem vincula histórica e teologicamente a comunidade mateana ao Messias Jesus, “o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16). Como a literatura bíblica preza muito a tradição, o discípulo, enquanto testemunha das obras, ensino e ressurreição de Jesus, legitima as pretensões da comunidade de Mateus. Uma vez que Jesus prometeu estar junto a seus discípulos “todos os dias, até a consumação dos tempos” (Mt 28,20), Pedro garante a presença de Jesus junto à Igreja mateana (AGUIRRE, 2002, p. 54-55).

⁴⁶⁴ Nessa perspectiva, segundo Parmentier, “as narrativas nunca estão acabadas, e cada ouvinte dispõe da possibilidade de apoderar-se delas para prosseguir a narração. A narratividade favorece a plurivocidade e a polissemia” (PARMENTIER, 2009, p. 206).

CONCLUSÃO

Nas páginas bíblicas, se encontra grande número de narrativas que foram construídas a partir da história do povo eleito. A atenção de seus autores não se fixou em narrar com precisão os fatos tal como aconteceram, mas sob o ponto de vista da fé em seu Deus. As narrativas bíblicas são interpretações religiosas dos fatos. Sua intenção não é se prender ao passado, mas buscar inspiração para o momento presente.

Com o passar dos séculos, o desafio de interpretar o mais corretamente possível as Sagradas Escrituras aumenta. A *análise narrativa bíblica* é uma das mais recentes respostas a esse desafio. Seu objetivo é estudar a Bíblia como literatura. Tal método é uma derivação da narratologia, que analisa os relatos a partir de um novo conceito do texto. Com as ferramentas dessa metodologia, a tarefa de compreender o personagem Pedro no Evangelho de Mateus foi empreendida.

Deste modo, vimos que Mateus, diante de difícil realidade, buscou inspiração no passado para iluminar sua comunidade. Narra com liberdade e fidelidade a história de Jesus e incentiva seus irmãos de comunidade a permanecerem fiéis àquele que reconheceram como Messias de Israel.

Na catequese mateana, o personagem Pedro exerce relevante função. O narrador o apresenta como o discípulo que mais interage com o Mestre. Entretanto, seu interesse não repousa nas características pessoais da figura histórica de Simão, e sim no fato de ser para os narratários um modelo de relação possível com Jesus. Em suma, Pedro possibilita aos ouvintes/leitores da catequese se apropriarem da narrativa petrina, a fim de dar-lhe continuidade em suas vidas. Por outro lado, o discípulo evoca a memória de uma figura histórica, íntima do Mestre, de prestígio na comunidade, cuja função também é legitimar as pretensões do evangelista em sua obra.

Assim, chega-se a duas conclusões sobre o personagem Pedro. Primeiro, ele é o protótipo dos discípulos de Jesus na comunidade mateana. Esse artifício possibilita que seus narratários se reconheçam nas narrativas petrinas, e, o que nos parece mais importante, apesar dos escândalos, rumem ao encontro do Messias Ressuscitado (Mt 28,16).

Pedro transmite uma mensagem realista de esperança e persistência no discipulado do Mestre, tendo em vista a iminência da chegada do Reino dos Céus, seguindo um itinerário de altos e baixos no discipulado, marcado por compreensão e incompreensão, por aceitação e refutação da palavra do Mestre, por engajamento e negação. Contudo, sem chegar à deserção que se vê em Judas Iscariotes, com seu suicídio.

Como segunda conclusão, vê-se que, na obra mateana, o personagem Pedro é fiador das tradições sobre o Jesus Messias. Em outros termos, é uma das referências, balizas ou códigos, utilizadas pelo narrador para legitimar sua catequese sobre o ensino e as práticas de Jesus. Para atingir tal objetivo, o evangelista, repetidas vezes, apresenta o discípulo como porta-voz dos Doze ou como intermediário do ensino de Jesus sobre questões práticas relevantes para seus narratários. Em suma, ele protagoniza junto com o Mestre cenas relevantes para a instrução eclesial.

O personagem Pedro cresce consideravelmente nas cenas em que se busca elaborar a morte ignominiosa do Mestre. Para uma cultura religiosa que valoriza muito suas antigas tradições, ele funciona como elo entre o Jesus terreno e a Igreja mateana, garantindo que os discípulos do tempo da composição do Evangelho de Mateus, efetivamente, sigam as tradições de Jesus. Desta forma, realmente, Pedro é a pedra sobre a qual Mateus narrou sua catequese sobre Jesus Messias.

Finalizando, compreendemos que a pesquisa sobre o primeiro discípulo de Jesus, bem como sobre o discipulado, é necessária para que não se perca a essência do seguimento cristão, com as intempéries que cada época e lugar enfrentam.

O cenário eclesial no qual vivemos é demasiado complexo e vem se transformando rapidamente. Observamos, há várias décadas, um declínio da participação dos fiéis nas igrejas concomitantemente à perda de relevância das instituições religiosas como atores políticos de forte influência social. Contudo, é nítido o crescimento de vários movimentos religiosos conservadores no seio dessas mesmas instituições religiosas. Assim também crescem os que dizem ser necessário uma certa revisão das “tradições” religiosas, adequando-as mais às novas realidades sociais e valores morais⁴⁶⁵. Por toda parte se busca compreender o porquê da perda de relevância social que a religião vem sofrendo ou onde errou ao tentar cumprir a ordem do mestre: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado, ensinando-os a

⁴⁶⁵ “A fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Isto, por um lado, é o resultado de uma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por outro, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para as suas necessidades. Estes movimentos religiosos, que se caracterizam pela sua penetração sutil, vêm preencher, dentro do individualismo reinante, um vazio deixado pelo racionalismo secularista. [...] O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude” (FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 55-57).

guardar tudo que vos ordenei” (Mt 28,19-20). Em suma, a realidade sociocultural hodierna força-nos a perguntar o que é ser discípulo de Jesus hoje. Assim sendo, é premente compreender neste tempo de crise como a figura de Pedro pôde ajudar os cristãos do primeiro século a viver sua fé e como pode fazê-lo hoje.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Rafael. Pedro en el evangelio de Mateo. In: AGUIRRE, Rafael (Org.). *Pedro en la Iglesia primitiva*. 2.ed. Stella: Verbo Divino, 2002. p. 43-59.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- BARBAGLIO, Giuseppe. O evangelho de Mateus. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (I): Mateus e Marcos*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 35-420. (Bíblica Loyola 1)
- BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 1994.
- CARTER, Warren. *O evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- DEBERGÉ, Pierre. *São Pedro*. São Paulo: Loyola, 2009.
- DOOLEY, Roberto A; LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula. A cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014.
- GALLAZZI, Sandro. *O Evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninhos*. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Editora Santuário, 2013.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- GNILKA, Joachim. *Pedro e Roma: a figura de Pedro nos dois primeiros séculos*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Bíblia e história: Série maior).
- GOMES, João Batista. *O judaísmo de Jesus: o conflito Igreja-Sinagoga no Evangelho de Mateus e a construção da identidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2009. (Coleção Faje)
- LEONEL, João. *Pedro como personagem no evangelho de Mateus: complexidade e inversão*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 164-182, jan./mar. 2014.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo I: Mt 1–7*. 2.ed. Salamanca: Sigueme, 2001a. (Biblioteca de Estudios Bíblicos).

LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo II: Mt 8–17*. Salamanca: Sigueme, 2001b. (Biblioteca de Estudios Bíblicos).

LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo III: Mt 18–25*. Salamanca: Sigueme, 2003. (Biblioteca de Estudios Bíblicos).

LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo IV: Mt 26–28*. Salamanca: Sigueme, 2005. (Biblioteca de Estudios Bíblicos).

MALINA, Bruce J.; ROHRBAUGH, Richard L. *Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2018. (Bíblia e sociologia)

MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MARGUERAT, Daniel. *O ponto de vista: Olhar e perspectiva nos relatos dos evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2018.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. 3.ed. São paulo: Paulus, 2003.

MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: Bíblia e interpretação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Loyola, 2013.

OVERMAN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997.

PARMENTIER, Elisabeth. *A escritura viva: Interpretações cristãs da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2009.

Pontifícia Comissão Bíblia. *A interpretação da Bíblia na Igreja: discurso de sua santidade o papa João Paulo II e documento da Pontifícia Comissão Bíblica*. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIKAZA, Xabier. *Evangelio de Mateo: de Jesús a la Iglesia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2017.

PORTELLA, Rodrigo. O múnus petrino em Mt 16,18-19: ensaio para uma hermenêutica ecumênica. *Paralellus*, Recife, v. 9, n. 20, p. 49-65, jan./abr. 2018.

- RAVASI, Gianfranco. *Interpretar a Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- RESSEGUIE, James L. *Narratologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia Editrice, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.
- RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus. In: RICOEUR, Paul. *Leituras 3: Nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 181-204.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.
- RICOEUR, Paul. *Amor e justiça*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- RIERA I FIGUERAS, Francesc. *El Evangelio de Mateo: el difícil consenso en una Iglesia plural: el Jordan, Galilea, hacia Jerusalen (Mt 3-20)*. Santander: Sal Terrae, 2009. (Pastoral)
- SALDARINI, Anthony. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SKA, Jean-Luis. *A palavra de Deus na narrativa dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005.
- SKA, Jean-Luis. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio (Org.). *Metodologia do Antigo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2011. p. 131-158. (Bíblica Loyola, 28)
- SKA, Jean-Luis. *Antigo Testamento: 1 Introdução*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- VIEIRA, Geraldo Dondici. *Ide e fazei discípulos meus todos os povos: teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- VITÓRIO, Jaldemir. O discipulado cristão segundo Mateus: a figura de José (Mt 1,18-25). *Convergência*, Brasília, v. 39, n. 378, p. 589-607, 2004.
- VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Bíblia como literatura)
- VITÓRIO, Jaldemir. *Lendo o evangelho de Mateus: o caminho do discipulado do Reino*. São Paulo: Paulus, 2019. (Lendo a Bíblia)
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- ZUMSTEIN, Jean. *Mateus, o teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990.